



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
MARIA CRISTINA CARPES

A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM NA INSCRIÇÃO PSÍQUICA NO *INFANS*

Florianópolis
2018



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
MARIA CRISTINA CARPES

A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM NA INSCRIÇÃO PSÍQUICA NO *INFANS*

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Eugênio Maliska.

Florianópolis

2018

C29 Carpes, Maria Cristina, 1960-
A violência da linguagem na inscrição psíquica no infans / Maria
Cristina Carpes. – 2018.
173 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-
graduação em Ciências da Linguagem.
Orientação: Prof. Dr. Maurício Eugênio Maliska

1. Psicolinguística. 2. Linguagem e línguas - Aspectos psíquicos. 3.
Linguagem e emoções. 4. Linguagem e línguas. I. Maliska, Maurício
Eugênio, 1975-. II. Universidade do Sul de Santa Catarina. V. Título.

CDD (21. ed.) 401.9

Ficha catalográfica elaborada por Carolini da Rocha CRB 14/1215

MARIA CRISTINA CARPES

A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM NA INSCRIÇÃO PSÍQUICA NO INFANS

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutora em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

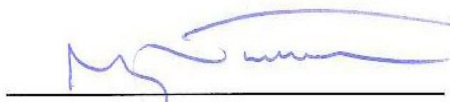
Palhoça, 26 de julho de 2018.



Professor e orientador Mauricio Eugênio Maliska, Doutor.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professor Luciano da Fonseca Elia, Doutor
Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Marlos Gonçalves Terêncio, Doutor
Ministério Público de Santa Catarina



Professora Maria Marta Furlanetto, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Andreia da Silva Daltoé, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Ao Marcelo e
Ao Eduardo.

AGRADECIMENTOS

Ao Maurício Eugênio Maliska, que no entrecruzamento de duas profissões impossíveis – educar e psicanalisar –, fez orientação.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL – docentes, discentes e servidores, por ser o espaço de tantas pluralidades que possibilitou o trilhamento do meu caminho singular.

A todos os pacientes que possibilitaram uma escuta.

Aos professores membros da banca, pelo espaço privilegiado de discussão sobre a pesquisa realizada.

À Débora Sônego Búrigo, amiga para todas as horas.

À Carla Sussenbach, pela amizade, hospitalidade e compartilhamento de experiências.

Aos familiares e amigos, que escutaram e suportaram meu recolhimento no trabalho da Tese.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da Bolsa de Estudos que incentivou a minha pesquisa.

Muito Obrigada!

“Existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável - um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido.” (FREUD, 1987 [1900], p.132).

“Há uma orientação, mas essa orientação não é um sentido. [...] A orientação do real, no território que me concerne, foracui o sentido.” (LACAN, 2007 [1975-1976] p. 117).

RESUMO

Esta tese trata de analisar a violência da linguagem na constituição psíquica do *infans*, como um operador necessário para o ingresso da linguagem no *infans* e a sua constituição como sujeito de desejo. A violência da linguagem, em questão, é a linguagem materna que ingressa no *infans*, como um excesso, que o afeta e impõe modificações, como também, exige um trabalho psíquico para dar conta disso que lhe acontece e que o constitui. Nesta análise, faz-se um percurso metapsicológico dos conceitos psicanalíticos do trauma, pulsão e representação, para apresentar à análise a *lalangue* – conceito introduzido por Lacan – como da ordem da violência da linguagem, em que a mãe vocaliza ao *infans* os excessos de uma língua materna, em que o real forclui o sentido da fala. A violência da linguagem também é analisada na perspectiva de Piera Aulagnier. A violência primária ocorre num momento da vida do *infans* em que não há ingresso do significante materno, pois, no processo originário, não há traço, há impressão. Aí se pôde pensar em um momento de funcionamento psíquico, em que o real se mostra numa predominância da presença, em constante ação. Além das articulações teóricas, também são apresentados fragmentos clínicos, para mostrar a emergência da violência da linguagem no espaço psicanalítico, além dos operadores clínicos para operar com o real da língua.

Palavras-chave: Violência da linguagem. Inscrição psíquica. *Infans*.

ABSTRACT

This thesis tries to analyze the violence of language in the psychic constitution of the infans, as a necessary operator for the entry of language in infans and its constitution as subject of desire. The violence of language, in question, is the maternal language that enters the infans, as an excess, which affects and imposes modifications, but also requires a psychic work to account for what happens to it and what constitutes it. In this analysis, a metapsychological course of the psychoanalytic concepts of trauma, instinct and representation is presented, to present to the analysis the *lalangue* - concept introduced by Lacan - as of the order of language violence, in which the mother vocalizes to infans the excesses of a mother tongue, in which the real forclines the meaning of speech. The violence of language is also analyzed from the perspective of Piera Aulagnier. Primary violence occurs at a moment in the life of the infants in which there is no entrance of the maternal signifier, because, in the original process, there is no trace, there is impression. There we could think of a moment of psychic functioning, in which the real shows itself in a predominance of presence, in constant action. In addition to the theoretical articulations, clinical fragments are also presented to show the emergence of language violence in the psychoanalytic space, as well as clinical operators to operate with the real language.

Keywords: Violence of language. Constitutions psychic. *Infans*

RÉSUMÉ

Cette thèse essaye d'analyser la violence du langage dans la constitution psychique de l'infans, comme opérateur nécessaire pour l'entrée du langage dans l'infans et sa constitution en tant que sujet de désir. La violence du langage en question est la langue maternelle qui se joint à l'infans, comme un excès, que on affecte et impose des changements, mais aussi exige un travail psychique pour rendre compte de ce qui se passe et que on constitue. Dans cette analyse, il y a un chemin métapsychologique des concepts psychanalytiques de traumatismes, pulsion et de représentation, pour présenter à l'analyse la langue - concept introduit par Lacan – comme de l'ordre de la violence du langage, où la mère vocalise au infans les excès d'une langue dans lequel le réel forclus le sens de la parole. La violence du langage est également analysée du point de vue de Piera Aulagnier. La violence primaire se passe dans un moment de la vie de l'infans, où il n'y a pas d'entrée du signifiant maternelle, car dans le processus d'origine il n'y a pas de trace, il y a impression. Là on pourrait penser à un moment du fonctionnement psychique, où le réel montre une prédominance de la présence, dans l'action constante. En plus des liens théoriques, il a été également présenté des fragments cliniques pour montrer l'émergence de la violence du langage dans l'espace psychanalytique, ainsi que les opérateurs cliniques pour travailler avec le réel de la langue.

Mots-clés: Violence du langage. Constitution psychique. Infans.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	UM PERCURSO PARA PENSAR A CONSTITUIÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO	23
2.1	O TRAUMA.....	23
2.1.1	O excesso no trauma	24
2.1.2	O corpo sempre em cena.....	29
2.2	A PULSÃO	31
2.2.1	Construindo o conceito	32
2.2.2	Triebrepräsentanz [representante da pulsão].....	34
2.2.3	Os pares pulsionais.....	38
2.2.4	O narcisismo.....	42
2.3	A REPRESENTAÇÃO	46
2.3.1	A <i>Vorstellung</i>	46
2.3.2	<i>Vorstellungsrepräsentanz</i> – [representante de representação]	48
2.3.3	Impressão e traço	50
2.3.4	O encontro com o real.....	54
3	LALANGUE.....	56
3.1	O INCONSCIENTE COMO <i>LALANGUE</i>	56
3.2	<i>LALANGUE</i> – UM MODO SINGULAR DE FAZER EQUÍVOCOS	60
3.3	UMA MIRADA EM SAUSSURE	62
3.4	A TOPOLOGIA	64
3.5	O IMPOSSÍVEL DA <i>LALANGUE</i> E DA RELAÇÃO SEXUAL.....	69
3.6	A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM É DA ORDEM DA <i>LALANGUE</i>	75
4	A VOZ	82
4.1	A INVOCÇÃO PULSIONAL	82
4.2	A SONATA MATERNA.....	83
4.3	A VIOLÊNCIA DO SIGNIFICANTE MATERNO	85
4.4	O SIGNIFICANTE SIDERANTE.....	87
4.5	A VIBRAÇÃO DO CORPO DO INFANS RITMADO PELA VOZ MATERNA	88
4.6	O FURO DO TRAUMA NO <i>INFANS</i>	90
4.7	RECALQUE PRIMÁRIO: OPERAÇÃO QUE FUNDA O INCONSCIENTE	94
4.8	A FALA	98

5 A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM.....	103
5.1 O PROCESSO ORIGINÁRIO E A REPRESENTAÇÃO PICTOGRÁFICA.....	104
5.2 A VIOLÊNCIA PRIMÁRIA.....	110
5.3 O PROCESSO PRIMÁRIO	120
5.4 AS TEORIAS SEXUAIS INFANTIS	131
6 A OPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM NA CLÍNICA	
PSICANALÍTICA.....	137
6.1 REALINGUAGEM.....	137
6.2 O NÓ BORROMEANO E A TOPOLOGIA	141
6.3 A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM.....	146
6.4 O <i>SINTHOME</i>	150
7 CONCLUSÃO	155
REFERÊNCIAS.....	161
ANEXOS	166
ANEXO A – O NÓ BORROMEANO	167
ANEXO B – A DEMANDA E O DESEJO, FIGURADOS PELO TORO	168
ANEXO D - UM SIGNIFICANTE E OS OUTROS, FIGURADOS PELA GARRAFA	
DE KLEIN.....	170
ANEXO E – O SUJEITO EM SUA RELAÇÃO COM O OBJETO (FANTASIA),	
FIGURADO PELO CROSS-CAP (ESFERA PROVIDA DE UM CROSS-CAP).....	171
ANEXO F – O OITO INTERIOR.....	172
ANEXO G – AS FÓRMULAS DE SEXUAÇÃO	173

1 INTRODUÇÃO

A violência da linguagem na inscrição psíquica no infans, tema desta tese, surge do interesse em estudar o ingresso do *infans* na linguagem, haja vista que, em psicanálise, este tema diz respeito à constituição psíquica do sujeito, área de um renovado interesse de estudo pela relevância que se apresenta no fazer clínico da psicanálise.

A cena analítica se pauta nas regras apresentadas por Freud (1969 [1912]), relativas à *associação livre* e *escuta flutuante*; diante delas, o analisante, encorajado pela associação o mais livre possível, mostra, sem saber, no encontro com aquele que o escuta, a emergência do inconsciente, nosso palco de análise, conforme a proposta de Lacan (2003 [1972]), na estrutura como uma linguagem.

Assim é que se concebe a realização desta tese, na aposta de afinar a escuta na flutuação do que aparece da violência da linguagem, conceito cunhado por Piera Aulagnier, de um enunciado que não faz laço na cadeia associativa e se mostra pictograficamente, mais especificamente, na especularização recíproca entre o espaço psíquico e o espaço extrapsíquico. Dessa forma, o interesse investigativo desta tese é analisar a violência da linguagem no *infans*, para articular sua emergência na cena analítica do sujeito do inconsciente.

Não se trata, pois, de focar o estudo no tratamento analítico com crianças, mas com os sujeitos falantes que, no espaço clínico, mostrarão marcas desta violência constitutiva da linguagem. Tampouco a intenção é percorrer o caminho feito por Piera Aulagnier (1979, p.20), na clínica de psicóticos, mas valer-se das suas formulações sobre o processo originário e a produção pictográfica, onde ocorre a violência da linguagem.

A autora marca suas divergências com a teoria lacaniana, considera que no processo originário, o *infans*, por meio de imagens, se inscreve no mundo das representações, ou seja, a representação pictórica ignora a dualidade (psique do bebê e mundo) que a compõe e engendra sua própria imagem de forma unificada. Essas produções vindas de fora do psiquismo é que serão autoengendradas no *infans* e que formarão imagens representadas como unificadas, conforme será visto mais adiante, no capítulo 5, *A violência da linguagem*.

Diante disso, pode-se considerar que o processo originário proposto por Piera Aulagnier (1979, p.107) é anterior ao ingresso do significante no *infans* e, também, ao próprio inconsciente. Nesta que é a primeira forma de representação do *infans* ao nascer, para dar conta do desprazer do excesso que marca a violência do discurso materno, o intento é formar uma imagem que una o incipiente psiquismo do *infans* ao objeto. A autora considera que o *eu*

do *infans*, que terá entrada no processo primário, estará diretamente relacionado ao significante, contudo, “[...] o originário ignora o significante, ainda que neste último permaneça o atributo necessário para que o objeto se preste a metabolização radical que o processo lhe faz sofrer.”.

Com os estudos de Freud (1974 [1914]), sabe-se que o bebê, ao nascer, do ponto de vista psíquico, encontra-se em uma posição de desamparo que o coloca na dependência de quem exerça a função materna. Dessa forma, aliada à dependência para a sua sobrevivência biológica, o *infans* encontra-se também em uma condição de sujeição para a sua constituição psíquica, uma vez que o *eu* não está presente desde o nascimento, antes dele, o sujeito do inconsciente – conceito introduzido por Lacan – irá advir, que na sua nomeação, já será cobrado no ingresso para a linguagem. Sendo assim, a mãe precisará estar em ato, enquanto sujeito desejante, para que o *infans* passe a ser um sujeito da linguagem.

Na articulação teórica que se desenha nesta tese, a violência da linguagem, enquanto operatória constitutiva do aparelho psíquico, antecedente ao inconsciente, tem a violência da linguagem materna como condição para a representação psíquica do *infans*. Contudo, neste processo inaugural de representação, defendido por Aulagnier como proposta metapsicológica, o espaço psíquico ainda não está envolvido como uma estrutura de linguagem, mas como a gênese do aparelho psíquico do *infans*.

A linguagem como uma estrutura que, na trama do inconsciente, revela os desdobramentos do sujeito psíquico, é introduzida nos estudos psicanalíticos por Lacan (1988 [1957]). Deste momento originário, do nascimento do sujeito psíquico, o autor considera a prematuridade do bebê e fala da antecipação imagética que este formará, como uma unidade, à custa de uma alienação de si, diante do desejo da mãe.

Para surgir um sujeito do desejo, o custo a pagar é a sua divisão e ser, para sempre, faltante dessa unidade perdida. Convém pontuar que desta divisão do sujeito, o corte que institui a divisão, também ocasiona um pedaço que cai da totalidade imaginária – o objeto *a*, nomeado por Lacan como objeto causa de desejo. Vanier (2005), seguindo o ensinamento de Lacan, entende o sujeito constitutivamente dividido. É dividido porque ele não existe como uma unidade/totalidade. Além disso, é dividido entre consciente e inconsciente e nas dimensões imaginária e simbólica.

A violência da linguagem, dentro desse contexto, no ensino de Lacan, imprime a marca de um evento traumático pela prematuridade do aparelho psíquico do *infans*, bem como pela intensidade do investimento materno. O desamparo, a fragilidade do sujeito psíquico, na

sua origem, traz a antecipação imagética de uma unidade do *infans* para fazer frente às suas faltas.

Para Piera Aulagnier (1979), os excessos que são oferecidos ao *infans* pela mãe, como os excessos de sentido, de cuidados e de proteção, para fazer frente aos excessos de excitação e desprazer do bebê, excedem em muito a resposta do bebê. Assim, a palavra materna excede o limiar de assimilação do *infans*. O discurso materno, na sua constituição, se apresenta no excesso da possibilidade de assimilação para o bebê. Desta forma, o discurso materno violenta o espaço do *infans* na sua corporeidade, nas suas primeiras representações psíquicas no processo originário.

Há, nessa perspectiva, uma cena originária que possibilita a vida psíquica do bebê, ao mesmo tempo que viola o seu espaço interno. A mãe exerce a função de porta-voz do filho, sem que este tenha ainda condições de dar sentido ao que vem do seu exterior. Bergès e Balbo (2001) indicam que a erotização impulsiona a criança a querer saber sobre o seu *eu* corporal. Os autores partem das postulações freudianas em *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* (FREUD, 1976 [1908]), que são concepções espontâneas criadas por todas as crianças para dar conta da erotização do seu corpo e a curiosidade sobre suas origens. Desta forma, as teorias sexuais infantis são um saber construído pela criança sobre suas origens, como possibilidade de se colocar como sujeito desejante, para fazer frente a este momento alienante da constituição psíquica.

O ponto em que a violência da linguagem se instala, na perspectiva de Aulagnier (1979, p.105), é da ordem de enunciados “pré-formativos” da mãe, fazendo alusão ao termo usado por Schreber¹, para dizer que o discurso materno transforma o afeto do *infans* em vivências, são sensações que terão significações na série prazer-desprazer. O objeto, mãe - representado é unificado ao *infans* - representante e o furo deixado pelo real ainda não é representado no psiquismo. O que é inscrito no psíquico é da ordem do sensorial, como dito acima, trata-se da fonte de prazer ou de desprazer.

¹ Daniel Paul Schreber, doutor em direito, publicou um livro chamado *Memórias de um Doente dos Nervos*, em 1903. A publicação despertou particular interesse em Freud, que a considerou uma história clínica escrita por Schreber sobre seu caso de paranoia. As considerações de Freud sobre o tema encontram-se em *Notas Psicanalíticas sobre Um relato Autobiográfico De Um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides)* (1911). In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Na perspectiva lacaniana, a violência da linguagem é da ordem da *lalangue*, na dimensão do excesso, onde o real irrompe na cadeia de significantes, sem, no entanto, criar laços com a significação. A *lalangue dite maternelle* [*lalangue* dita materna], neologismo criado por Lacan (1985 [1972]), a partir da lalação da mãe para o bebê, ou seja, o modo singular de a mãe falar com o bebê, de um jeito que não fala com outras pessoas no seu dia a dia, traz à cena do encontro mãe-*infans*, em que a mãe faz uma lalação, uma vocalização que irá invadir, não sem violência, o *infans*, inscrevendo-o, pulsionalmente, no campo da linguagem, num real da língua, antes mesmo da nomeação significante. Este encontro está marcado pelo investimento materno, na forma da *lalangue*, na qual a pulsão invocante invoca o *infans* a se lançar no mundo pela voz, fora dos sentidos da fala, em uma musicalidade feita para soar, uma sonata materna.

A hipótese proposta nesta tese é que a violência da linguagem materna é um operador necessário para a erotização do corpo do *infans* pela linguagem – ingressando o princípio de prazer no psiquismo do bebê, com o devir de um sujeito de desejo. Considerando as diferenças teóricas, mas não inconciliáveis, segundo a perspectiva adotada nesta tese, entre Lacan e Piera Aulagnier, propomos que em um tempo *a posteriori*, a violência da linguagem materna é a possibilidade do ingresso do sujeito na ordem significante. Ingresso esse que possibilitará ao *infans* entrar na cadeia simbólica e ser um sujeito na linguagem e da sua linguagem.

Ao dizer sobre o ingresso do sujeito na ordem significante é importante pontuar, quanto aos objetivos desta pesquisa, a diferença conceitual dos dois autores trazidos no estudo da violência da linguagem. Piera Aulagnier, na sua concepção de violência da linguagem, propõe que as primeiras representações feitas pelo *infans* são realizadas pictograficamente, trata-se da imagem unificada do *infans* e da mãe, no encontro da boca-peito, como experiência originária e paradigmática desse encontro.

O *infans* incorpora o extrapsíquico, o engendra e unificará como imagem numa experiência sensorial. O discurso materno, que ingressa no *infans*, como uma informação, como um índice libidinal, é a violência da linguagem que se apresenta como uma figuração. Aqui, talvez se encontre, segundo o entendimento obtido nesta pesquisa, uma diferença conceitual relevante entre os dois autores em relação ao tema tratado nesta tese.

O desdobramento da violência da linguagem em relação ao entendimento teórico dos dois autores marca, para Aulagnier, a violência da linguagem que traz uma marca da ordem de um figurativo, uma imagem, entre o que é da psique e da extrapsique, enquanto que, no ensino de Lacan, mais especificamente nos textos e seminários finais, a violência da

linguagem fica atrelada à *lalangue* e no que *isso* fala, no sujeito que fala sem saber o que fala. A *lalangue* é o que fala, como fragmento do real, sem enlace com a significação, como será analisado no desenvolver da pesquisa.

Do nascimento psíquico do bebê ao ingresso da fala, há um caminho percorrido que não apaga os traços desta violência no sujeito falante. Traços presentes na cena analítica, na irrupção do som, nos resmungos e rosnados da voz do analisante que não estão encobertos pelo sentido e, por isso, se aproximam de um real da *lalangue* e da violência da linguagem, na constante tensão que existe entre a voz e a fala. Há algo que ressoa na fala, no fora dos sentidos sintáticos da língua, no som que pela homofonia delata algo de oculto pelo significante. A interpretação analítica, na cena da violência da linguagem, opera pelo equívoco da língua.

A investigação teórica nesta pesquisa é realizada a partir da mobilização dos conceitos fundamentais que tratam da constituição do sujeito nesse *infans*, sempre priorizando autores originais que desenvolvem esses conceitos. Na teoria psicanalítica, o destaque é para Sigmund Freud, o criador da psicanálise, e Jacques Lacan, que, seguindo os pressupostos básicos do mestre, criou novas articulações na Psicanálise.

Também são apresentados autores que estudam a constituição do sujeito psicanalítico, com destaque para a psicanalista Piera Aulagnier, que mantém uma perspectiva em torno da representação psíquica e do processo originário para articular a violência da linguagem. Já Jean Bergès e Gabriel Balbo tomam uma vertente da sexualidade infantil e das teorias realizadas pelas crianças para tentarem dar conta das suas angústias acerca das suas origens. Enquanto que Alain Didier-Weill e Jean-Michel Vivès, por sua vez, têm como ponto de articulação a pulsão invocante.

Assim, pode-se sinalizar que o eixo teórico adotado nesta tese é a articulação de conceitos que percorrem um caminho de constituição do aparelho psíquico do *infans*, no vir a ser um sujeito falante, mas que para tal, precisa ser inscrito na linguagem. Os desdobramentos desta inscrição trazem a cena de uma violência da linguagem, quer na representação, como um operador necessário à constituição psíquica, quer na transmissão invocatória, na *lalangue*, nisso que diz Lacan: se fala sem saber, fala-se com o corpo.

Juntamente com a construção teórica desse momento de constituição psíquica, também se apresentam repercussões da aparição da violência da linguagem na cena analítica, com aportes conceituais relacionados a elas e fragmentos clínicos da prática analítica da pesquisadora, mostrando que o tempo psicanalítico não é marcado pelo suceder de fases ou

etapas, mas de um tempo lógico, operado pelo inconsciente ou pelo que não cessa de não se inscrever no real.

Nesse contexto, as perspectivas teóricas dos autores utilizados nesta tese convergem para o que Freud (1974c [1915], p.208) concebe nos seus escritos metapsicológicos como a vertente que uma pesquisa psicanalítica precisa percorrer, na tentativa de estudar o psíquico nos seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico.

A problemática da violência na inscrição psíquica da linguagem traz questionamentos sobre as consequências dessa violência inicial e constitutiva no funcionamento psíquico, posterior à aquisição da linguagem e de constituição do aparelho psíquico. Desse modo, apresenta-se como objetivo desta pesquisa: estudar o momento originário que mostra a irrupção *da violência da linguagem na inscrição psíquica no infans* e apresentar alguns fragmentos com as aparições desta violência na linguagem do analisante, no espaço psicanalítico; com a proposta de sinalizar que a sua irrupção pede operadores de intervenção na clínica psicanalítica que tentem dar conta do real da língua.

Esta tese propõe também, investigar os conceitos psicanalíticos freudo-lacanianos e aulagnianos que tratam do encontro originário entre a mãe – enquanto função – e o bebê – o *infans* – antes da aquisição da fala. Quando se fala em encontro originário, em psicanálise, não é no sentido de um fato verificável, datado no espaço e no tempo. Daí o recurso utilizado por Freud de um tempo mítico ligado à questão das origens. Esta ideia está presente na obra freudiana, nos conceitos, entre outros, de recalque originário, na teoria das pulsões, no mito original do pai da horda primitiva, na hipótese filogenética das fantasias originárias e na identificação primária².

Está igualmente implicado neste estudo identificar traços *a posteriori* que, na escuta clínica, indicam a voz: a letra que sai da boca do analisante, de onde emergem os equívocos que forcluem o sentido.

A intenção em realizar esta pesquisa é apresentar novas articulações teóricas sobre o tema da *violência da linguagem na constituição psíquica no infans*. Almeja-se embasar a escuta na clínica psicanalítica por meio da análise dos traços deixados pela violência da linguagem na inscrição do sujeito psíquico, que busca a psicanálise como possibilidade de escuta e tratamento para o sofrimento psíquico.

² Na parte inicial de *Os Instintos [As Pulsões] e suas Vicissitudes* (1974a [1915]), Freud discorre sobre a intrincada relação entre os conceitos científicos e o material empírico.

Na pesquisa realizada nos bancos de dados não foram encontradas teses que tematizem a violência da linguagem como um operador necessário para a inscrição da linguagem no *infans*, tampouco sobre a violência da linguagem como conceito psicanalítico. Assim sendo, esse tema apresenta um caráter inovador relativamente a trabalhos de tese existentes. Igualmente, esta pesquisa possui ineditismo por articular a violência da linguagem na constituição psíquica e na clínica psicanalítica com a *lalangue* e a voz, como também pela possível aproximação teórica entre os conceitos de *violência da linguagem*, apresentado por Piera Aulagnier, e a *lalangue*, apresentado por Jacques Lacan.

Na sua realização, este estudo apresenta um capítulo (Cap. 2) que comporta articulações com os conceitos básicos da psicanálise para mobilizá-los na análise da violência da linguagem. O trauma psíquico é apresentado na formulação da teoria do trauma desenvolvida por Freud, a partir dos seus primeiros estudos sobre a histeria. A teoria do trauma se confunde com a própria história da psicanálise, no que ela tem de fundante e atual. Para o presente estudo, o trauma traz a marca da violência da linguagem e da articulação que Lacan faz do trauma com o encontro com o real.

Outro conceito estudado nesse capítulo é a pulsão, conceito metapsicológico freudiano considerado um dos mais importantes na teoria psicanalítica. A partir do texto *Os Instintos [As Pulsões] e suas Vicissitudes*³ são apresentados os caminhos pulsionais na constituição do sujeito psíquico, com suas articulações com o narcisismo. No narcisismo primário, momento mítico que marca o encontro mãe-*infans*, no limite com o real, na perspectiva proposta por Lacan, não é da ordem da linguagem, é um encontro que faz furo, marca na carne o *infans*. Essa marca faz a carne pulsar (a pulsação da *Trieb*⁴), é a excitação pulsional sem representação.

A representação também é trabalhada nesse capítulo, através das articulações da pulsão com a representação e com a linguagem. O conceito lacaniano de significante, a partir da *Vorstellungrepräsentaz*, é também aqui articulado com o traço freudiano a partir da *Carta 52* e do modelo de aparelho psíquico, apresentado no livro *A Interpretação dos Sonhos*.

O capítulo 3 é destinado à *lalangue*, o real da língua, no núcleo do inconsciente; sua marca está no excesso de significância, onde o sentido não está representado. É o modo

³ Embora os textos freudianos consultados sejam da Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, será seguida a tradução utilizada por Laplanche e Pontalis, para termos como pulsão ao invés de instinto. Quando se tratar de citação direta, será mantido o termo original e apresentado o termo traduzido entre conchetes. Na utilização dos termos pela pesquisadora no corpo do texto, ter-se-á liberdade de escrever sem os recursos da apresentação entre conchetes.

⁴ *Trieb* – Termo alemão utilizado por Freud para designar o conceito de pulsão.

singular de fazer equívocos. Para mobilizar este conceito, far-se-á uso da topologia e das formas de sexuação de Lacan para dizer do lugar do impossível da *lalangue*, nisso que a anuncia como na ponta do real.

A voz é o tema do capítulo 4. Nomeada por Lacan como objeto da pulsão invocante, sua direção vem do Outro, ou seja, a mãe como lugar do Outro primordial, que pela voz invoca o *infans* a ser sujeito. Assim, a voz é trabalhada nesta tese como uma invocação da mãe ao *infans* e um endereçamento do *infans* à mãe. São feitas referências às considerações de Didier-Weill, que traz a sonata materna como esse momento constitutivo de invocação, sem a lei do significante fálico, encantamento pela musicalidade da voz.

O capítulo 5, *A violência da linguagem*, apresenta os conceitos de violência primária e secundária, desenvolvidos por Piera Aulagnier, a partir de seu livro *A violência da interpretação*. A autora escreve sobre esses conceitos como operadores necessários para o *infans* ingressar no mundo da representação psíquica. A violência primária mostra, pelo discurso que endereça ao *infans*, como a mãe forja uma representação dele, que vem a ser o início do seu *eu*. Na violência secundária, a mãe introduz um sentido que é seu, ao *eu* do *infans* já presente.

Nesse mesmo capítulo também é trabalhado o tema das *teorias sexuais infantis*, a partir das contribuições de Bergès e Balbo. Os autores consideram que fazer teorias sexuais infantis para a criança pressupõe que a mãe abra possibilidades de seu filho fazer hipótese sobre algo que ela não sabe, ou seja, ingressar como um sujeito desejante.

O último capítulo (6) é destinado ao estudo da operação de violência da linguagem na clínica psicanalítica, em que é trabalhada, a partir dos estudos de Lacan, a língua na cena psicanalítica, no que ela aponta para o real. Assim, são apresentadas a *forçage* e a *chiffonnage* como meios para o analista operar com o real da língua. Busca-se, além de Lacan, Harari e Maliska em seus aportes sobre o tema. O intuito desse capítulo é conjecturar uma afinação da escuta analítica para a violência da linguagem que irrompe na cena analítica, onde seu excesso mostra que a *lalangue* fala fora dos sentidos como um fragmento do real.

A presente tese possui o desenho metodológico de uma pesquisa bibliográfica, com fragmentos clínicos da prática psicanalítica na busca de articulações teóricas com o fazer em análise. Sua execução conta com investigação bibliográfica sobre os conceitos fundantes da teoria psicanalítica na obra de seu inventor Sigmund Freud. Por ser um autor fundador de discursividade (CARPES, 2005), seus textos expressam uma abertura para novas significâncias, possibilitando que a cada leitura novos sentidos possam surgir, sendo assim,

sua obra não é datada. Como o inconsciente, objeto de estudos da psicanálise, a obra de Freud é atemporal.

Por se tratar da constituição do sujeito psíquico, os conceitos metapsicológicos se justificam. Vale lembrar a intenção de Freud em apresentar uma série de artigos interligados com o título de *Preliminares a uma Metapsicologia*⁵, apresentando conceitos teóricos que já haviam ganhado, na lente do seu criador, certa maturidade e estabilidade conceitual desde a sua concepção.

Desta forma, apresenta-se a construção dos conceitos teóricos realizados por Freud e que estão na própria constituição do discurso psicanalítico. Inicia-se esse percurso com a teoria do trauma, na qual Freud anuncia suas descobertas das cenas traumáticas, nas suas investigações com pacientes histéricas. Verifica-se a construção da teoria com a consequência da sua escuta na cena clínica. Esse mesmo percurso é o que também se procura adotar na construção desta tese. Os conceitos teóricos trabalhados são trazidos para a cena da mãe e do *infans* na violência da linguagem; e também são apresentados fragmentos de material clínico, quando, na escuta psicanalítica, eles aparecem. Nesta perspectiva é trabalhado o trauma psíquico, a pulsão, o recalque, o narcisismo, o inconsciente e a representação, que dão sustentação ao estudo.

Outro autor relevante para este trabalho é Jacques Lacan, que se apresentava como “Eu sou aquele que leu Freud”, citado por Vanier (2005, p.14). Lacan escreve sobre a psicanálise com articulações com a linguagem, enquanto constitutiva do sujeito do inconsciente. O inconsciente estruturado como uma linguagem traz a *lalangue* para uma cena de destaque nesta tese, com articulações com a voz, na invocação do sujeito do inconsciente e culminando na violência da linguagem – conceito proposto e trabalhado por Piera Aulagnier.

Para finalizar, traz-se para o estudo a operatória da violência da linguagem na clínica psicanalítica. Para tanto, se enfocam os últimos trabalhos de Lacan que abordam o real, onde a linguagem é articulada na primazia do real e onde aparece na clínica, como equívocos da linguagem, e o analista opera sobre ela, valendo-se do real.

A bibliografia de Freud é trabalhada nesta tese por meio da publicação da Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. A pesquisa bibliográfica conta também com obras dos comentadores, sempre que forem avaliadas como importantes para a compreensão do tema estudado.

⁵ Para maior detalhamento ver a *Introdução do Editor Inglês*, nos *Artigos Sobre a Metapsicologia*, da Edição Standard Brasileira da Imago, v. XIV, 1987.

As obras de Lacan são estudadas na tradução para o português apresentadas pela Jorge Zahar Editora, com exceção do Seminário 24, que é apresentado na língua espanhola, pela Editora mexicana Artefactos. Para Lacan, também se conta com textos de comentadores. Outro recurso adotado são os dicionários técnicos de psicanálise, como modo de trazer esclarecimentos conceituais para a teoria desenvolvida por Freud e Lacan.

Além dos autores citados, a pesquisa aborda psicanalistas que estudam temas de relevância para os aportes adotados na construção do tma desta tese. Os autores estudados nessa categoria são: Luciano Elia, que trata sobre corpo e pulsão; Jean-Claude Milner, que trabalha o real da língua na articulação com a *lalangue*; Alain Didier-Weill, que trabalha a voz relacionada à sonata materna; Jean- Michel Vivès, que trata do ponto surdo na articulação ao recalçamento primário; Maurício Maliska, nas articulações com a voz e a pulsão invocante; Piera Aulagnier, que desenvolve o conceito de violência da linguagem; Jean Bergès e Gabriel Balbo, que estudam as teorias sexuais infantis, e Roberto Harari, que trabalha a Real linguagem. Os autores estudados são da vertente teórica freudo-lacaniana.

Caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Esse verso do poeta espanhol Antonio Machado inspira o percurso teórico-metodológico desta tese. À medida que as leituras progredirem, elas indicam o caminho a ser percorrido, no que se refere ao objetivo delineado de analisar o momento originário *da violência da linguagem na inscrição psíquica no infans*.

Concomitantemente às articulações teóricas, são tecidas análises argumentativas com recortes clínicos, oriundos da prática clínica da pesquisadora, para demonstrar que o *a posteriori* sustenta a escuta e o fazer psicanalítico. A análise dos recortes clínicos também tem o objetivo de mostrar no *après-coup* como se processou essa violência da linguagem. Não se trata estritamente de um *corpus* de análise, uma vez que o propósito fundamental desta tese é ser uma investigação teórica acerca da *Violência da linguagem na inscrição psíquica do infans*; mas trata-se de uma leitura do fazer psicanalítico, nos fragmentos da clínica, recortados como pontos de interlocução, entre a prática e a teoria, e que poderão servir como uma ancoragem material daquilo que se estará debatendo no nível teórico. As considerações finais têm o objetivo de apresentar contribuições originais desta autora para o tema estudado, bem como suscitar novos estudos.

2 UM PERCURSO PARA PENSAR A CONSTITUIÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO

A constituição do aparelho psíquico, como uma forma de conceber e operar o saber psicanalítico esteve sempre presente nos escritos de Freud desde as chamadas publicações pré-psicanalíticas. Essa marca se apresenta na própria proposta freudiana de conceber o aparelho psíquico como um aparelho de linguagem, conforme faz no seu trabalho sobre *A interpretação das afasias*, escrito em 1891(FREUD, 1977). Nesse trabalho, destinado na época à área neurológica, Freud critica a visão localizacionista de tentar associar um substrato fisiológico de uma atividade mental a uma determinada área do cérebro. O autor apresenta um esquema de redes associativas ligadas à representação da palavra, para explicar as afasias. Igualmente, no texto do *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895 (FREUD, 1987), apresenta a concepção do aparelho psíquico relacionado ao aparelho de memória, ou seja, como um aparelho que vai sendo marcado, à medida que vai se constituindo, continuamente, na captura de representações que se fixam às energias psíquicas para dar conta das intensidades.

Desta forma é que se contempla, para iniciar a apresentação da constituição do aparelho psíquico, o conceito de trauma, algo que se mistura com o próprio surgimento da psicanálise e com o surgimento do sujeito da psicanálise.

2.1 O TRAUMA

O trauma, antes de Freud, era um conceito conhecido a partir da medicina para designar formas de lesão ou dano ao organismo, tendo como causa acontecimentos acidentais e indesejados de forma violenta. No campo da neurologia, nas aulas em *la Salpêtrière*, em Paris, o médico francês Jean-Martin Charcot, ao hipnotizar pacientes, descrevia e classificava em fases o grande ataque *hystérique* e afirmava existir um fato traumático relacionado aos sintomas histéricos, cuja etiologia estava relacionada a fatores hereditários.

A teoria do trauma remonta à pré-história psicanalítica. Freud, a partir de 1887, em Viena, após seus estudos com Charcot, abandona os métodos recomendados à época, como hidroterapia e eletroterapia, no tratamento dos transtornos mentais, e dedica-se à hipnose.

Freud vai estudar a cena traumática localizando-a na origem dos transtornos mentais, mais especificamente na origem da neurose histérica, ponto de partida para seus estudos, que culminaram no surgimento da Psicanálise – teoria do funcionamento psíquico e técnica de tratamento do sofrimento psíquico.

Em sua escuta das pacientes histéricas, o autor considera que é necessário criar uma teoria que explique os ataques histéricos e vá além da descrição dos fenômenos, como fez Charcot. Desta forma, em *Esboços para a “Comunicação Preliminar”*, de 1893, realiza algumas sistematizações teóricas. Na primeira delas, diz que o elemento central do ataque histérico é “o retorno de uma lembrança” (FREUD, 1987 [1893] p.171). Na segunda, afirma que a lembrança esquecida é “o trauma psíquico.” (p. 172). No terceiro ponto, acrescenta que a lembrança que se constitui num trauma psíquico é uma “lembrança inconsciente.” (p.173). No quarto ponto, Freud questiona se há predisposição, no paciente, para a ideia traumática ficar esquecida. Pode-se pensar que lhe falta o conceito de Inconsciente como instância psíquica, para situar o recalque como um processo não intencional. No último ponto, escreve: “transforma-se em trauma psíquico toda impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora.” (p.174). Já nesses primeiros estudos, Freud utiliza a expressão “impressão” [*Eindruck*], referindo-se a grandes intensidades psíquicas que o aparelho psíquico não consegue ligar aos traços de memória.

O criador da psicanálise, a partir do tratamento de pacientes histéricos, quando ainda usava a hipnose como técnica terapêutica, compreendeu que os sintomas apresentados pelos pacientes eram relativos à incapacidade de lidar com uma experiência com carga afetiva intensa. Pela intensidade envolvida, a lembrança não fica associada ao pensamento, como também não é descarregada. Freud compreende que o sintoma está associado a uma marca traumática – uma impressão, sem descarga, que traz o analisante, pela repetição sintomática, à clínica psicanalítica.

2.1.1 O excesso no trauma

O fator envolvido na economia psíquica postulado por Freud, o fator econômico, tem relação com a carga de energia psíquica que é mobilizada pelo sujeito para dar conta da situação traumática. No caso desta investigação, trata-se do *infans*, e o fator traumático está relacionado à incapacidade do bebê, pela sua imaturidade constitutiva de lidar com uma

experiência inaugural, em que o investimento materno marca um excesso que seu aparelho psíquico não consegue descarregar.

Ao tratar de pacientes histéricos, Freud se depara com a fixação aos traumas que ocorreram na infância, sendo que o trauma segue sendo importante na compreensão teórica e na clínica psicanalítica na contemporaneidade. Nos *Estudos sobre a histeria* (1987 [1893]), trabalho escrito em parceria com Breuer, tem-se a primeira obra publicada em que aparecem considerações sobre o trauma psíquico. Os autores fazem referência à relação inequívoca entre os sintomas histéricos e a situação traumática, uma “conexão causal” (FREUD, 1987 [1893], p. 42).

No mesmo texto, há a consideração de que o trauma psíquico, na forma de lembrança, “age como um corpo estranho” (p. 44) em contínua ação. Já naquela época, Freud utilizava como cura para os sintomas a fala, ou seja, falar sobre a lembrança do trauma propicia a descarga do afeto que, por ser excessivo, na época da sua ocorrência, como também pela imaturidade psíquica de assimilá-lo, fica retido no aparelho psíquico, ocasionando os sintomas. É necessário haver “uma reação energética ao fato capaz de provocar um afeto” (p. 45). Freud explica que a reação compreende os reflexos voluntários e involuntários para a descarga dos afetos, ou seja, atitudes como um acesso de cólera ou choro em que uma ação motora se mostra apropriada para descarga de afeto.

Há intenção do autor em identificar fatos que dificultam a descarga do afeto, como a natureza do trauma que não comporta reação, por exemplo, quando há a perda de uma pessoa querida. Contudo, identifica que, independente das situações ocorridas, há estados psíquicos do paciente, no momento do trauma, que tornam impossível uma reação ao acontecimento. Há impossibilidade de elaboração pela atividade associativa do pensamento.

Freud chama a atenção para a *double conscience* (p. 48), chamada à época de estados *hipnoides*, como uma condição que está presente nos pacientes histéricos. Parece que o fator traumático ocasiona essa divisão, e daí em diante o núcleo traumático fica isolado da comunicação associativa. Na histeria, ocorre o repúdio do paciente em aceitar a ideia traumática como parte da consciência. Em virtude desse repúdio inicial, cria-se um grupo psíquico dissociado da consciência. O núcleo patogênico não é eliminado; o que é possível fazer é um isolamento psíquico, que sempre está se presentificando nas fontes somáticas erogenizadas, no caso da histeria. Quando o autor desenvolve o conceito de pulsão de morte, essa presentificação será entendida como uma compulsão à repetição, ligada à situação traumática.

Lacan, em *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (2003 [1938]), faz um comentário pertinente ao tema em questão: diz que se pode considerar o sintoma como uma defesa ante a angústia primordial da separação, referindo-se ao desmame. Devido à situação traumática ante a prematuridade do bebê, há uma fragmentação psíquica que acompanhará o *eu* no jogo identificatório e que dará elementos para formação de fantasias e para o tipo de neurose.

Freud e Lacan convergem para o entendimento de que o trauma causa uma dissociação psíquica, diante de uma carga de afeto [*affekt*] que, pela intensidade e pela prematuridade psíquica em capturá-lo no psiquismo, causa uma fratura, na qual o sintoma se deposita.

Freud questiona-se sobre o motivo de o paciente efetuar esse repúdio da ideia traumática em participar da consciência na ocasião da ocorrência do trauma e, mais tarde, na situação de tratamento, lembrar-se dela. Elenca alguns motivos, tendo em comum uma natureza aflitiva com o desencadeamento de afetos de vergonha, autocensura, dor psíquica e de estar sendo prejudicado.

É interessante pontuar que Freud, ao estudar primeiramente a histeria, lançou um olhar para a estreita ligação do corpo com as intensidades psíquicas. Piera Aulagnier (1979) vai privilegiar esse encontro do corpo do *infans* com o corpo da mãe e o discurso materno como portador de um índice libidinal a ser representado no processo originário, como veremos no capítulo sobre *A violência da linguagem*. Por ora, quer-se sinalizar que a produção pictográfica, própria do processo originário proposta pela autora, incorpora como uma impressão, uma imagem que sensorialmente é fonte de prazer/desprazer.

Os fenômenos motores dos ataques histéricos são caracterizados como formas universais de reagir ao afeto, bem como formas universais das reatualizações do afeto. Assim, alguém pode sacudir as pernas ou o bebê pode espernear. Durante o ataque histérico, o controle da inervação motora passa para a outra consciência, que mais tarde será nomeada de inconsciente. A ocorrência do ataque pode ser desencadeada pela associação à situação traumática, como também pela estimulação da zona heterogênica.

Nas *Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*, escritas entre 1915 e 1917, Freud sistematiza o seu entendimento sobre o trauma, reafirmando que o fator econômico envolvido na situação traumática tem um papel primordial para que a situação seja traumática. Nas palavras do autor:

Realmente, o termo ‘traumático’ não tem outro sentido senão o sentido econômico. Aplicamo-lo a uma experiência que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isto só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera. (FREUD, 1976 [1915-17] p. 325).

Essa passagem possibilita articular que grandes intensidades de energia deixam no psiquismo impressões permanentes que não serão associadas aos pensamentos inconscientes – na representação, conforme será detalhado no subcapítulo 2.3. No momento, pode-se dizer que há impressões que não serão representadas.

Em seu trabalho clínico com pacientes neuróticos, utilizando-se da hipnose, método catártico e associação livre, Freud faz uma descoberta clínica que mudaria o rumo da nascente psicanálise. Ele verifica que a cena traumática recordada pelos pacientes eram cenas sexuais e que essas cenas, à medida que eram lembradas, remetiam a lembranças ligadas a períodos mais precoces na vida dos pacientes. Desta maneira, se entende que a situação traumática se refere ao corpo investido libidinalmente. Esse corpo fala dos seus esquecimentos e, com os estudos de Lacan (2007 [1975-1976]), se entende que o corpo que fala falha. A linguagem que falha denuncia que é do sexual que ela fala.

Retomando Freud, ele chega à conclusão de que os sintomas histéricos remontam a uma cena traumática produzida em dois tempos. Elabora assim a *Teoria da Sedução*, conforme referem Laplanche e Pontalis (1991, p. 469), que consiste, num primeiro tempo, em uma cena (a vir a ser) sexual ocorrida na primeira infância, quando uma criança sofre passivamente a investida de alguém mais velho. Nesse momento, a criança seduzida é incapaz de produzir excitação libidinal e integrar este fato à experiência com possibilidade de descarga psíquica. A cena da infância não é recalcada, isto é, antes da ocorrência do princípio de prazer, a energia que habita o *infans* não é sexual. Sendo assim, a marca do trauma não aparecerá como lembrança.

Num segundo tempo, a ocorrência de um novo acontecimento após a puberdade, sem a implicação necessária de estar relacionado diretamente a uma atividade sexual, evoca por traços associativos a lembrança da infância. Já, nessa passagem, pode-se propor dois desdobramentos (teórico e clínico) para a teoria da sedução. Em um deles, no segundo tempo do trauma, a cena atual produz associação à cena mais antiga, que existe como marca mnêmica e produz a associação do analisante. Em outro desdobramento, quando a pulsão sexual não é ainda a que investe o *infans*, Tânatos age sem representação e se atualiza na repetição, este será o desdobramento dado por Lacan sobre o real, sobre o qual trataremos mais adiante. É a linguagem sem representação.

Freud, no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1976 [1950]), apresenta o caso clínico de Emma, uma jovem que não consegue entrar sozinha em lojas. A própria Emma associa sua limitação com uma lembrança de quando tinha 12 anos de idade. Para fins de análise, será chamada cena 1 - a jovem entra em uma loja e avista dois vendedores rindo. Assusta-se e sai correndo da loja. Enquanto fala, recorda que os vendedores riem da sua roupa, tendo um deles lhe despertado interesse sexual.

Após associações, surge para Emma outra lembrança: cena 2 - com oito anos de idade, vai por duas ocasiões a uma confeitaria. Na primeira vez, o proprietário agarra seus genitais sob a roupa, expressando um sorriso; na segunda vez, nada ocorre. O elemento associado presente nas duas cenas é o sorriso dos homens.

A cena 1 significa a cena 2. Freud diz que a lembrança da cena 2, mais antiga, só se torna traumática após a ocorrência da cena 1, mais recente. Este é o sintoma em dois tempos, em que o último significa o primeiro. O evento traumático é significado quando entra na cadeia de representação pulsional. O sintoma aparece como uma linguagem da história dos desejos recalçados. É importante observar que Freud, nesse momento, não considerava haver sexualidade na infância.

Em seu trabalho *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses*, Freud escreve:

O evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente é uma experiência precoce das relações sexuais com excitação real dos órgãos genitais, resultante de abuso sexual cometido por outra pessoa; e o período da vida em que ocorre esse evento fatal é a infância – até a idade de 8 ou 10 anos, antes que a criança tenha atingido a maturidade sexual. (FREUD, 1986 [1896], p.144).

A lembrança produz um *quantum* de excitação que se torna traumático para o sujeito. Freud, quando escuta suas pacientes em tratamento, verifica que a cena traumática lembrada, relacionada com o aparecimento dos sintomas histéricos, remonta à ocorrência de uma cena infantil que estava marcada no psíquico e que só agora ganha uma significação. Desta forma, a cena entra na cadeia de representação da paciente e fala através dos sintomas.

Nas suas considerações a respeito do trauma psíquico, Freud relaciona elementos constantes no trauma: a quantidade de excitação num curto período de tempo e o estado afetivo em que o paciente se encontra. Quando trata do trauma infantil, ao invés do estado afetivo considera a imaturidade psíquica da criança, a assimetria estabelecida entre a criança e o adulto que exerce ações traumáticas e a impossibilidade de incorporar a situação ao psiquismo. Sobre essa impossibilidade, Laplanche e Pontalis (1991, p. 470) chamam atenção para a passividade da criança em fazer uma descarga pulsional devido a sua reação de pavor.

Em seus estudos sobre a histeria e as demais neuroses, Freud mantém a teoria da sedução, entre os anos 1895 e 1897. Em uma de suas cartas escritas a Fliess, datada de 21 de setembro de 1897, ele diz: “Não acredito mais em minha neurótica”, e aponta algumas razões para isso. Destas, destacamos que “não há indicações de realidade no inconsciente” (MASSON, 1986 p. 265), ou seja, no inconsciente existem marcas, traços mnêmicos e representantes pulsionais, ao que Freud conclui que haveria fantasias sexuais ligadas à representação dos pais. Gay (1989) destaca que a autoanálise⁶ de Freud foi decisiva para o abandono da teoria de sedução e o consequente desenvolvimento teórico do complexo de Édipo e da sexualidade infantil.

O autor dá passos para abandonar a *Teoria da Sedução*. Além da carta escrita a Fliess e do início de sua autoanálise, há a descoberta do Complexo de Édipo e da sexualidade infantil. Esse progresso não ocorre sem recuos. Nos anos seguintes, Freud, ainda nos textos publicados, faz referência à não existência da sexualidade nas crianças, como em *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses*, publicado em 1898, e na obra *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900. É em 1905 que publica *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, estudo que vai solidificar de vez a teoria da sexualidade infantil.

2.1.2 O corpo sempre em cena

Em *Além do Princípio de Prazer*, Freud (1976 [1920], p. 47) agrega na análise do trauma a reação de susto que ele provoca, como uma reação “à ameaça à vida”. O susto aparece como surpresa, ou seja, a falta de preparação para a angústia. Diante da surpresa, o aparelho psíquico não se mobiliza com hiperinvestimento dos sistemas para vincular a energia desligada ante a situação externa mobilizadora. A angústia é a última linha de defesa para o excesso de excitação.

Sobre isso e ampliando a compreensão sobre o tema, Lacan, em *O seminário, livro 10: a angústia* (2005 [1962-1963]), diz que angústia não engana, pois não está encoberta pelos significantes da linguagem, os quais, pelos dispositivos do simbólico e do imaginário, vão colocar um véu no impossível do real. O que se pode saber sobre o real, aparece por

⁶ A autoanálise de Freud é assim nomeada, pois, sendo ele o criador da psicanálise, não dispunha formalmente de analistas para escutá-lo. No entanto, a criação da psicanálise, pode-se dizer, só foi possível pela interlocução que Freud manteve ao longo de sua vida. Nomes como Breuer, Fliess, Jung, Pfister, Theodor Reik, entre outros, mantiveram conversas e correspondência com o pai da psicanálise. O próprio Freud (1986, p.282) em uma carta a Fliess, datada de 14 de nov. de 1897, escreve: “A verdadeira autoanálise é impossível, caso contrário, não haveria doença [neurótica].”.

pontas, por vezes, através da angústia, como o corpo é afetado por ela. A afetação a que se refere Lacan ocorre em relação ao afeto, melhor dito, a como o corpo é afetado pela angústia.

Nesse sentido, é importante destacar que, na cena psicanalítica, está o corpo afetado com investimentos exteriores a ele e, numa concomitância constitutiva, com ecos que mostram e, posteriormente, falam que algo pulsa neste corpo. Como pontua Elia (1995, p. 105), o início do estudo freudiano é pautado pela histeria que traz para a cena o *histerós* - útero, o corpo “*órgão-mater* da sexualidade”, retirado como um órgão do corpo biológico e introduzido no corpo pulsional, dando origem a um novo saber sobre ele.

O autor traz sua compreensão sobre a dimensão que tem o corpo para a psicanálise. A primeira delas traz o trilhamento das reminiscências descobertas por Freud na sua escuta das histéricas, nas cadeias significantes nomeadas por Lacan, onde o corpo é marcado pela pulsão e pelas representações, sendo um corpo de linguagem, portanto, na dimensão simbólica. A segunda, pelas identificações que deixam rastros no *eu*, dos objetos de investimento nos registros do corpo imaginário e o corpo do real, naquilo que denuncia que não está todo na dimensão simbólica nem imaginária. O furo deixado no corpo pelo traumatismo já denuncia que se trata de um corpo pulsional, cujo corte o imaginário não consegue suturar, sendo aí que surge a angústia ante a dimensão da falta, num ponto mediano entre o gozo e o desejo.

Em relação à nossa hipótese de trabalho, a operação de corte no corpo imaginário do *infans* acontece pelo investimento materno, que institui a angústia por uma fenda da falta constitutiva à revelia do *infans*, que terá que viver com isso. A angústia, seguindo o ensino de Lacan ou o sofrimento como desprazer, seguindo o ensino de Aulagnier, vai denunciar que, pelo excesso, o simbólico e o imaginário não poderão falar disso pela via dos sentidos. O real, como o registro que forclui⁷ o sentido, emerge na angústia, no espanto, no susto que fala desta violência da linguagem.

Lacan (1995 [1964]) traz a tiquê [*tyche*] de Aristóteles para falar do real como um encontro faltoso. O trauma, desta forma, ocorre do encontro com o real, que não é da ordem da linguagem; é da ordem da intensidade, sem representação. A repetição ocorre por algo que se produz desse encontro, onde o desfecho é a falta. Esse encontro com a falta produz um

⁷ Forclusão, terminologia introduzida por Lacan, refere-se a um mecanismo da psicose, que consiste na rejeição do significante fálico no registro do simbólico. Pela radicalidade da ação, o significante forcluído não faz mais parte do inconsciente do sujeito, retorna do exterior, do real, como na alucinação, conforme Laplanche e Pontalis (1991).

acontecimento traumático. Lacan utiliza as expressões: traumatismo [*troumatisme*]⁸ é buraco ou furo [*trou*], justamente para dar conta de uma ocorrência da ordem do real que atinge o sujeito, enquanto que o trauma diz respeito aos efeitos na esfera psíquica desse acontecimento.

Pode-se dar um passo com Lacan, na apresentação sobre o trauma feita por Freud e dizer que o trauma está no lugar do real que retorna ao mesmo lugar; retorna porque não desliza, não desloca. Resistente, insistente em ato, ao chegar ao lugar da falta, é o círculo vicioso da compulsão à repetição. A *tyche*, no encontro com o real, é aí que está o trauma, atrás da fantasia.

Por conseguinte, a *tyche* marca que o encontro com o real é traumático, é um acidente que, tomado pelo inesperado, marca. Na marca da falta, institui um percurso do objeto *a*, o objeto perdido do qual a angústia é o sinal. Antes de o princípio de prazer ser instituído, é a consciência das sensações, que, por carecerem de representação, retornam ao trauma do encontro marcado com o real. Segundo o que propõe Lacan (1995 [1964]), a repetição já é um ato, seguindo as leis do princípio de prazer.

Nessa perspectiva, o objeto *a* representa a parte que foi destacada do corpo, na condição imaginária, e o encontro inesperado com o real se traumatiza num furo, resultando um pedaço que cai de si. Assim, o sujeito que emerge pela invocação do Outro, repetirá demandas de amor endereçadas ao Outro. O *infans* demandará que a mãe siga lhe desejando: “o que queres de mim, para que eu siga sendo um sujeito do seu desejo, mãe?”.

Associando ao tema da pesquisa, *a violência da linguagem na inscrição psíquica no infans*, na perspectiva lacaniana, surge o trauma deste encontro com o real da língua materna. Será um discurso, um signo de linguagem ou uma letra? O que retorna de angústia desse encontro? O que repete no ordenamento discursivo? Para articular a falta, instituída pelo encontro traumático, será discutido, em seguida, o conceito de pulsão.

2.2 A PULSÃO

A pulsão é concebida por Freud como um estímulo que vem de dentro do organismo, ao contrário de um estímulo externo, que tinha relevância nos seus estudos sobre a histeria, relacionado à teoria do trauma psíquico. O autor também faz uma distinção entre

⁸ Traumatismo em francês é *traumatisme*. A palavra que Lacan utiliza - *troumatisme* é um neologismo, pois ele diz *troumatisme* e não *traumatisme*. Ou seja, se fosse traduzir literalmente o neologismo *troumatisme*, seria algo como furomatismo ou buracomatismo.

estímulos fisiológicos e psíquicos, embora o conceito de pulsão se situe na fronteira entre o somático e o psíquico. É em direção ao campo psíquico que ela se movimenta, ou seja, Freud está desalojando o espaço ocupado por um conceito já conhecido para apresentar a pulsão, um conceito novo.

Para o objetivo desta tese de analisar a violência da linguagem na inscrição psíquica no *infans*, a pulsão ganha destaque por ser um conceito metapsicológico que se situa em uma zona fronteira do corpo. Cortado pelo trauma, com a carne aberta, o corpo pulsional será convocado a vibrar numa erotização que contará histórias sobre o furo do trauma, a entrada da linguagem e a exigência de trabalho que a vida lhe exigirá.

2.2.1 Construindo o conceito

Lacan (1995 [1964]) ressalta que a pulsão não é da ordem da biologia, não tem ritmo, trata-se de uma força constante. Afirmar que a *Trieb* não é impulso, há uma excitação interna - *Reiz* é a *Triebreiz*. A pulsão é uma força constante, que lhe dá um caráter distinto das energias de fontes materiais. Busca a satisfação, ao mesmo tempo que nenhum objeto encontrado lhe proporciona a satisfação desejada. Sendo assim, Lacan diz que a satisfação pulsional está na “categoria do impossível” (p. 158).

Destaca-se a aproximação do impossível da satisfação pulsional com o sujeito dividido pelo *troumatisme* no encontro com a *tyche*. Será este o destino do sujeito do inconsciente, pulsionar à procura do desejo do Outro e/ou perambular na fronteira do real, onde o corpo o atinge? O que definirá que o significante materno que ingressa no espaço do *infans* fique na fronteira – na borda do somático, ou, se faça representar no psíquico?

Sobre a teoria das pulsões, Freud (1974a [1915], p.137) a considera a parte mais importante da sua teoria psicanalítica e, ao mesmo tempo, a menos completa. Faz essa declaração vinte anos após ter proposto o conceito de pulsão - sendo ela considerada, pelo seu criador, como um dos conceitos fundamentais na teoria psicanalítica.

Nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1972 [1905], p.171) vai anunciar o seu conceito de pulsão na fronteira entre o psíquico e o orgânico. No trabalho sobre *Os Instintos [As Pulsões] e suas Vicissitudes* trará uma precisão conceitual mais de acordo com sua proposta psicanalítica, ao localizar as pulsões na fronteira entre o mental e o somático. Mas no primeiro texto já considera que são as fontes somáticas e os objetivos pulsionais que darão à pulsão sua diferenciação.

O órgão somático excitado libidinalmente é chamado de zona erógena. A zona erógena está relacionada à pulsão componente que a ela está ligada. Assim, a boca é a zona erógena da pulsão oral; o olhar, da pulsão escópica. Freud considera que, em termos de excitação, as zonas erógenas se comportam como órgãos genitais.

Apresentando o conceito de pulsão:

[...] um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico de estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1974a [1915], p.142).

A partir do conceito, é possível articular que a pulsão é uma exigência de trabalho para que o psíquico se movimente em direção ao corpo, no sentido de descarregar as grandes quantidades de energia que geram excitação em excesso. A descarga sem representação não é guiada pelo princípio de prazer; assim, tenderia a uma descarga total. Para que isso não ocorra, é necessário que a mãe invista libidinalmente o filho, juntamente às práticas de cuidados necessários para a sobrevivência biológica do bebê. Há, então, neste momento constitutivo do psiquismo, a excitação caótica, sem representação da pulsão de morte do bebê e o investimento externo ao aparelho que vem da mãe.

Na proposta introduzida por Aulagnier (1979) do processo originário, presente no *infans*, o investimento materno inaugura um índice libidinal que ingressa como uma informação. Esse elemento de informação não está na capacidade de significação do recém-nascido, mas no investimento da mãe de algo que é impossível não afetar o bebê.

Desta forma, o *infans* é afetado pelo investimento materno e, também, pela ação específica da mãe em baixar a tensão do *infans* pelo encontro seio-boca. A representação desse momento é unificada na relação mãe-*infans*. A produção pictográfica é a representação que a psique do *infans* faz de si mesmo como fonte de prazer. Todas as zonas do seu corpo são unificadas como fontes de prazer, junto ao seio que também é representado como seu.

O espaço psíquico do *infans* trabalha para representar no autoengendramento a vivência de prazer que abrange a pulsação de seu corpo num prazer global, nessa experiência indizível, que, segundo Aulagnier, no futuro da vida do sujeito será chamada de gozo.

Adianta-se o que será apresentado no capítulo 5, que aborda *A violência da linguagem*, de forma mais sistematizada, pela própria aproximação que a autora faz sobre a exigência de trabalho feita ao psíquico para a representação, com o trabalho de exigência psíquica a que Freud se refere sobre a pulsão. Assim, é digno de nota, no conceito de pulsão, a

sua ligação com o corpo, ou, mais ainda, ela (*trieb*) existe porque o corpo e a psique estão ligados e o movimento de pulsação é a consequência dessa ligação.

Como já foi assinalado, Piera Aulagnier (1979, p.42) chama a atenção para o fato de que o conceito de pulsão definido por Freud “se aplica, em todos os pontos, à definição que nós propomos para a atividade pictográfica”. A autora vê aí o movimento da pulsão de metabolizar um elemento externo à psique como uma informação de si, que será representada como sua vivência.

2.2.2 *Triebrepräsentanz* [representante da pulsão]

Garcia-Roza (1995, p. 83) propõe pensar as pulsões a partir da *Trieb*, como um caos de intensidades dispersas. Na linguagem do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1976 [1950]), a *Trieb* trata de grandes quantidades de energia provenientes do interior do próprio corpo, ou seja, não fazem parte do mundo externo; ingressaram no organismo, mas ainda não estão ligadas a representações. São intensidades sem representação e sem direção. Por isso se diz que a *Trieb* é caos pulsional por excelência, a pulsão sem representação.

O aparelho psíquico recebe grandes quantidades de energia provenientes do próprio corpo e do mundo externo, quantidades dispersas e de magnitudes diversas. Dentro dessa perspectiva, a pulsão pode ser um estímulo para o psíquico trabalhar. Garcia-Roza enfatiza que a diferença é um estímulo *para* o psíquico e não um estímulo psíquico.

Ao nascer, o *infans*, na perspectiva pulsional, está inundado de *Trieb*. A observação do recém-nascido nos mostra um excesso de excitação - que não está representada e não tem direção para uma descarga. O movimento motor do bebê não vai na direção de um alívio, pelo contrário, se ficar imerso no movimento caótico mostra uma excitação crescente. Na experiência do bebê humano, esse momento é breve, pois uma ação externa - não qualquer ação, mas uma ação investida, de quem exerce a função materna - cria, como explicitado no subcapítulo da pulsão, uma exigência de trabalho na gênese do próprio aparelho psíquico. É importante ressaltar, para os propósitos desta pesquisa, a íntima relação existente entre a pulsão e a representação na constituição psíquica.

A *Triebrepräsentanz*, o representante da pulsão, é o lugar da ordem: das representações, dos significantes, do domínio do princípio de prazer e do princípio da realidade. Garcia-Roza (1995, p. 85), referindo-se à *Trieb* com e sem representação, diz que são categorias que se relacionam, mas não se confundem. Através da *Triebrepräsentanz*, o aparelho psíquico do *infans* é marcado por memória de experiências de prazer e de desprazer.

Acrescenta-se que antes dos traços de memória, há um trabalho psíquico na impressão [*Eindruck*], como já referido no subcapítulo *O trauma*.

Freud utiliza quatro termos para falar das pulsões, a saber: pressão, finalidade, objeto e fonte. A pressão [*Drang*] diz sobre o quantitativo, uma pura intensidade que impele o movimento. A finalidade [*Ziel*] “é sempre a satisfação” (FREUD, 1974a [1915], p. 142). Freud fala de satisfação e não de descarga, que parece estar relacionada à *Drang*; assim sendo, a referência é para a *Triebrepräsenz*. A finalidade é sempre a satisfação, mas os caminhos para obtê-la podem ser via sintoma, sublimação, ato falho e sonho, ou seja, formas de linguagem. Pode-se pensar que a *Triebrepräsenz* está relacionada à satisfação, ou melhor dito, está marcada pela memória de uma experiência de satisfação através de uma ação específica, assim, sua satisfação se dá parcialmente; enquanto que a *Trieb* relaciona-se à descarga, uma vez que está submetida a grandes magnitudes de excitação que impelem a descarga.

Vale pontuar que a impressão, mesmo não tendo traço de memória, ou seja, não podendo ascender à significação, já tem acesso à satisfação, uma vez que está submetida ao princípio do prazer. Com esse assinalamento, está-se preparando o terreno, usando uma expressão coloquial, para dizer sobre o trabalho de escuta analítica na irrupção do real – analisado no capítulo 6, voltado para a busca do prazer na impressão sonora que irrompe na fala da analisante.

O *Objekt* é algo que, ao ser investido com a *Drang*, ganha vida para o sujeito obter a satisfação. É algo da ordem da representação pulsional e, assim, não faz parte da pulsão, mas é imprescindível para a satisfação. Paradoxalmente, pode-se dizer que está no lugar do descartável e do imprescindível.

Lacan (1995 [1964]), retomando esse ponto do objeto da pulsão, diz que o objeto é indiferente à pulsão. Tomando a pulsão oral, afirma que a pulsão contorna o objeto-seio. A pulsão, ao contornar o seio, o esconde. A *Trieb* encobre o objeto; no encobrimento, o objeto é perdido. Dito de outra maneira, o objeto da pulsão, por si só, é um objeto perdido. Desta forma, Lacan refere que a satisfação é paradoxal, é da categoria do impossível. Embora o objeto que se apresenta para satisfazer a pulsão seja da ordem da necessidade, do mundo externo, é impossível a ele satisfazer a pulsão, uma vez que, quando apresentado, a pulsão o contorna, é escamoteado. A designação de Lacan ao objeto *a*, objeto causa de desejo, é esse objeto da pulsão que é sempre perdido, por isso pulsional, por isso do humano.

Diante disso, é oportuno o entendimento de Elia (1995, p. 96): “[...] o corpo só poderá ser pensado pulsionalmente, como corpo-efeito do investimento pulsional.” Assim,

além da consideração de que o corpo ao qual a psicanálise se refere ser o corpo pulsional, também se pode considerar que o corpo pulsional não está presente desde o nascimento biológico. Ele vem como efeito do investimento materno. Sem esse investimento, o corpo seria da ordem da *Trieb*, ou seja, seria um corpo não violado pelo significante materno, à deriva do real.

As zonas erógenas situam-se numa borda - estrutura de borda, como a boca e o ânus; nas suas extremidades há o pressuposto de um deslizamento que encosta na realidade e cai. A queda da dessexualização ocorre pelo encontro com o real. O princípio da realidade desse encontro com o real está além do princípio de prazer.

O quarto termo referido por Freud é a fonte [*Quelle*]. Trata-se da ligação da pulsão com a intensidade do corpo. A energia do corpo é representada na mente pela pulsão, conforme entende Freud. Assim, a pulsão representa algo da ordem do somático, e é representada pelas representações que são encadeadas em torno dela. O autor levanta a hipótese de que as diferenças entre as pulsões sejam relativas à quantidade e à fonte. Há algo comum nos dois pontos: a fonte traz quantidade relacionada à excitação do órgão.

No trauma, tratado no subcapítulo anterior, foi destacada a importância da quantidade de excitação como fator fundamental para sua ocorrência. No tocante às pulsões, Freud vai falar da quantidade de excitação como responsável pelos efeitos que cada pulsão vai ocasionar ao psiquismo, aliada a diferenças nas suas fontes. Há uma relação entre as partes do corpo onde se origina a pulsão e a quantidade de energia que surge de sua estimulação. Pode-se pensar que antes que o *infans*, na sua constituição psíquica, possa ser afetado pelo significante materno, há algo da ordem do real que marca esse encontro, não representado, que retorna, da ordem da [*tyche*]. Um retorno da ordem do real que, relacionado à voz na linguagem, será de que ordem? O que retorna da voz depois que o *infans* vem a ser um sujeito falante, na relação com a violência da linguagem?

Vai-se seguir, ao longo do trabalho, o caminho na busca de respostas parciais, pois, em se tratando de pulsão, é na parcialidade que elas se encontram. Mas, também, seguindo nosso percurso teórico-metodológico: *Caminante, no hay camino, se hace camino al andar*, do verso do poeta espanhol Antonio Machado, vai-se fazer valer o ensino de Aulagnier para oferecer uma possibilidade de caminho. No processo originário, ao qual já se fez referência, o *infans* é afetado pelo significante materno, mas sem ter representação do Outro. Não há marcas mnêmicas, portanto não há diferença neste momento de gênese do aparelho psíquico. Pelo autoengendramento do discurso materno na própria sensorialidade de si, há uma unificação do que é corpo do *infans*, corpo da mãe, investimento materno e o sensível do

infans. Pode-se dizer que há uma pura pulsão, não mais da pulsão de morte, mas de uma pura pulsão fusionada. “Eros e Tânatos unificados neste: ‘fundo representativo’ forcluído do poder de conhecimento do Eu.” (AULAGNIER, 1979, p.65).

As pulsões sexuais são numerosas, pois surgem das diversas fontes orgânicas. Freud chama a atenção, também, para a independência pulsional. É a partir do complexo de Édipo, da primazia das pulsões genitais, que estas ganham uma síntese. Antes disso, age em consonância com o prazer do órgão que é a sua fonte. O autor nomeia essas pulsões de *parciais*.

Lacan (1998 [1960]) chama a atenção a parcialidades dos objetos terem esta característica por dizerem respeito à não especularização do objeto. A imagem do objeto não diz que ele é uma parte de um todo, ou seja, a boca não é uma parte do corpo que forma um todo. Ela é uma parte que denuncia que o todo não existe. O desejo, desta maneira, não é plenamente satisfeito, pois a pergunta que o *infans*, no vir a ser sujeito, destina à mãe, no lugar de Outro (*che vuoi*), aponta para o significante, na busca do desejo que o direciona, mas não o satisfaz totalmente.

As pulsões sexuais têm seu surgimento, por assim dizer, no suporte das pulsões de autopreservação. Freud vai chamar estas considerações como hipótese de trabalho, que poderá ser modificada conforme o avanço de seus estudos sobre o psiquismo. Em sua primeira teoria das pulsões, os pares pulsionais são pulsão sexual-pulsão autoconservativa. Com a teoria do narcisismo, Freud contrapõe as pulsões do *eu* - pulsão objetual. Após 1920, os pares pulsionais passam a ser: pulsão de vida - pulsão de morte.

Porém, a noção de que as pulsões se apoiam na autopreservação será mantida em sua obra. Considera-se que há uma fidelidade conceitual do autor no que diz respeito à origem pulsional. A pulsão origina-se da estimulação do órgão, que faz pressão para a representação psíquica, ou seja, é a pulsão e a pressão que forçam uma representação psíquica. De onde vem essa pressão? O conceito de pulsão aponta para uma medida de exigência, uma exigência de trabalho à mente, para que ela aja em consonância com os estímulos orgânicos.

Está implícita, desta forma, no próprio conceito, a pressão. Para Freud, conforme já se referiu nas passagens anteriores, a pressão está relacionada à quantidade, ou seja, ao fator econômico. De onde vem o investimento? Freud diz nascer do autopreservativo, de um momento da constituição psíquica, em que o narcisismo infantil é acionado pela mãe que cuida. O investimento materno, assim, libidinizava o corpo do *infans* e privilegia uma parte dele, fragmentando-o e transformando-o em zona erógena. Pode-se pensar, nessa perspectiva, no conceito lacaniano do Outro, na acepção que oferece Quinet (2015), como um lugar onde se

situa o discurso do inconsciente. O autor aproxima o Outro lacaniano ao lugar psíquico que Freud vai destinar ao inconsciente, um lugar que não se situa na anatomia do cérebro, mas que se faz presente nos sonhos, nos sintomas, nos lapsos, nos atos falhos da linguagem e nos chistes.

Primeiramente, a mãe que cuida vai cuidar de si mesma, quando cuida do bebê. Se não se fixar neste momento (narcisismo primário), vai ver o bebê em partes, como uma parte, um corpo estranho; mas, também, como parte de si (narcisismo secundário). Sendo assim, será capaz de investir o bebê nos moldes de um amor objetual. Desta forma, o investimento materno incidirá quantitativamente na pulsão autopreservativa do *infans* e o que é da ordem da necessidade, mistura-se com a ordem da satisfação.

É importante marcar, para os propósitos desta tese, que o encontro constitutivo do *infans* com a mãe encontra-se, por um lado, no espaço do corpo do *infans* marcado pelo real, portador da *trieb*, na ordem do caos próprio de Tânatos e, por outro lado, do aparelho psíquico materno, regido pelo princípio do prazer. A violência da linguagem, operador necessário para o surgimento do sujeito do inconsciente, que será analisado nas proposições de Piera Aulagnier (1979), marca a relevância dessa diferença, que está presente neste encontro inaugural, por assim dizer, e que, por sua própria assimetria, trará a marca da violação do psiquismo do *infans*.

Na seção anterior, viu-se que a quantidade está relacionada ao trauma. Questiona-se: o que precisa acontecer para que esse trauma seja representado ou que fique fora da cadeia de representação? Está falando-se sobre *Trieb* e *Triebrepräsenz*. Freud afirma que as pulsões autopreservativas ou do *eu* estão presentes pelos caminhos da pulsão sexual, ou seja, as marcas pulsionais inaugurais, que entram na cadeia associativa, são desse momento constitutivo.

2.2.3 Os pares pulsionais

É o investimento pulsional materno que incide sobre o *infans* e modifica a sua economia psíquica. Esse investimento materno é da ordem do fusão pulsional: está contemplada tanto a pulsão de vida – Eros, como a pulsão de morte – Tânatos, da mãe e, posteriormente, do *infans*. Ou seja, uma vez investidas libidinalmente, as pulsões do *eu* se tornam indistinguíveis das pulsões sexuais. Segundo Freud, é nos casos patológicos, como nos quadros neuróticos, que volta a ser possível uma diferenciação. A pulsão sexual é

altamente plástica na sua manifestação, uma vez que passa por várias modalidades de defesa que a impedem da descarga total.

Na reversão ao seu oposto, uma das modalidades de defesa, a pulsão é modificada na sua finalidade. Como dito anteriormente, a finalidade de toda a pulsão é a satisfação obtida na eliminação do estímulo na fonte.

Freud subdivide em dois momentos a reversão ao seu oposto. O primeiro momento é a mudança da atividade para a passividade, por exemplo, os pares sadismo-masiquismo e escopofilia-exibicionismo, nos quais a finalidade ativa é trocada pela finalidade passiva. Assim, o sadismo é substituído pelo masiquismo e o olhar é substituído pelo ser olhado.

A reversão de conteúdo é o segundo ponto da subdivisão da reversão ao seu oposto. O autor diz que o amor é o exemplo isolado dessa vicissitude. Não se trata de uma pulsão parcial, mas de uma síntese da libido. Como sua antítese se apresenta a indiferença, o ódio e o ser amado. A partir dessas antíteses, Freud (1974 [1915], p.155) vai desenvolver três polaridades que regem o psiquismo. A primeira delas é o sujeito (*eu*) – objeto (mundo externo). Segundo Freud (1974a [1915], p.154), “[...] o sujeito do ego [*eu*] é passivo no tocante aos estímulos externos, mas ativo através de seus próprios instintos [pulsões].” Esse momento inaugural, chamado por Freud de *eu realidade original*, está relacionado a grandes quantidades de energia que assolam o *eu*. Pela impossibilidade do incipiente aparelho psíquico de lidar com grandes magnitudes de energia, a dor constante impossibilita a vida psíquica, pois a *Trieb*, sem representação, tenderia para uma descarga total.

No narcisismo primário, o *eu* busca a satisfação pela alucinação do desejo. O amor é o *eu* e o mundo externo a indiferença – é o berço mítico. O mundo externo não é investido; dessa maneira, a mãe e o bebê estão fusionados. Aqui também opera o narcisismo primário da mãe.

O *eu* é agradável e o mundo externo desliza da indiferença para ser desagradável, ou seja, na medida em que é percebido é o depositário do desprazer. O mundo é desagradável porque é a fonte de estimulação, das grandes magnitudes de energia que inundam o aparelho psíquico. Essa inundação, com a entrada de grandes somas de energia, se dá à revelia do aparelho psíquico do *infans*. O mundo externo viola o princípio de funcionamento do *infans*, está em ação uma força externa.

Pode-se traçar uma articulação desse momento constitutivo com o conceito trabalhado por Lacan da [*tyche*]. O *eu* é assolado por uma quantidade de investimento do mundo externo que marca o encontro traumático com o real. Esse encontro com o real não é

da ordem da linguagem, é um encontro que faz furo, marca na carne o *infans*. Essa marca faz a carne pulsar, a pulsação da *trieb*, é a excitação pulsional sem representação.

Nesse momento, ainda não há uma violência da linguagem, na perspectiva do aparelho psíquico do *infans*, pois é de quantidade que se está tratando. Da perspectiva materna, na operação de pulsões fusionadas há representação, ou seja, há linguagem. Teoricamente, há possibilidade da ação de *Trieb* materna sem representação?

O *eu*, mesmo em seu funcionamento autoerótico, pela pressão da satisfação das necessidades autopreservativas, irá introjetar objetos do mundo externo. Os estímulos internos das pulsões autopreservativas serão percebidos como desagradáveis, uma vez que já houve marcas mnêmicas da vivência de satisfação – surgimento do mundo interno no bebê. A pressão do desprazer, por assim dizer, vai fazer o *eu* se abrir para perceber o mundo externo (mãe) como uma experiência de satisfação. Em processo, a ação específica do bebê de buscar o objeto, introjetar e fazer uma descarga do desprazer pela via motora.

É importante considerar que, à medida que o bebê marcar a diferença entre interno-externo no movimento introjetivo-projetivo, o *eu de prazer purificado* vai desalojando o *eu realidade original*. Nessa segunda polaridade que rege o psiquismo, Freud (1974a [1915]), apresenta o par Prazer-Desprazer, com a antítese amor-ódio. Agora, o *eu* é equiparado com o prazer e projeta uma parte de si no mundo externo que é sentido como hostil. Quando o objeto faz sua aparição, o ódio surge no par pulsional, no lugar da indiferença.

Quando o narcisismo primário é acrescido pelo narcisismo secundário, a atração pelo objeto é ocasionada pela sensação de prazer e o ódio pelo desprazer. Aqui aparece a ação motora de destruição, face ao fato de o objeto ser a fonte da sensação desagradável, aparecendo, assim, a intenção de destruí-lo.

Mesmo com a introjeção da mãe, o bebê segue sentindo desprazer, pois as reintrojeções dos objetos do mundo externo não coincidem com o prazer perdido do narcisismo primário.

O mundo externo, objetos e o odiado coincidem. O objeto, para ser amado, precisa ser incorporado ao *eu*. No *eu de prazer purificado*, a polaridade amor-ódio reproduz o prazer-desprazer. No narcisismo secundário, o prazer-desprazer organiza as relações entre o *eu* e o objeto. O amor e o objeto, nesta fase, significam que o objeto foi incorporado ao *eu*. A destruição implica que o objeto não está incorporado ao *eu*; nessa perspectiva, o objeto e o desprazer coincidem. A destruição é a fuga do desprazer.

Amor e ódio são reservados para relações após o *eu* ser uma representação, após o narcisismo secundário ter sido alcançado e, mais ainda, a partir do complexo de Édipo, pelo qual o objeto de amor pela primeira vez é um objeto externo (pai-mãe) e não uma parte do corpo ou o *eu*. Então, o amor e o ódio são relações objetais.

Pode-se considerar que só a pulsão sexual tem objeto. Na teoria das pulsões, as autopreservativas e as de morte não têm objeto. Nas pulsões autoconservativas, a energia não é libidinal. Freud (1974a [1915]) fala em interesse do *eu* e os objetos são materialidades como o alimento ou o ar. Na pulsão de morte, a descarga é feita através da musculatura, porém sem um objeto, sem direcionalidade.

O ódio, enquanto destruição, não provém da pulsão sexual, ou seja, o amor vem da pulsão sexual e o ódio vem da pulsão autoconservativa. Não surgem da mesma origem, se transformam em opostos quando a pulsão está sob a regência do princípio de prazer.⁹

O autor faz uma análise sobre a gênese do amar, localizando-o dentro das fases libidinais. A fase de incorporação ou devoramento é uma das primeiras finalidades das pulsões, é a ambivalência por excelência. O objeto não existe separado do *eu*. Mais tarde, Freud irá nomear essa fase de oral de sucção e canibalística.

Na fase oral sádica, o objeto aparece através da marca de urgência do domínio, ou seja, o objeto externo é incorporado ao *eu*, sendo aniquilado como um objeto externo ao psíquico. Aqui, o amor coincide com o ódio, no sentido de aniquilar e dissolver o objeto.

Na organização ou fase edípica, o amor está como o oposto do ódio. O ódio, conforme diz Freud (1974a [1915], p. 161), é mais antigo que o amor, surge na organização anal como “[...] repúdio primordial do ego [eu] narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos”. Mantém uma relação de fuga do desprazer evocado pelo excesso de estímulos do mundo externo, estabelecendo uma relação próxima das pulsões autoconservativas. Quando fusionado à pulsão sexual, desliza para a finalidade de satisfação regida pelo princípio de prazer. Nas fases posteriores da organização genital, aparece como uma regressão do amor à fase sádica e oral ambivalente.

A terceira antítese apresentada por Freud é amar - ser amado, com a polaridade ativo - passivo na vigência do *eu* de realidade final. O autor propõe o mesmo entendimento dado à escopofilia e ao sadismo. Em síntese, o traço essencial dos destinos pulsionais está em como se comportam diante das três polaridades.

⁹ Depois de 1920, quando Freud introduz um novo dualismo pulsional: pulsão de vida e pulsão de morte; a pulsão autoconservativa estará na pulsão de vida e o ódio na pulsão de morte. (FREUD, 1975 [1938]).

É interessante observar que Freud, ao explicitar o retorno em direção ao próprio *eu*, que é a segunda modalidade de defesa, o faz utilizando os mesmos pares pulsionais sadismo-masiquismo e escopofilia-exibicionismo. Cabe, aqui, fazer uma observação sobre a pontuação de Elia (1995) ao considerar que Freud, nesse texto, deixa pistas ao entendimento de que esses dois pares pulsionais (pulsões parciais) estão na base da sexualidade. Assim, o olhar e o domínio estão presentes como forças pulsionais em que a combinatória oral, anal, fálica, etc., fazem a articulação com as zonas erógenas, dando ao corpo uma extensão, onde as pulsões se manifestam através das intensidades e parcialidades.

Ainda em relação a esses dois pares pulsionais, Freud (1974a [1915]) considera ocorrer uma mudança de finalidade e um retorno em direção ao *eu*. Assim, o sadismo está dirigido a um objeto externo ao *eu* e o masiquismo ao *eu*. Da mesma forma, a escopofilia consiste em olhar para outro objeto e o exibicionismo refere-se a olhar para seu corpo. No exemplo do par sadismo-masiquismo, Freud diz que a libido captura a dor, tornando-a um componente da excitação sexual; é o fator quantitativo a serviço da pulsão sexual – o representante pulsional.

As considerações sobre essas duas formas de defesa vão culminar na afirmação de que as pulsões encontram-se primariamente direcionadas para o próprio *eu*, na posição de narcisismo e na forma de satisfação autoerótica. No autoerotismo a fonte orgânica coincide com o objeto pulsional, conforme Freud (1974a [1915]). Há uma exceção descrita pelo autor: no caso da pulsão escópica, o objeto não é o olho em si. Embora o autor não escreva explicitamente, o objeto é o olhar, o que Lacan irá desenvolver com a pulsão escópica.

Freud faz suas considerações tendo como referência o aparelho psíquico do bebê, sem incluir a ação da mãe, que investe as pulsões autopreservativas para passarem da necessidade para a satisfação autoerótica. Essas modalidades de defesa são utilizadas no período pré-edípico, antes de o recalque primário marcar a divisão dos sistemas Inconsciente - Pré-consciente/consciente.

2.2.4 O narcisismo

No *infans*, caos de intensidades dispersas, o corpo biológico precisa ser investido pela mãe para se transformar em corpo erógeno. Assim, é o investimento libidinal da mãe que transforma o corpo do bebê em um corpo erotizado por e para ela. Quando no bebê habitar um *eu*, haverá o narcisismo e o *infans* amará a si mesmo como objeto. Antes, ele é somente uma possibilidade de objeto para a mãe.

Sobre essas possibilidades de amar, Freud (1974 [1914], p.107), em seu texto *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* descreve os caminhos por meio dos quais um sujeito, neste caso a mãe, pode amar. A mãe, com seu narcisismo, poderá amar seu filho, primeiramente, como ela mesma. Nessa situação, o filho é ela mesma, mãe – uma relação fusionada. Segundo, o que a mãe foi, ou seja, *eu ideal*, um ideal de perfeição sem ser submetida à castração. Em terceiro lugar, o que a mãe gostaria de ser, *o ideal do eu*, agora submetida à castração, e, por último, como alguém que já fez parte de si, ou seja, seu filho.

Do lado do *infans*, têm-se estímulos aplicados à mente, nomeados como pulsão. A característica da pulsão é surgir de dentro do organismo. Ou seja, mesmo que haja um estímulo externo (neste caso, a ação materna), ele necessariamente precisa conectar e ingressar dentro do organismo. É de dentro do organismo que o estímulo passa a existir e, estando dentro do organismo, ele vive, ou seja, autoengendra-se, inicia a emitir sinais que são seus. Essa existência está relacionada à característica seguinte da pulsão, que é seu impacto constante. Freud considera que a melhor caracterização da pulsão é a necessidade. Entende-se que da necessidade surge a premência em satisfazer essa necessidade, para eliminar esse estado de necessidade e voltar a um funcionamento mais próximo da ausência de estímulos (princípio da constância).

O sistema nervoso – nomenclatura utilizada por Freud ainda nesse texto e que se opta por reproduzir, pois traz a marca de um aparelho psíquico em constituição – é um aparelho que tem como função livrar-se dos estímulos que o excitam e manter-se numa “condição inteiramente não estimulada” (FREUD, 1974 [1914], p.140). O autor diz que esse organismo incipiente, para nós o *infans*, fará uma ação muscular de descarga, para livrar-se de forma autoerótica das excitações do interior do seu organismo. Esse é o núcleo para a noção de fora – mundo externo. O dentro – mundo interno – será a marca das constantes pressões, das quais não pode fugir. Articula-se, aqui, o momento inicial do funcionamento defusionado das pulsões; a partir da diferenciação, inicia o funcionamento do princípio de prazer de forma autônoma. Desta forma, a energia psíquica, para a manutenção da vida psíquica, não pode ser zerada. É o princípio de prazer em ação.

Freud, no texto *Os Instintos [As Pulsões] e suas Vicissitudes*, faz uma menção importante para nosso propósito, qual seja, o bebê precisa fazer uma primeira distinção e orientação sobre o estímulo vir de fora ou de dentro do aparelho psíquico. Tratar o estímulo como vindo de fora, tem como ação evitá-lo pela ação muscular de fuga. A pressão constante é um sinal da existência de um mundo interno, do qual não se pode fugir. Não é possível fugir de si próprio.

Quando a mãe investe seu bebê, ela o insere num corpo libidinizado que nascerá pulsionalmente, na forma de uma pressão constante, que não cessa pela satisfação da necessidade. O princípio de prazer impede o *infans* de zerar sua energia (inércia psíquica) e ingressa no princípio de prazer. Este parece ser um momento decisivo para o surgimento do sujeito de desejo.

No mesmo trabalho, Freud (1974a [1915], p.138) comenta a natureza essencial da pulsão. A primeira característica das pulsões é a “origem em fontes de estimulação dentro do organismo” (p. 138). No trabalho sobre o narcisismo, já havia escrito sobre a mãe amar o filho como ela mesma. Considera-se que é necessário haver este momento em que a mãe trate e invista o corpo do filho como sendo ela. Enfatiza-se que o bebê é a mãe, o *infans* não é da mãe, nem parte dela, pois se trata do narcisismo primário materno. Este é o engendramento materno necessário. Quando, mais tarde, houver uma diferenciação, o investimento libidinal já fará parte do corpo do *infans*. O que era da mãe já terá sido assimilado pelo *infans*.

A consequência da assimilação do *infans* pelo investimento materno é a segunda característica descrita por Freud, que é a força constante pulsional com a impossibilidade de o *infans* fugir do que é seu e do que o faz ser ele. O autor faz referência à filogênese para chamar a atenção para a estreita ligação entre o que originalmente foi externo e que, num dado momento evolutivo, passa a ser interno. Em vários momentos de sua obra já mencionara a correspondência sobre a evolução filogenética e ontogênica.

Em 1920, o autor afirma que a angústia não produz uma neurose traumática, uma vez que, no trauma, há o elemento de surpresa, o susto de não estar preparado para algo que irrompe de forma abrupta. Já a angústia, surge como um sinal de perigo no campo psíquico. Esse entendimento permite fazer considerações sobre o campo das neuroses, com sintomas como fazendo parte da cadeia de representações – bem como, para as repetições em atos, das situações traumáticas que não se inscrevem na cadeia representacional. No trauma há uma fixação na cena traumática sem deslizamentos, já que não há um *eu* com a possibilidade de fazer descargas psíquicas. A ideia recalcada persiste como um traço de memória fraco, de pouca intensidade, enquanto que o afeto é utilizado como fator somático. É a excitação que é convertida e marca sua intensidade e que retorna sob a forma de compulsão.

Em *Além do Princípio de prazer*, escrito em 1920, comentando sobre suas investigações até ali e preparando o leitor para o que iria apresentar, Freud faz uma retomada afirmando que o princípio de prazer e do desprazer estão relacionados à diminuição e ao aumento de energia, respectivamente, mas que não é só isso. Refere-se à noção de período de

tempo, que já havia tratado em seu manuscrito publicado postumamente, *Projeto para uma Psicologia Científica* (1987 [1895]).

Neste momento, é oportuno fazer considerações sobre o objetivo deste estudo e do tema em questão. A violência da linguagem materna para inscrever no *infans* um corpo erótico está no lugar de uma cena traumática. Uma análise dessa cena, considerando os pressupostos freudianos expostos até aqui, consiste em um bebê sem um *eu* constituído, em que a energia psíquica não está ligada a representações e a descarga dos estímulos ocorre pelo processo primário. Os estímulos endógenos estão agindo de forma anárquica, sem direção e sem representação, com o aparelho motor em movimento – esperneios e gritos, por exemplo.

Na mesma cena encontra-se a mãe, que além de cuidadora, é a criadora da criatura, ou seja, uma mulher investida no/com seu narcisismo. O que é isso? No estar ali, exercendo a função materna¹⁰, há uma intensidade pulsional presente e dirigida ao *infans*. Freud, no *Projeto*, considera a dor como a irrupção de grandes quantidades de energia vinda de fora do aparelho psíquico. Essa energia, por sua magnitude, muito maior que o estímulo endógeno, irrompe no aparelho psíquico.

Além da intensidade pulsional materna, que é o elemento que mais a assemelha ao *infans*, há o conteúdo ideativo da representação pulsional. Pode-se pensar de que lugares a mãe fala ao seu bebê e em que lugares ela o coloca. Nessas diferentes posições vão emergir intensidades e conteúdos ideativos diferentes – violência do enunciador na cena traumática. De acordo com os estudos de Lacan, pode-se dizer que o investimento materno ingressa nos três registros da experiência psíquica R.S.I. (Real-Simbólico-Imaginário).¹¹

As outras duas modalidades de defesa, o recalque e a sublimação, são destinos pulsionais pós-complexo de Édipo que não foram tratados por Freud em seu estudo da pulsão. Para a finalidade deste trabalho, trataremos do recalque primário.

¹⁰ É oportuno marcar a diferença entre a mãe cuidadora, aquela que exerce uma maternagem, e a função materna. A maternagem é aqui entendida como relativa à pessoa que exerce as ações destinadas ao cuidado do bebê nas suas necessidades, enquanto que a função materna pressupõe um investimento pulsional de quem cuida e de uma relação desejante.

¹¹ R.I.S. (Real-Imaginário-Simbólico) são os três registros que afetam o sujeito e que Lacan formaliza no nó borromeano por, entre outras razões, demonstrar que os registros não se encontram numa relação linear, nem dual, conforme Kaufmann (1996, p.459). A trama das linhas que se enlaçam para como letras irem se escrevendo, se sobrepõem produzindo um nó ou uma cadeia. A passagem dos fios encadeados mostram os registros. O furo do simbólico se mostra pela “insistência” na cadeia metonímica da fala, que mostra as falhas na apreensão do sujeito na significação. O furo do imaginário se mostra na “consistência” que na ilusão da imagem, visualiza que o corpo não é fragmentado. O furo do real se mostra na “existência” do impossível de ser fora de si. O nó borromeano é uma figura topológica de três círculos ligados, sendo que a retirada de um dos enlaces desata os demais. (A figura do nó borromeano encontra-se no Anexo A). Lacan (2008 [1972-1973]), no entanto, visualiza o nó borromeano no brasão da dinastia da família Borromeo.

Em seu trabalho *Repressão [Recalque]*, Freud (1974b [1915], p. 171) justamente vai dizer que o recalque não é um mecanismo empregado desde o início; é necessário ter ocorrido uma cisão estruturante entre a atividade consciente e inconsciente, pois que, na essência, o recalque consiste em manter distante uma representação do sistema Consciente/Pré-consciente, mantendo-a no Inconsciente.

Para explicar o surgimento do Recalque, o autor concebe uma primeira fase chamada de recalque primário, que será tratado de forma mais detida no subcapítulo 4.7. O representante da pulsão tem sua entrada negada no consciente e é estabelecida uma fixação. Entende-se que essa fixação está relacionada a lugares topológicos do aparelho psíquico, neste caso, do Inconsciente. A partir do recalque originário, o representante pulsional fica fixado no Inconsciente. Além do registro no Inconsciente, a fixação se refere concomitantemente à pulsão e seu representante, que fica impossibilitado de criar derivados. Dito de outra forma, a representância fica soldada à pulsão, sendo inviável derivar para outras representações pulsionais. Entra-se no tema da representação, que está desenvolvida na próxima seção.

2.3 A REPRESENTAÇÃO

2.3.1 A *Vorstellung*

A representação, a *Vorstellung* freudiana, está presente ao longo da obra de Freud, pois falar em aparelho psíquico é falar em representação e em representância que a pulsão adquire na mente, constituindo, desta maneira, o sujeito psíquico que é o sujeito do inconsciente. Garcia-Roza (1995, p. 243) considera que, já no primeiro texto teórico de Freud, *A Interpretação das Afasias: um Estudo Crítico* (1977 [1891]), “[...] a representação não pode mais ser pensada como independente das associações; representação e associações constituem um mesmo processo”.

O texto *das Afasias*, mesmo sendo endereçado aos neurologistas, é um texto que já propõe um modelo de aparelho psíquico. Freud vai, nesse trabalho, demonstrar, a partir da afasia, que o funcionamento do aparelho psíquico não pode ser explicado a partir de um modelo localizacionista, ou seja, que o efeito de uma disfunção na linguagem é causado unicamente por uma lesão em uma zona do cérebro. O aparelho psíquico é um aparelho de linguagem, em que seu funcionamento é entendido a partir das associações que são

estabelecidas; tais associações excedem, em muito, o efeito de causalidade que uma lesão em uma determinada área cerebral imporia.

Freud expõe:

Pretendemos agora ver que hipóteses nos servem para a explicação das perturbações da linguagem com base numa tal estrutura do aparelho da linguagem; por outras palavras, o que é que nos ensina o estudo das perturbações da linguagem em torno da função deste aparelho. A este propósito pretendemos separar o mais possível o aspecto psicológico do anatômico, do objeto em exame. (1977, p. 66-67).

Está presente o interesse de Freud em conceber o funcionamento do aparelho psíquico; a análise desse aparelho em situações disfuncionais propicia saber sobre como o aparelho se estrutura em seu funcionamento e em sua gênese.

Pulsão e representação são dois conceitos psicanalíticos distintos, contudo, mantêm uma íntima proximidade. A pulsão, já tratada no subcapítulo anterior, é um conceito que tenta dar conta daquilo que se avizinha entre o somático e o psíquico. Surge no interior do organismo e ingressa no psiquismo. Quando entra no aparelho psíquico já está representada. Observa-se, desse modo, que a representação tem uma íntima relação com a associação e, por sua vez, com a linguagem. Garcia-Roza (1995) observa que o aparelho psíquico é um *aparato*¹² de captura de energia psíquica que vem de fora e de dentro do aparelho. Essas energias, como têm intensidade, magnitude e natureza diversas, exigem tratamento diferente para ingressarem, permanecerem e serem descarregadas do aparelho psíquico.

Os representantes pulsionais, na forma de derivados, vão deixando inscrições no aparelho psíquico e vão adquirindo uma linguagem. Ainda conforme Garcia-Roza (1995, p. 251), esta ideia está presente em Freud desde seus primeiros trabalhos:

[...] a do aparato psíquico entendido como um aparato de captura e transformação do disperso pulsional. Assim, se de um lado temos pulsões anárquicas, de outro temos o aparato como o lugar da ordem, capturando e transformando as pulsões segundo uma ordem que é da linguagem.

A pulsão representa o corpo no psiquismo e também é representada no psiquismo por seus representantes, ou seja, a pulsão não está no psiquismo, ela se faz presente através de seus representantes. Desta forma, é inequívoca a proximidade da pulsão na representação e na linguagem.

¹² Garcia-Roza utiliza o termo *aparato*, no sentido que este tem em espanhol, como um aparelho, para enfatizar o uso dado por Freud de captura de energia que vem do exterior ao aparelho psíquico.

A energia provinda da realidade externa e do interior do corpo é transformada em Qn¹³, em energia que investe as marcas mnêmicas. A energia é capturada e transformada em estímulos psíquicos, através dos investimentos colaterais e de ligação.

2.3.2 *Vorstellungsrepräsentanz* – [representante de representação]

Freud (1987b [1915]), no texto *Repressão [Recalque]*, chama a atenção para o fato de que a pulsão só se faz presente no psiquismo através dos seus representantes, ou seja, o representante pulsional necessita da representância para aquela pulsão. Dito de outra forma, para que, por exemplo, a pulsão oral ingresse no psiquismo precisará ter um representante que, por sua vez, precisará de uma representância, como uma imagem mnêmica ou imagem do objeto que se fixará ao representante pulsional. Assim, há um desdobramento da *Vorstellungsrepräsentanz*, que é o componente ideativo – *Vorstellung* e o componente intensivo – *Affekt*, ou seja, trata-se de uma representação investida pulsionalmente. Esta é a forma em que a pulsão se faz representada no psiquismo.

Lacan (1995 [1964], p. 61) articula, a partir de Freud, o lugar que a *Vorstellungsrepräsentanz* – o “lugar-tenente da representação” – tem no tocante ao inconsciente, ao recalamento originário, à pulsão e à representação. É precisamente por se tratar da *Vorstellungsrepräsentanz* na esfera psíquica e não da *Triebrepräsenz* do somático que se põe em marcha o humano. Seguindo a metáfora da marcha, propõe-se que aí neste passo, se perde a natureza do reino animal.

Pode-se dizer, à guisa de analogia com o reino animal, que o reino humano é povoado de representações de *Vorstellung* que, em sua inscrição no corpo, já diz que se trata de linguagem e não de *das-Ding*, por isso a descarga não é total, por isso não se morre ao nascer psíquico, por isso, antes de falar, o *infans* já está na linguagem, já é um vir a ser falante.

A *Vorstellung* diz de uma criação humana, lá onde está o real, naquilo que ele marcou o corpo do *infans* e causou uma *spaltung*, uma cisão, onde a linguagem vem a se estruturar. No recalamento originário, o que está em questão é a *Vorstellung*. O que virá a ser depois decomposto em *Vorstellung* e *Affekt*, na origem do recalque, que irá fundar o inconsciente. Lacan (1995 [1964]) segue o entendimento de Freud ao considerar que o

¹³ Qn – termo utilizado por Freud no *Projeto Para uma Psicologia Científica* (1976 [1950]), para designar a quantidade de energia com magnitude menor que a encontrada no mundo externo. A Qn é a energia que opera no interior do aparelho psíquico. Depois de desenvolver o conceito de libido, Freud não utilizará mais Qn.

recalcado incide sobre o representante da representação, pois a representação psíquica só se sabe pelo seu representante no corpo. Algo da ordem da representação, de sua significação, só se sabe pelo modo como ele irá afetar o corpo, o qual irá se mover pelo que o afeta; mesmo que fique estático, o corpo é um representante da sua representação.

Quando se diz *corpo*, a referência é para o corpo pulsional. Estabelece-se aí uma imbricação da pulsão já representada no corpo, com as representações disso, ou seja, como o corpo representa e é representado pelo que o afeta, e o que isso diz sobre ele, no que já diz de um inconsciente. Parece ser assim que Lacan vai sedimentando seu conceito de significante a partir da *Vorstellungsrepräsentanz* freudiana.

Na perspectiva referida, a *Vorstellungsrepräsentanz* é o significante unário causado pelo Outro, enquanto que a *Vorstellung* é um significante binário. O sujeito aparece, primeiramente, no Outro, neste Outro que lhe fala. Neste primeiro significante, ele aparece como um efeito do desejo do Outro. Assim, para entender a estreita relação que tem a *Vorstellung* e o significante, Garcia-Roza (1995, p. 250) entende que Lacan trouxe “para o primeiro plano da discussão teórica em psicanálise o conceito de *Vorstellungsrepräsentanz*, além de tê-lo apontado como o equivalente freudiano de seu conceito de *significante*”.

O conceito lacaniano de significante traz um movimento que vem de fora do aparelho psíquico, vem com o corpo e vai para o psíquico. Aquilo que, estando fora, causa o sujeito na sua interioridade, no tempo lógico – tempo que a psicanálise trabalha essa existência constitutiva de um fora/dentro inscrito no psíquico e estruturando um inconsciente.

O recalcado incide sobre o significante unário, naquilo que será o núcleo do inconsciente: a *lalangue*, conceito que será aprofundado no próximo capítulo. A excitação pulsional é uma expressão direta de um *quantum* de afeto, uma pura intensidade, que opera e está ligada ao componente ideativo. Por ocasião do recalque, há uma separação dos dois componentes e cada um toma um caminho distinto. Desta forma, o *Affekt* tem seu caminho separado do componente ideativo e, por conseguinte, da trama significativa (GARCIA-ROZA, 1995).

O mesmo autor propõe que a libido é a parte do afeto que permanece ligada à representação após o recalque. Pode-se dizer que a Qn, citada anteriormente, retida, e que investe o traço mnêmico, chama-se libido. Ela é o investimento responsável pela ligação das *Vorstellungsrepräsentanz*. A ligação dos traços mnêmicos, que são as vias de facilitação por onde as associações transitam, dá à libido a característica de ser energia ligada, enquanto que a pulsão de morte é pura intensidade sem representação; desta forma, fica propensa à descarga.

O aparelho psíquico freudiano articula, desde os primeiros trabalhos de Freud, memória-representação-linguagem. A memória, para Freud, é uma memória inscrita no sistema psíquico, ou seja, é uma memória inconsciente, pois a consciência é uma qualidade que depende da atenção para se presentificar. É uma memória dos traços – *Spur*, de uma impressão – *Eindruck*.

2.3.3 Impressão e traço

A impressão [*Eindruck*] está relacionada à primeira infância. Ela em si não é passível de ser lembrada e quando impressa com um *quantum* de afeto, será material para reconstrução como no *Homem dos Lobos*. Freud, ao analisar o sonho de seu paciente em *História de Uma Neurose Infantil* (1976 [1917]), faz referência à intensidade da impressão que determinados fragmentos tinham no sonho; eram de uma ocorrência real e não de imaginação. O que Freud está assinalando, a partir do material clínico do sonho, é a diferença da intensidade que a representação possui. Cabe ressaltar que se trata de um fragmento de realidade psíquica e não de um fragmento de realidade externa.

Ao se deparar com fragmentos de lembrança do paciente, na construção em análise, Freud (1976 [1914], p. 63) escreve:

Com um ano e meio, o menino recebe uma impressão [*Eindruck*] à qual é incapaz de reagir adequadamente; só consegue compreendê-la e ser afetado por ela quando a impressão [*Eindruck*] é revivida por ele aos quatro anos; e somente vinte anos mais tarde, durante a análise, está apto a compreender, com processos mentais conscientes, o que então acontecia com ele.

A impressão, sem ascender para a marca mnêmica, está excluída da cadeia de representação de sentido e da linguagem. Dentro desta perspectiva, a impressão não é um registro simbólico, nem imaginário, é da ordem do real na perspectiva lacaniana, conforme pontua Garcia-Roza (1991). Sem representação, seu funcionamento tende à descarga, típica do funcionamento da pulsão de morte.

O que caracteriza esse estado sem representação é a angústia, tal como Freud (1976 [1924]) a desenvolveu a partir de *Inibição, Sintoma e Ansiedade*. Antes disso, a primeira teoria da angústia era fruto do recalçamento; a libido represada se transformava em angústia. A angústia, após o desenvolvimento da pulsão de morte, fica sem representação.

Garcia-Roza lança a hipótese de que, nessa situação, trata-se de uma memória de impressão, contrapondo-a à memória de traço, que tem representação. O traço, por sua vez, é

como a impressão progride para ser um traço de memória. No traço há inscrição. O autor destaca que, embora não seja seguido à risca, há uma direção em Freud para considerar, como caráter estrutural do aparelho psíquico, o traço, enquanto que, na consideração da gênese do aparelho psíquico, a impressão.

É possível entender que, na gênese do aparelho psíquico, há impressão; os traços só aparecem quando as impressões, investidas, são inscritas como traços de memória. Desta maneira, a impressão faz parte da gênese do psiquismo.

O traço pressupõe que a energia psíquica não seja totalmente descarregada. No sistema psíquico, as energias tendem a não se escoar totalmente, pois é previsto que fique uma pequena quantidade retida. O traço como registro vai ocorrer pela intensidade da impressão e pela repetição. Pela intensidade da impressão, o aparelho psíquico não irá realizar uma descarga total. Uma pequena parte da energia psíquica ficará retida pelas barreiras de contato. Criar-se-á facilitação dentro do sistema para o registro das impressões.

Freud, no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1976 [1950], p. 320), fala da “magnitude da impressão e da frequência com que a impressão se repete.” A magnitude no interior do aparelho é uma intensidade menor que já passou pelo escudo protetor. A repetição está retomando um período de tempo em que a repetição opera criando uma frequência. A noção de período está relacionada à magnitude, à amplitude e à frequência. A repetição é a ocorrência de algo numa frequência (tempo e espaço).

Como hipótese do trabalho da pesquisa que se realiza, pode-se pressupor que, na gênese do aparelho psíquico, tal qual é a proposta por Aulagnier (1979) sobre a representação pictográfica, assim como os traços mnêmicos estão vinculados ao processo primário, a impressão está vinculada ao processo originário.

Nesse processo, a representação é operada nas imagens sensoriais do prazer/desprazer do *infans*. Nas considerações da autora, o corpo age na presentificação do “conflito irreduzível que opõe Eros e Tânatos.” No que se conhece a partir de Freud, com o movimento de ligação de Eros e o movimento de não ligação de Tânatos, é possível fazer a relação que, nessa fusão pulsional original da representação pictográfica, Eros possibilita a movimentação do aparelho psíquico à representação na marcha da impressão; enquanto que, Tânatos impede a ascensão para marcas de memória, pela repetição e descarga de energia. Como dito acima, o traço ocorre pela intensidade e repetição. Assim, pela intensidade do investimento materno, a intensidade do prazer do *infans*, acrescida da repetição da vivência de satisfação, faz com que o traço passe a deixar marcas de memória no corpo pulsional do *infans*.

Pode-se considerar, igualmente, que a repetição é uma memória de texto, tendo em consideração a *Carta 52* e *A Interpretação dos Sonhos* (1972 [1900]). Na *Carta 52*, Freud considera que em cada registro há uma reinscrição, uma transcrição dos traços mnêmicos, em sistemas psíquicos ou em novas associações. Lacan (1995), sobre essa passagem, diz que Freud está à frente do que os linguistas iriam desenhar cinco décadas após, sobre a noção de significante e os conceitos de sincronia e diacronia, pois Freud concebe um aparelho de linguagem no qual a inscrição de traços psíquicos vai deixando memórias; como uma linguagem, é possível percorrer os traços deixados e, como redes associativas, abrir significações.

Assim, no livro *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1972 [1900]) concebe que o aparelho psíquico é um texto, escrito pelas conexões feitas pelos traços mnêmicos. As marcas mnêmicas não servem para ser traço, mas para estabelecer conexões, ou seja, linguagem. O texto do sonho se inscreve pelas associações, pelas quais uma única excitação deixa atrás de si registros, trilhas por onde passa. As imagens contam a história por onde as excitações criam conexões. No sonho, pela via regressiva, essas associações fazem o caminho inverso em direção às imagens, que são a matéria-prima do aparelho psíquico. A alucinação do sonho, entendida como a imagem pictórica, é forma da realização (a real ação) do desejo.

Lacan (1995 [1964]) diz que o sonho é a casa do sujeito do inconsciente, onde ele se anuncia. O sujeito é o lugar da rede de significantes; quando se enuncia na trama de significação do inconsciente, o sujeito emerge. O inconsciente é constituído de pensamentos, aos quais Freud se refere nos sonhos como pensamentos inconscientes. Lacan pontua, ainda, que não são pensamentos que se constituem de certezas e dúvidas, fazendo alusão ao discurso cartesiano do *eu penso, logo sou*.

Compreende-se que os pensamentos dos sonhos mostrados por Freud, ou seja, os pensamentos inconscientes, são os significantes, nomeados por Lacan. No sonho, os pensamentos ganham significância na trama das associações, nos rearranjos dos traços mnêmicos em novas associações; são os traços sincrônicos. Quando os traços de percepção se inscrevem como traços de memória, há uma separação da consciência, segundo Lacan (1995 [1964]), pois se sabe, com Freud no *Projeto*, que memória e consciência são excludentes, ou melhor dito, estão em sistemas psíquicos diferentes. Os traços de memória se inscrevem na simultaneidade. O texto das inscrições psíquicas é o inconsciente.

[...] o inconsciente estruturado como uma linguagem. Eu digo *como* para não dizer, sempre retorno a isto, que o inconsciente é estruturado *por* uma linguagem. O

inconsciente é estruturado como os ajuntamentos de que se tratam na teoria dos conjuntos como sendo letras. (LACAN, 2008, p. 53).

Os pensamentos inconscientes, presentes no sonho, contemplam a estrutura do inconsciente, com as redes de associações simultâneas nas tramas da sincronia e diacronia. O sonho, desta forma, mostra o texto onde os significantes são inscritos com o potencial de significância. O sujeito está no sonho que enuncia o que pensa, ou seja, enuncia o seu desejo.

A facilitação entre os registros cria diferenças. A memória ocorre em função das diferenças de facilitação. Assim, vão se criando caminhos, conexões do fluxo de excitação. Freud (1987, p. 254), nos *Extratos dos Documentos dirigidos a Fliess, Carta 52 (6 de dezembro de 1896)*, diz que os traços de memória estão propensos a um rearranjo de tempos em tempos, e que o aparelho psíquico sofre um processo de estratificação. Lacan (1995, p. 48) considera que no espaço que separa o sistema percepção da consciência está o Outro, “onde o sujeito se constitui.” A vertente que o Outro tem no ensino de Lacan, marca, nesta perspectiva, um lugar onde emergem os significantes estratificados, estruturados como uma linguagem – a do inconsciente; que transcendem os ordenamentos sintáticos da língua, bem como a dimensão simbólica. É nessa perspectiva que a linguagem para Lacan (1998 [1958]) tem a dimensão do Outro lugar que fala no sujeito. *Isso fala (ça parle)*, o significante na ponta do real, fala no sujeito:

Isso fala no Outro, dizemos, designando por Outro o próprio lugar evocado pelo recurso à palavra, em qualquer relação em que este intervém. Se isso fala no Outro, quer o sujeito o ouça ou não com seu ouvido, é porque é ali que o sujeito, por uma anterioridade lógica a qualquer despertar de significado, encontra seu lugar significante. A descoberta do que ele articula nesse lugar, isto é, no inconsciente, permite-nos apreender ao preço de que fenda (*Spaltung*) ele assim se constitui. (p.696).

Apresenta-se essa citação pelo rigor e amplitude que ela parece dar ao pensamento de Lacan em relação à constituição do sujeito pela linguagem. Destaca-se, ainda, o ano em que Lacan escreve este trabalho, o ano de 1958, período considerado como o seu primeiro ensino, quando o conceito do real tinha pouca ênfase nos seus trabalhos. Aqui, porém, a constituição do sujeito, está na fenda, na abertura do real que se faz presente, independente do que quer que seja. Na abertura do sujeito, a fenda está sempre presente, mostrando que dela não dá para escapar. Quando abre, ela fala e o sujeito atônito com isso que sai dele não sabe o que diz.

2.3.4 O encontro com o real

Onde está o real? O sujeito irá encontrá-lo, onde? No umbigo do sonho, na letra, conforme a citação anterior de Lacan. Para encontrar o real, o sujeito precisa fazer o caminho inverso, ou seja, o que escapa do furo do inconsciente. Seguir a trilha do significante, mais especificamente, da estrutura das suas associações, disso que Freud nomeou como pensamentos inconscientes que estão nos sonhos. Freud fala das associações, enquanto que Lacan fala da estrutura das associações dos pensamentos que estão *lá*¹⁴, significando. No ponto da angústia, que quando tocado, faz o sonhador acordar.

A estrutura, com as associações, se articula criando significantes; estrutura que é dada pela língua, com a simultaneidade em que os traços se ligam pela sincronia significante. Lacan localiza, nos termos da *Carta 52*, o inconsciente estruturado. O inconsciente como uma estrutura, baseado nas relações de contiguidade, simultaneidades diacrônicas. “A diacronia é orientada pela estrutura” (LACAN, 1995 [1964], p. 49), relação de causalidade.

Há uma divisão no inconsciente, na fenda da sua estrutura, que divide o sujeito com o recalçamento primário, surgindo o sujeito da rememoração, guiado pelo princípio de prazer. A divisão do sujeito marca o seu aparecimento sempre fugaz. A rememoração dá conta de uma estrutura. No entanto, em um dos furos do real, mostrado por Lacan, no nó borromeano,¹⁵ está o real, na fronteira do simbólico e do imaginário, onde, na clínica psicanalítica, a escuta do analista vai saber da sua mostraçã, naquilo em que o real irrompe, se presentifica, nisso que não contém traço de memória, é da ordem da *Eindruck*.

Na repetição, o real retorna ao mesmo lugar. A resistência é uma insistência em ato. Lacan (1995 [1964]), utilizando-se das categorias aristotélicas, diz que o *Autômaton* é a rede de significantes e *[tyche]* é o encontro com o real. Qual é o primeiro encontro? O que está por trás da fantasia?

O inconsciente é estruturado como uma linguagem, isto é, o inconsciente é regulado como uma linguagem. Está estruturado desde antes do seu surgimento humano, está determinado por forças exteriores ao humano, forças da natureza. As forças opositoras do universo, oposições significantes; pela oposição, pelo encontro do caos, elas se organizam e criam significância.

São as palavras de Lacan (1995 [1964]), p. 26):

¹⁴ O que é da ordem do *isso* ocorre *lá*, em um lugar distante do *eu* que fala, do enunciador.

¹⁵ Conforme já tratado na nota de rodapé número 9.

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas e as modelam.

Há algo, antes de existir o sujeito do inconsciente, que conta, classifica, conforme as categorias de Aristóteles, e também conta na sua importância que terá para o sujeito que há de vir. Depois de haver um inconsciente-linguagem, aparece um *eu* que é falado para depois falar.

O recalque impede que o inconsciente seja equivalente ao psiquismo. A manifestação do inconsciente se dá no tropeço, rachadura, algo que aparece como por um descuido, que causa um susto, uma surpresa, pela fenda, para depois desaparecer. O traço da abertura faz surgir a ausência – a hiância do inconsciente. O estatuto do inconsciente é ser singular e único e sua função é ser pulsante. Num instante aparece na fenda, para em seguida evanescer – o lugar privilegiado em que aparecem os pensamentos do sonho e a *lalangue*, que se vai aprofundar no capítulo que segue.

3 LALANGUE

3.1 O INCONSCIENTE COMO LALANGUE

Lalangue é um termo criado por Jacques Lacan, pela união, em francês, do artigo feminino *la* ao substantivo feminino *langue*. A [La] língua [*langue*] não é a língua do idioma, nem da gramática, é a língua do inconsciente incorporado ao *infans* pela mãe, a *lalangue dite maternelle*, uma língua singular, na vocalização da mãe, sem significação, que habita o real.

Este termo – *lalangue* – compõe um neologismo à lalação da mãe ao bebê, cena na qual a mãe emite vocalizações direcionadas ao bebê fora do sentido da fala. Maliska (2010, p. 252) a qualifica como “[...] uma *língua* singular, aquela que é inscrita no sujeito, ao modo de uma *tatuagem* vocal [...]”. A voz materna, ou seja, o real da língua materna, invade o *infans* e o leva a ouvir o real. O autor faz referência ao ato falho cometido por Lacan, em 1972, quando ao se referir ao dicionário *Lalande*, diz: *lalangue*. A partir daí, Lacan começa a fazer referência a essa linguagem do inconsciente, que como seu ato falho, aparece no uso da linguagem, a *lalangue* presente na estrutura e no funcionamento do inconsciente.

Em *O aturdito* (2003 [1972]), Lacan faz a primeira referência à *lalangue* no seu ensino, e diz que a estruturação do inconsciente como uma linguagem é “como a *lalíngua* [*lalangue*] que ele habita” (p.492); esse entendimento da *lalangue* como a língua do inconsciente, acompanhará Lacan no seu trajeto a partir da articulação desse conceito, em 1972. Nos últimos seminários de Lacan¹⁶, a *lalangue* articula-se com o real, o corpo e o gozo, na radicalidade de uma existência menos articulada ao Outro. A partir da formulação conceitual da *lalangue*, o inconsciente, além dos derivados que aparecem na fala, se mostrará sem disfarces, nas irrupções inesperadas, nas vocalizações sem sentido: a voz sem fala.

Antes disso, *há* uma articulação mais expressiva do inconsciente com o Outro, na qual a mãe como lugar, invoca o *infans* na linguagem. O Outro tem uma expressiva vertente significante na ordem simbólica, já nos seus textos finais, a *lalangue* traz para si a língua em uso dirigida ao “*gozar de um corpo*” (LACAN, 2008 [1972-1973], p. 29). O Outro não está, exclusivamente, no registro simbólico, ele é um feito de uma substância gozante, numa pulsação ligada à *Trieb* – o gozo do Outro. A alteridade do Outro, desta forma, associa-se a uma radicalidade de um não-todo fora da ordem da linguagem, mas que, ao mesmo tempo se insere no corpo pela substância gozante que faz o *isso* gozar. O corpo goza, não pela

¹⁶ Nesta tese, com destaque para o Seminário 23 (*O Sinthoma*, 2007 [1975-1976]), trabalhado no capítulo 6.

significância da linguagem, mas pela potência pulsional: “só se pode gozar de uma parte do corpo do Outro, [...]”. (LACAN, 2008 [1972-1973], p. 29).

Além dessa categoria de gozo, citada anteriormente, o *gozo do Outro*, há o *mais-gozar*, no qual a escrita do gozo no corpo tem como destino o gozo em si, sem o endereçamento ao Outro. Corresponde a uma energia residual impedida da descarga total, retida, fica erogenizando as zonas e orifícios do corpo. Esse excesso não é incluído como significante: na categoria de excluído, excedente e residual, é a forma de *mais gozar* do objeto *a*.

O *gozo fálico* corresponde, também, a uma das categorias de gozo, é o falo que regula o gozo como um significante que marca a origem do gozo, as bordas e trajetões que vão escrever o circuito pulsional, a cena do fantasma e do sintoma. No último ensino de Lacan, o sintoma traz a vertente de inclusão do desejo e do gozo, como será visto mais detidamente no capítulo 6.

Assim, entende-se que o inconsciente é habitado pela *lalangue*, no sentido em que ela habita o real da língua. O real da língua marca uma totalidade que sobra do registro do imaginário e que o simbólico não consegue captar. Desta forma, trata-se do que é impossível captar e capturar na esfera psíquica, mas está lá, no inconsciente, na voz, fazendo traço no psiquismo, mas sem fazer lastro na cadeia de significantes. Nesta perspectiva, não sendo simbolizado nem imaginarizado, não é pensado. Tem-se um impensado que se faz presente, na *lalangue*, há um real.

Nessa mesma linha de raciocínio é que se diz que o real da língua é não-todo. Entende-se aí que a língua não está inteira em nenhum dos três registros – real, simbólico, imaginário. Dito de outra maneira, a língua não é nem uma totalidade, pois como se vê, não está inteira em um só registro; nem universal, na medida em que são várias as línguas faladas, como os idiomas; e que, como sujeitos, cada um fala a sua *lalangue*. É desta forma que se entende a língua, para a psicanálise, marcando uma diferença da língua enquanto ciência estudada pela linguística. Assim, reforçando o entendimento adotado nesta tese, para a psicanálise, a partir dos estudos de Lacan, são várias as línguas, cada um (falante) fala a sua; neste contexto, não há uma língua universal.

Pode-se considerar que Lacan, com o conceito de *lalangue*, reforça a potência do inconsciente como uma hiância que aparece, muitas vezes, sem lastro com a cadeia significante, marcando desta forma uma pura intensidade sem significação – a voz sem palavra. O inconsciente, para o autor, a partir do Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), vai se delineando no próprio funcionamento da pulsão

parcial, onde o corpo fendido nas zonas erógenas cria caminhos na busca da satisfação com um objeto *a* – sempre faltoso. O inconsciente pulsátil vai culminar no Seminário 20: *mais ainda* (1972-1973), trazendo o significante como a causa do gozo fálico.

O *infans* é falado na *lalangue* pelo real da língua, é falado sem saber o que diz por um Outro da linguagem, já presente, antes de se constituir como um sujeito falante e como o Outro, segundo nos referimos no parágrafo anterior, como um corpo gozante. No Seminário 10, da *angústia*, Lacan articula as fórmulas do desejo do Outro no sujeito, no ponto em que o sujeito se constitui neste desejo do Outro que fala nele. O Outro grafado com “O” maiúsculo se relaciona à linguagem que constitui o sujeito do inconsciente: “o desejo do homem é o desejo do Outro.” (LACAN, 2005 [1962-1963], p. 31). Esta tese está trabalhando conceitualmente com estas duas pontas do ensino de Lacan: o Outro, como um lugar ocupado pela linguagem e/ou pela mãe, que forja o *infans* na linguagem e que, na outra ponta, pela própria constituição psíquica, goza com a *lalangue*.

Este capítulo traz elementos sobre a *lalangue* para entendê-la na cena da violência da linguagem na inscrição psíquica no *infans*, onde a *lalangue* habitará. Neste ponto, faz-se outra articulação da violência da linguagem com diferenças em relação à proposta por Aulagnier, uma vez que está se aproximando a *lalangue*, conceito introduzido por Lacan, à violência da linguagem. Na concepção de Aulagnier, como já referido e com aprofundamentos no capítulo 5, a violência da linguagem é realizada pelo discurso materno, que marca um excesso que não é da ordem do significante, é da ordem de uma representação pictográfica.

Milner (2012), em *O amor da língua*, diz que há um impossível no campo da linguagem, uma impossibilidade do dizer, onde não há palavras que abarquem o todo da linguagem. A língua se ancora na linguagem, sendo várias as línguas faladas e escritas com suas propriedades enunciativas. Há uma impossibilidade de dizer tudo, isto está expresso na própria língua, cuja dimensão é a borda do real.

O todo, para Lacan, está contido por um limite que o expresse, limite este que diz de uma negativa da existência; desta forma, o todo está na concomitância com o não-todo, aí está a sua criação. Assim, tem-se a fórmula lacaniana (2003 [1972], p. 450) “não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue.” O autor vale-se de Aristóteles para dizer que a lógica que habita os seres falantes, ou seja, a fórmula do inconsciente estruturado como uma linguagem, traz na sua estrutura/desestratificação o ponto do real e a aparição no inconsciente. O todo só existe no não-todo. Essa concomitância traz a marca da inscrição no inconsciente, onde a linguagem revela-se em toda a sua estruturação.

O universal de que fala Lacan irá se articular com o *eu realidade original* proposto por Freud em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1969 [1911]). Nesse funcionamento, pode-se formular que o universal é a marca do narcisismo primário, onde só existe *um*, só existe o *eu*; a indiferença marca a realidade que não existe. Porém, essa existência do universal será limitada pelo *eu-prazer* que, frente ao juízo de existência, nega a universalidade do todo. Uma vez que o *infans* não alcança o prazer somente com a descarga motora, precisa entrar no mundo da representação da realidade. Enlaçar-se no imaginário com a presença do Outro, segundo a proposta lacaniana, é entrar nesta *ex-sistência* do Outro, que compara a interioridade do *eu-prazer* na concomitância da Banda de Moebius.

Esta pode ser mais uma articulação possível para pensar a proposição lacaniana da universalidade com um limite de negação que a faça existir. No caso do *infans*, ele só saberá da exterioridade a ele quando a alucinação não for suficiente. É a falta que age como um limitador para a existência do universal. O mesmo raciocínio pode-se fazer a respeito do todo: é somente quando se tem o não-todo que o todo ganha existência.

A *lalangue* é uma língua característica da constituição da subjetivação. Sua implicação com o real, com a *ex-sistência*¹⁷, mostra que a linguagem enquanto produção humana já ex-siste antes do *infans* nascer e, ao mesmo tempo, o constitui. Além e junto a isso, o corpo do *infans* traz nos seus sons a reverberação de que algo pulsa nele. Nesta cena de sons ritmados, na qual seus barulhos são ouvidos pela mãe, no lugar de Outro, há algo de muito particular que começa a acontecer ao *infans*, a mãe e a dupla na sua concomitância. Sobre a *lalangue* são palavras de Maliska (2012, p.79):

Na *lalangue*, os sons não estão articulados com o sentido, mas com o ritmo, ou seja, os sons não são coletivos, não pertencem à língua, nem mesmo são executados por uma comunidade linguística, mas são sobretudo, singulares, fonéticos, sonoros, desarticulados de sentido e do universo simbólico da linguagem. O som da *lalangue* é um real que foraclui o sentido, um real que não está em relação alguma.

Nesta perspectiva, é possível articular que, na constituição do sujeito, a voz da mãe invoca o *infans*, para, em um segundo momento, ela ouvir a sua própria voz. A mãe fala sem saber, fazendo eco no *infans*, que na sua reverberação soará como *lalangue*.

Assim, a inscrição psíquica do *infans* se dá pela escuta desta voz pela mãe, ponta do real do *infans*. Para a escuta de um dizer do ser, é necessário que a mãe crie/escute um

¹⁷ Neologismo criado por Lacan para falar da existência no sujeito de algo de si que se encontra no lugar do Outro. A *ex-sistência* desta ordem do real é da mesma ordem do impossível, conforme Kaufmann (1996).

dizer do *infans*. A *lalangue* está na barra com o real, é a criação da mãe que dará sentido à voz do filho para, posteriormente, ser um dizer, mas que, ao mesmo tempo, marca – um excesso que não é expresso no todo da linguagem, um real que, por não saber o que diz, goza.

Contudo, é importante ao propósito de estudar a violência da linguagem na inscrição psíquica, manter as duas pontas da *lalangue*, isto é: junto ao Outro que violando o *infans*, terá seu desejo nele, o alienando como sujeito e, na outra ponta, um impossível de tudo dizer no campo da linguagem. Esse impossível da língua está na ponta do real e fora do sentido da linguagem. Excluído de significar – fala gozando sem saber o que diz.

O inconsciente se estrutura como uma linguagem para enunciar a verdade do sujeito. Concebe-se que o inconsciente não se origina de um psiquismo individual e sim entre o que grita e o que escuta, afetados pelos ecos de ressonância dos corpos. Postula-se que do *infans* à mãe há uma língua, uma *lalangue* que goza, (inter) eles.

Por ora, diz-se que há um real na voz do *infans* que, ouvida-ecoada-falada-*lalangueada* pela mãe criará uma demanda para surgir um desejo. O efeito do dizer, que marcará o surgimento do sujeito naquele que era *infans*, dá-se no encontro do dizer com a escuta. Para que haja escuta é necessário haver um sujeito – mãe enquanto ser desejante. A mãe transmite o seu desejo ao *infans* através das vocalizes¹⁸ que emite.

O ser fala, mas não se escuta; neste caso, a mãe fala, mas não se escuta, porque a *lalangue* é a língua em operação fora do registro simbólico. Dessa forma, tem-se um mosaico de possibilidades neste momento constitutivo do *infans*, onde a *lalangue* na mãe, à maneira da banda de Moebius, opera em si, opera inter e na criação do interior no *infans*.

3.2 LALANGUE – UM MODO SINGULAR DE FAZER EQUÍVOCOS

A *lalangue* é concebida por Milner (2012) como o núcleo que cada uma das línguas concebe concomitantemente à unicidade e à distintividade na sua forma, não na sua substância, por isso é o celeiro que disponibiliza os equívocos. É definida em termos de relações, de modo que suas locuções estão na dimensão do não idêntico; é da singularidade que se trata. Ela não tem medida de comparação com outra língua, daí seu caráter incomensurável; é incomparável, única, singular. Assim, a *lalangue* apresenta um modo singular de fazer equívocos.

¹⁸ Termo usado com o sentido de ser a parte vocal sem palavras.

Seguindo no entendimento do autor sobre a *lalangue*, ela não é representável pelo cálculo, vem a ser a parte da língua que escapa à apreensão da ciência, em que as regras gramaticais não explicam seu funcionamento/enunciação. A pronúncia da língua mostra os equívocos nas formas de homofonia (diferentes no significado e na grafia, a pronúncia tem o modo idêntico), homossemia (mesmo significado) e homografia (mesma escrita e sentidos diferentes).

Os equívocos surgem. Milner (2012) metaforiza dizendo que o real surge como um cristal monolítico, onde, no encontro com a língua, o falante se equivoca. *Lalangue* é o lugar para que o inconsciente se mostre com todas as propriedades e disfarces que ele apresenta. A linguagem, como unificadora da língua, está situada na deriva do imaginário, onde o falante se unifica na sua imagem no espelho; não obstante, no equívoco, a locução e a escrita da língua tomam a dimensão do Outro: uma troca de letra, de som, de sílaba tônica, de gênero verbal, de gênero linguístico, enfim, incontáveis possibilidades.

Desta maneira, através da língua está a demanda, que, no registro do imaginário, comporta univocidade, mas que, no momento do equívoco, denuncia seus múltiplos. Assim pontua Milner (2012, p.19): “Mas o real do equívoco resiste: a língua não cessa de ser desestratificada por ele.” Desta forma, a *lalangue* está na deriva do real. A linguagem é a *lalangue* na fronteira, no cruzamento da sua existência/inexistência ou, como diz Lacan, na *ex-sistência*. É o imaginário de um objeto que não existe e, no seu lugar fala: “[...] a linguagem não é nada além de *lalangue* apanhada na bifurcação de sua existência ou de sua inexistência: um saber que passa pela ausência fantasiada de seu objeto.” (MILNER, 2012, p. 26). A linguagem encontra-se nos dizeres sobre a origem: “[...] a forma narrativa na qual ausência e presença se articulam consecutivamente.” (MILNER, 2012, p. 26). A língua, diferente da linguagem, mobiliza a modalidade da sua existência.

Em relação à existência, a língua está na ordem das gramáticas, nas formas corretas, enquanto que *lalangue* está no escape das formalizações, no equívoco, no inesperado, no Outro, onde o que está à mostra não é o certo/errado, mas a existência/inexistência, a presença/ausência. A linguística trata a língua como uma forma, como um objeto científico, assim a língua sustenta o não-todo da *lalangue*. A língua é a rede na qual a *lalangue* falta, contudo, a rede como forma não pode faltar. Ela é não-toda, pois não está toda inscrita nos registros do imaginário e do simbólico, porque também está no real; é desta maneira que o não-todo da língua sustenta a *lalangue* fora do sentido.

Assim, postula-se que o equívoco da *lalangue* – sustentado na língua, está na dimensão do real, naquilo que a torna impossível dizer. Não por falta de palavras, pois seria o

caso de inventar palavras e lhes atribuir sentidos, mas no que tange a seu excesso, onde não há possibilidade de o sentido capturá-lo totalmente. É no campo do impossível que se produzem equívocos, e não no campo do proibido.

3.3 UMA MIRADA EM SAUSSURE

De acordo com a leitura realizada neste trabalho, a linguística estruturalista é um conjunto de proposições que se referem, por via interpretativa, à língua e suas formas de representação. Concebe a linguagem como um sistema de signos, e propõe a investigação de certos elementos básicos que estão presentes em todas as línguas sem distinção, bem como o estudo de línguas particulares em suas peculiaridades. O teórico que introduz a lógica da linguística estrutural é Ferdinand de Saussure.

Saussure organiza a linguística para ser um lugar da ciência; para tal, elege o signo como um conceito privilegiado, em que vai articular as relações de estrutura da língua. O estatuto da língua [*langue*] para o autor é o de um objeto teórico, conceitual. Nos seus estudos, a língua não é concebida pela ordem empírica, portanto não busca um entendimento histórico sobre a evolução da língua. É interessante a consideração realizada por Maliska (2003, p. 27), ao dizer que “[...] a língua foi inventada por Saussure”, ou seja, Saussure dá um status de entendimento e estudo da língua distinto da gramática comparativa¹⁹, que pautava o entendimento da língua até então.

O signo linguístico, para Saussure, é arbitrário, negativo e bifacial. Por arbitrário, entende-se que não há uma causa intrínseca que una o significante ao significado, ou seja, não há uma origem que justifique que uma sequência de sons esteja ligada ao conceito de uma coisa. Nas palavras de Milner (2012, p. 59): “Disso decorre que entre signo e a coisa significada, a relação seja de simples encontro.” Igualmente, não há ligação de origem entre o significante e o significado. As relações são de puro encontro, do acaso, todas as outras possibilidades ficam fora deste encontro.

Ações são *a posteriori*, construídas por redes a partir do encontro. Antes do encontro há o real. Segue-se Milner (2012, p. 59): “o arbitrário, neste sentido, só faz nomear o encontro.”. A arbitrariedade do signo diz da inexistência da origem ligada ao signo

¹⁹ A linguística como gramática comparativa surgiu no início do séc. XIX; pautava-se na hipótese genética e estudava a língua identificando as mudanças ocorridas ao longo da história.

linguístico. “Assim sendo, há língua.” (p. 60). Desta forma, a língua é uma estrutura que tenta abarcar um sentido e, ao mesmo tempo, diz da impossibilidade de isto acontecer na totalidade.

Outro aspecto pontuado por Milner, ainda em relação à arbitrariedade dos signos, diz respeito à exclusão. “O signo arbitrário é, em Saussure, aquilo que opera todas as exclusões de uma só vez.” (MILNER, 2012, p. 62). É pela sua própria operação de encontro que há exclusão das outras possibilidades de encontro, que não se realizam. Acrescenta-se que a operação de exclusão abarca o todo para que exista o não-todo. Todos precisam estar excluídos para que reste o encontro de um par possível.

Sobre o negativo, comentando a partir de Saussure, Milner (2012) diz que o significante linguístico é negativo, opositivo e relativo. Os signos existem numa ordem, sua existência está na relação que mantém nesta ordem com os outros signos.

A significação dos signos é dada pela exclusão, ao dizer que ele não é o outro, pois que estão dispostos numa origem. O signo, por não ser o único, é disposto numa ordem; é nesta ordem que ganha significação. Sua presença opõe a propriedade bifacial, é uma operação com o não todo do signo e a impossibilidade de conhecê-lo, o não-sabido da outra face revela a significação da face que aparece.

O bifacial do signo, em última análise, prioriza o encontro do significante com o significado, o representante sonoro no encontro com a representação da coisa ausente, ou seja, a ideia. A pura diferença é captada e fixada no signo, a ponto de ser manejada, ou seja, representada.

A partir da análise do signo saussuriano, Milner (2012, p.64) diz que “há discernível na língua”; retoma Lacan com o “Um na língua”. O signo permite, com suas propriedades, a operação de discernir até o nível do visível, no objeto não-todo, o encontro com o real. É o “Um” que torna possível a escrita. O *Um* está na *lalangue*, na potência da significação. O significante *Um* que ingressa no corpo habitado pela *lalangue* vai incorporar o significante e a significação.

Maliska (2003) também estabelece uma relação entre a arbitrariedade do signo e o real. A arbitrariedade do signo, segundo o autor, remonta a um real que não estabelece nenhuma relação *a priori* para a união do significante e significado. Esse encontro está fora da ordem e da lei, é da esfera da [*tyche*] que Aristóteles classifica como uma das causas acidentais em que o homem não tem qualquer controle. É no dizer popular: estar à própria sorte.

O autor comenta que os signos são uma abstração, no sentido de estarem fora do funcionamento interno da língua: encontram-se numa relação de verticalidade, na qual o significado sobre o significante dará o sentido ao signo. No funcionamento interno da língua, no plano da horizontalidade está a noção de valor com relação diferencial e negativa entre si, dentro do sistema da língua, pois um signo só adquire valor na medida em que não é outro signo qualquer: um signo é aquilo que os outros signos não são.

Desta forma, Maliska (2003) entende que, para Saussure, o arbitrário e o valor podem se aproximar do real da língua, pois é nesta categoria de oposição que se produzem os fonemas e os sons das palavras. Pode-se pensar que aqui estamos mais próximos dos jogos vocais que se estabelecem com o *infans* e a mãe. No balbucio, todos os sons entram no jogo e são articulados. É claro, na observação, o *gozo* que tem um bebê em balbuciar e aquele do adulto que o acompanha nesta brincadeira de puro êxtase sonoro.

Os mecanismos da *lalangue* e do inconsciente são os mesmos. Língua, *gozo* e corpo se articulam. Desse encontro surge o que pontua Milner referindo-se a Lacan: “o ser falante, o *falasser* [*parlêtre*].” (2012, p. 65). Lacan introduz esse termo no Seminário *R.S.I.* (1974-1975), quando, no seu ensino, a linguagem deixa de ter um estatuto mais ligado ao simbólico e vai ser derivada da *lalangue*. O ser que fala, não é mais o sujeito do desejo, que fala na articulação simbólica do desejo. É um ser suportado por um corpo, que vibra, por uma substância gozante que fala, sem saber o que diz. O saber do ser está no real, fora da linguagem, está na *lalangue*.

Para a psicanálise, o que importa da sua relação com a linguística é que “uma escrita seja possível” (p. 66). A escrita que se produz entre uma possível abordagem da linguística e a psicanálise é a *lalangue*, que está sempre em operação sobre a língua, em qualquer ponto das suas proposições balbuciadas/enunciadas/equivocadas.

3.4 A TOPOLOGIA

A borda do real fica encoberta pela divisão imaginária do correto/incorreto das gramáticas. O imaginário das normas gramaticais encobre o impossível do real, onde o imaginário é chamado a criar a ilusão de que é impossível não se equivocar. Milner diz (2012, p. 27): “Trata-se, segundo Lacan, da mesma relação que sustenta, no não-todo da relação sexual, a divisão em metades sexuadas às quais os *eus* [*moi*] se atracam.” O puro conceito da língua é de um não todo, daí a *lalangue*.

Pode-se ver a tensão que marca a língua e a *lalangue*, na sua borda do real, como a montagem/desmontagem do imaginário. Não se diz toda a verdade, as palavras estão em falta na zona do real. A verdade e a *lalangue* pertencem ao real, de um modo ou de outro, a *lalangue* está presente na língua, como um real impossível na língua.

O sujeito, no encontro com o real, vai demandar uma representação desse encontro. Desse imaginário do encontro representado é que será possível o sujeito se deparar com algo que lhe escapa dessa representação do encontro com o real. Para isso, na representação precisa haver repetição, e dessa/nessa repetição se coloque uma/numa rede de outras repetições. A primeira repetição é a escrita – a letra –, na segunda, cria-se a representação. Teorias nas quais os retalhos da escrita escrevem alguns pontos de real.

Lalíngua [*lalangue*] é não toda. Disso deriva o fato de que há algo nela que não cessa de não se escrever e esse algo exerce uma ação em todas as formas discursivas que se relacionam com *lalangue*. Para a linguística a coisa é simples: trata-se de ignorar por completo o ponto de cessação, e essa ignorância a estrutura. (MILNER, 2012, p. 39)

A *lalangue* transita nos três registros que constituem o sujeito segundo Lacan: real, simbólico e imaginário. Após a constituição do sujeito, ela aparece na sua concomitância: na escrita que repete insistentemente, na inscrição que, pelos equívocos e tropeços da linguagem, mostra a falha estrutural do sujeito falante.

São palavras de Lacan (2003 [1972], p.477): “A estrutura é o real que vem à luz na linguagem.” O autor usa a topologia como possibilidade lógica de operar o real, no que ele porta de impossível de apreensão e inscrição. Com isso, vale-se da topologia como uma linguagem: a lógica articulada no discurso vai mostrar a estrutura na relação da linguagem, na cadeia dos significantes, para a constituição do sujeito como efeito de um dizer.

A referência à topologia é utilizada, em Lacan (2003 [1972]), como um preenchimento imaginário para o abstrato do real, mas, ao fazê-lo, já não se trata de metáfora, mas da própria operação do real no que ele se apresenta de prática. A topologia é acessada justamente porque há um real que a metáfora não alcança. Ou seja, por um limite da metáfora surge a topologia. Por isso, não se trata de experiência, mas de uma prática das fórmulas matemáticas.

Násio (2011) propõe o termo *topologeria* à semelhança de *linguisteria*²⁰, para traçar uma linha de demarcação entre a topologia oriunda da matemática e a topologia usada por Lacan, para falar, na psicanálise, do conceito de real no sentido de uma articulação o mais abstrata possível do conceito. Sobre as figuras topológicas utilizadas por Lacan, o autor escreve:

- a) a demanda e o desejo, figurados pelo toro²¹;
- b) o sujeito dividido e seu dizer – um dizer significativo – figurados pela banda de Moebius²²;
- c) um significativo e os outros, figurados pela garrafa de Klein²³;
- d) finalmente, o sujeito em sua relação com o objeto (fantasia), figurado pelo *cross-cap* (esfera provida de um *cross-cap*)²⁴. (NASIO, 2011, p. 12).

Nesta relação, Lacan, em *O aturdido* (2003 [1972]), diz da concomitância das figuras topológicas. “O notável dessa sequência é que a asfera (tudo junto), começando do toro (onde se apresenta em primeira mão), só chega à evidência de sua asfericidade ao ser suplementada por um corte esférico.” (p. 472). A *asfera*, desta maneira, vem a ser o furo produzido pelo Outro que produz a esfera no toro, assim o sujeito de desejo é produzido pelo desejo do Outro, sempre na concomitância.

No toro (figura esférica em forma de anel), a partir da demanda – mensagem endereçada ao Outro, mostrada nas repetidas voltas no toro –, surgirá o furo central que será a presença do Outro no sujeito e o surgimento do objeto para o desejo do Outro.

A segunda volta da demanda mostra que algo se perdeu, quando a volta se completa. Desta forma, quando se completa a segunda volta, há uma significação da existência de uma primeira para sempre perdida. O significativo primeiro assim se inscreve. Sabe-se que se perdeu algo na origem, constituindo-se, neste momento, o saber da existência perdida da primeira volta. O saber cria a existência da primeira. Na segunda, instituindo a primeira, surge o desejo de ser novamente a primeira.

²⁰ Palavra criada por Lacan para diferenciar que não se trata da linguística tal qual concebida pelos linguistas, de forma que a língua dos psicanalistas não é a mesma dos linguistas.

²¹ A figura topológica do Toró está disponível no Anexo B.

²² A figura topológica da banda de Moebius está disponível no Anexo C.

²³ A figura topológica da garrafa de Klein está disponível no Anexo D.

²⁴ A figura topológica do *Cross-cap* está disponível no Anexo E.

Produce-se o corte de uma superfície quando se passa do plano da demanda para o do desejo. Desse desejo se produz um corte, do *Um* que não retorna. Nessa torção, surge o sujeito dividido e esvaziado, figurado na banda de Moebius (faixa esférica torcida). A topologia ensina sobre o corte e o número de voltas para que a estrutura se modifique na sua esfera. Lacan pontua sobre a transformação do toro em banda de Moebius que “Fechar duplamente essa volta gera algo totalmente diverso: a queda da causa do desejo a partir do qual se produz a banda moebiana do sujeito, vindo essa queda demonstrar que ele é apenas ex-sistência ao corte do fecho duplo do qual resulta.” (LACAN, 2003 [1972], p. 487).

Lacan (2003 [1972]) fala da banda de Moebius, obtida a partir do toro num achatamento das duas dimensões que compõem as lâminas da banda. Entende que o esvaziamento da demanda do Outro constitui isso que virá a ser o desejo do sujeito, pois é de um esvaziamento do sujeito na concomitância do desejo que se trata. Portanto, é deste esvaziamento da demanda que surge o sujeito. Desde a sua constituição, o sujeito encontra-se dividido pelo desejo do Outro. “Mas, ao mesmo tempo, o que se evidencia é que a banda de Moebius não é outra coisa senão esse mesmo corte, aquele pelo qual ela desaparece de sua superfície.” (p. 471).

É um corte que produz a banda de Moebius e que, na sua criação, também evidencia a separação da banda do toro: “[...] executando uma meia-volta de torção na execução da volta completa do toro, obtém-se uma banda de Moebius [...].” (LACAN, 2003 [1972], p. 470).

Dada a importância da operação acima, enfatiza-se que a concomitância dessas operações topológicas aplicadas ao inconsciente é marcada pela contínua criação e reversão das práticas do real. “A banda de Moebius, portanto, é aquilo que, por operar sobre a banda de Moebius, a restitui à superfície do toro.” (LACAN, 2003 [1972], p. 472).

Essa incorporação do significante da linguagem no sujeito pelo desejo do Outro produz o desejo do sujeito. É no desejo do Outro que o sujeito no corte aparece, a linguagem o preenche, figurado pela garrafa de Klein²⁵. Na metonímia da cadeia de significantes, o sujeito surge entre os significantes. O tubo da garrafa de Klein mostra o autoengendramento do sujeito na cadeia de significantes, no qual o sujeito surge no desejo do Outro.

²⁵ É designada como uma superfície fechada e não orientável. Em matemática, figura não orientada é uma propriedade em que é possível voltar ao estado invertido como na banda de Moebius. O nome Klein faz referência ao matemático alemão Felix Klein (1849-1925), que desenvolveu os estudos, conforme <http://clubes.obmep.org.br/blog/b_fklein>. Acesso em 13 Fev. 2018.

O gargalo da garrafa de Klein, com o seu reviramento no tubo em três dimensões, mostra a *ex-sistência* do significante primeiro. Pode-se articular o significante primeiro vindo deste Outro na exterioridade do sujeito que, ao articular o significante segundo, mostra o inconsciente na borda única (dentro e fora constitutivos pela torção da banda de Moebius).

A figura topológica do *cross-cap* é utilizada por Lacan como uma mostração da operação da divisão do sujeito, pelo significante do Outro e o resto irreduzível do objeto *a*. O ponto de corte do sujeito é realizado pelo significante fálico, ou seja, o corte resulta do furo deixado no sujeito pela entrada do significante fálico, considerado por Lacan como o significante por excelência, pois que, ele traz a marca da castração originária. Násio (2011, p. 63) comenta sobre o *cross-cap*:

Em termos práticos, o *cross-cap* materializa, ou melhor, pensa materialmente três conceitos psicanalíticos: a indistinção dentro/fora, o corte entre o sujeito dividido do inconsciente e o objeto *a* e, por fim, as propriedades particulares desse objeto. O elemento comum a esses três conceitos é o de falo ou de significante fálico, figurado no *cross-cap* justamente por um ponto singular dessa linha dita de autointerseção.

O plano projetivo remete a um ponto no infinito ou o ponto do real, que é comum a todas as linhas traçadas; neste sentido, esse plano mostra a impossibilidade de encontros nas linhas, elas se encontram numa projeção infinita de encontro, o encontro impossível.

No entanto, o ponto na topologia de Lacan também remete ao limite da castração. O *cross-cap* contém a banda de Moebius e o círculo orientado. O ponto de corte que cria o furo, o “ponto nó”, está no centro da intersecção, onde há a amarração do sujeito na banda e de onde surge a esfera do objeto *a*, que vem a ser a superfície da esfera do *cross-cap*.

Esse ponto central representa o significante fálico oriundo da experiência de castração entendida como a transformação num significante desse órgão particular que é o pênis. Lacan teria enunciado: o falo é o que resulta da elevação do pênis à dignidade de significante. (NÁSIO, 2003, p. 81).

O falo é o significante do desejo do Outro, “significante-mor”, por assim dizer, pois é do sexual que se trata. A queda do objeto *a* é a marca da castração, no sentido de queda de uma parte do corpo que vira um significante.

A banda de Moebius corresponde à linha de corte do oito interior²⁶, então o corte e a banda são a mesma coisa; num movimento metonímico o ponto, o corte, a banda deslizam. O sujeito aparece aí desse deslocamento que, por deslocar-se, revela a sua castração.

A primazia do falo como equivalente imaginário do significante fálico está em se considerar uma parte separada do corpo, um órgão que cai e que faz parte do desejo do Outro. O falo é o objeto de desejo do Outro, é com o falo que o Outro se completa, o falo é o significante por excelência, se assim se pode dizer, do desejo do Outro. “Por isso o falo marca com sua significação o objeto *a*, para promovê-lo a objeto do desejo.” (NÁSIO, 2011, p. 82).

O inconsciente se estrutura como uma linguagem, nas voltas da demanda, nos registros do imaginário e do simbólico. Na cena da violência da linguagem, na inscrição psíquica do *infans*, a torção marca uma estruturação do aparelho, a *lalangue* já habita o inconsciente daquele que se inscreve.

Desta forma, o recurso à topologia tenta dar conta do que é impossível entender, com linhas imaginárias, que substituem pontos e estes, por sua vez, substituem os números, os quais encobrem o zero, o nada constituinte do *infans* que a mãe tenta preencher com a linguagem. As figuras topológicas parecem sugerir as manobras cirúrgicas que a mãe precisa operar no *infans*, no corte da sua estrutura, nesta operação traumática [*trou-matisme*]²⁷ para fazê-lo vibrar, gozar, desejar e falar.

3.5 O IMPOSSÍVEL DA LALANGUE E DA RELAÇÃO SEXUAL

Não se diz tudo, motivado não pela incorreção das coisas a dizer, mas pela existência do Outro, da ordem do real e, por isso, vedado ao uso. As palavras estão em falta com alguma coisa que está neste outro registro, sendo usada pelo Outro em outro lugar. Essa coisa não vem pela proibição, mas pela impossibilidade de representação e pela equivocação. Aparece como um susto, um inusitado, e não como inexistente. Como o sexo, a língua está nesta mesma categoria do impossível.

A língua oferece significantes para o todo, mas isso não a torna unívoca, muito menos forma uma unidade. A língua, com sua relação com o dizer, demanda o todo; ela e a linguagem incitam operadores do todo aos retalhos do real. Para falar de um todo é preciso

²⁶ Figura topológica obtida a partir do toro, nas duas voltas contínuas da demanda. Násio (2011) também sugere o nome de “oito dobrado”, pela semelhança visual. Essa figura encontra-se no Anexo F.

²⁷ Neologismo criado por Lacan, em que utiliza as expressões: traumatismo [*traumatisme*] e buraco ou furo [*trou*]. Esse termo traz a dimensão do trauma como um furo/buraco no real.

haver um limite que o suspenda e garanta, a partir daí, que há um todo. Trata-se de uma suspensão que seja o operador de sua existência. A existência é, pois, uma construção da língua/linguagem.

Desta forma, não se diz tudo, há um impossível de dizer, assim como a relação sexual é da ordem do impossível, pois a completude que marca uma relação sexual é da ordem do imaginário. Embora, na esfera simbólica, o sujeito se movimente para reencontrá-la, no imaginário, a frustração se mostra. O amor, assim sendo, é da ordem do imaginário, da completude, do *Um*, do narcisismo. O amor materno tem um primeiro tempo deste amor de completude: o *infans* faz parte da mãe, ela fala por ele... Ele é falado por ela...

O falo, na dimensão simbólica, é o terceiro que intermedeia o encontro entre os seres – o falo é a linguagem. É o significante do Outro que é violado no vir a ser sujeito. Assim, o primeiro tempo do amor do *Um*, na completude da unidade mãe-*infans* na dimensão imaginária, precisará ser sucedido por um segundo tempo, em que a linguagem seja um terceiro, na dimensão simbólica. O significante *Um* se inscreve na cadeia onde outros significantes serão articulados na combinatória significante.

Na topologia, é o toro que, na demanda do Outro, é o significante do desejo que produz a *asfera*. Vanier diz: “Essa dimensão do impossível da relação sexual oferece a Lacan uma definição do real.” (2005, p. 88). A fórmula da sexuação²⁸ proposta por Lacan (2008 [1972-1973]) trata do lado em que o ser falante se reconhece na relação com o seu gozo na cena do fantasma, seja do lado homem ou do lado mulher. Dito de outra forma, a anatomia não é o destino, a propósito da frase escrita por Freud (1970 [1912], p.172): “A anatomia é o destino”, na qual parafraseia Napoleão no dito: “A geografia é o destino”, e sim, a identificação na cena do fantasma aponta o destino, lugares construídos pela linguagem.”

Lacan subverte a lógica de Aristóteles e vai articular uma lógica para a verdade do inconsciente. Do lado do homem, $\exists X \overline{\Phi x}$ a fórmula apresentada por Lacan, refere-se a uma particularidade negativa (não estar submetido à função fálica), que predica a proposição existencial (existe um x-homem). Pode-se dizer que a proposição existencial está no real, é o ponto no infinito da topologia da figura do *cross-cap*.

A negativa da proposição (não estar submetido à função fálica) a situa no ponto projetivo no infinito, pois é do pai da horda primitiva, proposto por Freud e retomado por Lacan, que se refere a esta fórmula. Articula-se, igualmente, que essa negativa é um

²⁸ As fórmulas de sexuação estão no Anexo G.

predicativo da sua inscrição na linguagem, uma vez que a função fálica é da ordem do significante, ou seja, da linguagem.

Assim, essa fórmula diz da *ex-sistência* constitutiva do sujeito do inconsciente que está na banda de Moebius, ou seja, o dentro/fora na subversão da constituição do sujeito. A existência mítica de um homem que não está submetido à função fálica – como já foi dito, o pai da horda primitiva, exterior à linguagem – opera uma existência no registro do real; sua existência indica uma exterioridade ao simbólico e ao imaginário.

A negatividade é dada quando a inscrição fálica (ordem da linguagem) é inscrita no registro simbólico. É a topologia do toro, no registro da demanda do Outro, que, na repetição, se inscreve com o furo do significante e do desejo. Estabelece-se a um só tempo a criação da existência do pai da horda e dos seres da linguagem.

Sobre essa fórmula, Lacan (2003 [1972], p. 458) diz que existe *Um* que não está inscrito na função fálica; desta forma, o todo fica emparelhado como seu limitador, que vem a ser o seu particular: “[...] existe *Um* em questão, servindo de limite ao *entretanto* [pourtant], é aquilo que o afirma ou o confirma”.

O sujeito como efeito de significação é a resposta do real ao seu limitador, onde a negação da relação sexual se tampona na suspensão da função fálica. Lacan articula o significante assemântico (sem nenhuma espécie de sentido), ao sujeito na função de dejetto. A função fálica cortada do sujeito o faz dejetto, sem o ponto de verdade, há um falso, como “decaído” – “o avesso da verdade”.

A língua se sustenta no ponto em que existe um todo; existe um x que não faz parte para a existência do todo. Essa é a noção da diferença para Saussure. Cada categoria exerce um estrato que limita o outro, por exemplo, o espaço do ser e do sentido. Desta forma, o não da língua é um limitador, isto é, institui a proibição.

A *lalangue* não é instituída para o todo pela suspensão do limite, isso a deixaria no lugar do proibido, ela é instaurada pela suspensão. Nesse lugar do impossível, a *lalangue* é instituída como real; não está na proibição, está, portanto, no lugar do impossível, destituída de significação. A locução interdita está na língua e fica na língua. A suspensão do que é proibido ser dito não vai para fora do todo. Ele fica dentro da língua e fora da linguagem, por isso sempre pode aparecer na forma de equívocos do dizer. A proibição do dizer é análoga à proibição que recai sobre o sexo.

Sobre a proposição universal afirmativa $\forall x \in \Phi, x$, a segunda inscrita do lado do homem, Vanier (2005, p. 90) afirma que “Lacan retomou os trabalhos de Peirce que mostram,

em relação à lógica de Aristóteles, a necessidade de uma particular *negativa* para poder fundar uma *universal afirmativa*.”. A proposição universal afirmativa, igualmente, afirma a função fálica para todos os homens e nega a sua existência para *Um* (o pai da horda). Esta é a subversão sempre posta na topologia para dar conta da simultaneidade dos registros: imaginário, real e simbólico. Todo homem está submetido à função fálica, inscrito na linguagem nos três registros. Além disso, existe *Um*, não inscrito, que marca o impossível do real.

[...] supondo [...] que se simbolize todo uso do Todo sob a forma canônica $\forall x. \Phi x$, esse retalho de escrita só se sustenta através de outro, cuja possibilidade incessante ele reivindica: $\exists x. \overline{\Phi x}$ existe um x tal que, para ele, o Todo esteja em suspenso $\neg$, limite ou exceção, isto é, confirmação. (MILNER, 2012, p.72).

Do lado mulher dos seres falantes, Lacan escreve a fórmula $\overline{\forall x} \overline{\Phi x}$. A existencial negativa – não existe um x (mulher) que não esteja submetido à função fálica – configura-se como uma proposição existencial que coloca todas as mulheres na função fálica, mais especificamente, na forma de não estar inteira nesta função, por isso se diz que a mulher é não-toda fálica. Ao contrário do lado atribuído ao homem, do lado da mulher não existe figura de exceção, ou de outra forma, não há uma figura mítica que configure uma existência de significante a uma categoria mulher. A mulher, neste contexto, tem a sua constituição pela diferença radical, sem limitadores da ordem significante, dito de outra forma, cada mulher se constitui na singularidade do seu gozo.

Essa dupla negativa cria uma positiva de existência no infinito. Lembre-se do ponto no infinito do *cross-cap*, na topologia trabalhada por Lacan, este é o lugar do real. A mulher, neste ponto, está no lugar do real, fora da linguagem e do sexual. Este, se pode dizer, é o lugar da mística por excelência, o mistério do feminino, do fora do sentido por não estar na linguagem. Neste contexto, o gozo feminino é um gozo outro, na medida em que é um gozo fora do significante fálico, fora da linguagem, ou outro tipo de gozo (gozo outro), que tem uma dimensão mística indizível.

Na segunda fórmula apresentada, para o lado da mulher, $\overline{\forall x} \Phi x$, Lacan inventa a negativa para o todo, para o universal, nomeando o não-todo. Nesse quantificador que nega a universalidade, a mulher não está toda, inteira, submetida à função fálica, ou seja, há uma divisão no lado mulher que a deixa por um lado, submetida ao significante e, por outro, submetida ao gozo do Outro no registro do real. Parece que ela fica submetida ao significante

do Outro no registro do simbólico. Ou seja, ela quer que o grande Outro lhe diga o que é ser uma mulher. Mas é o significante no Outro que ela vai buscar (é o que diz a seta apontando para $S(A)^{29}$; mas não o gozo do Outro.

De acordo com as postulações lacanianas, pode-se dizer que, enquanto no lado do homem, a divisão está dentro/fora, o pai da horda primitiva está fora da linguagem, marcando um limitador, ou seja, sendo um S_1 que organiza o conjunto de significantes; no lado da mulher, a divisão está nela mesma, no corpo que lhe proporciona a existência além do real nos registros imaginário e simbólico. Essa divisão na mulher, sabe-se pelo gozo feminino, um outro gozo, mais além do fálico.

O assassinato do pai da horda primitiva permite ao homem estar inteiro na submissão fálica, enquanto que na mulher, é preciso um corte para se submeter ao significante fálico. A fórmula de Lacan – “a mulher não existe” – é entendida aqui como “A mulher” toda-inteira não existe. A mulher existe em partes, a parte falante, cortada pelo significante e a parte do corpo, do real, um gozo suplementar ao fálico. (LACAN, 2008 [1972-1973]).

O não-toda mulher não está de todo no significante. A mulher não existe, já que está não-toda na função fálica. Não há limite de suspensão. A função do pai puxa para um sentido, faz um ordenamento, uma direção. A castração faz uma força de atração do todo/não-todo. Há um Outro para atribuir um sentido: o que quer ele de mim?

A proibição da mulher não está na existência $\overline{a}x \overline{\phi}x$, ela está submetida à função do pai da horda primitiva; a mulher faz parte da civilização, porém a fórmula $\overline{V}x \Phi X$ não está submetida à função fálica, daí a proibição ser no interior da própria língua, ou seja, dentro da civilização dos seres falantes. A mulher está na posição do impossível do dizer. O todo do ser falante. O impossível não cessa de ser proibido, está é uma estrutura das leis da fala que não cessa de operar. O todo é feito para renegar o não-todo da *lalangue*.

Há uma equiparação entre a função fálica e a escrita, segundo a concepção de Milner (2012). A escrita se refere ao sexo como ser falante, ou seja, o corte do significante produz um assujeitamento na função fálica. O ser existe quando é nomeado. Essa nomeação passa por uma articulação da *lalangue* à procura de sentido. Lacan faz referência ao efeito do discurso que é a escrita. A mulher é escrita no significante como mãe “A mulher só entra em função da relação sexual enquanto mãe.” (2008 [1972-1973], p.40). Por assim dizer, o significante-mãe, esta é a metade, a se dizer, das mulheres.

²⁹ Presente nas *Fórmulas de Sexuação*, no quadrante abaixo do lado direito. Disponível no Anexo G.

A realidade é uma construção, não importa se há uma correspondência com a existência. Este é o real da escrita; nesta construção, no recorte do real é que a língua/linguagem vai formar um todo; se a existência não pode ser construída, o aprender fora do universo é o não-todo. Sobre essa fórmula, Lacan diz que $\forall$ tem o valor da verdade. Todo sujeito se inscreve na função fálica; essa verdade encobre o sentido e revela que não há relação sexual possível e não é possível dizer tudo.

Há algo que existe, mas que é impossível na relação sexual e no dizer o todo. O ser falante é também faltante, por isso *falasser*. Há um ser faltante, que nesta hiância da falta fala e ao falar, se diz alguém. Como o sujeito se assujeita no desejo do Outro, há uma duplicidade no seu dizer. Quando fala, o sujeito se diz no seu gozo, mas também é dito pelo Outro. Assim, quem profere algo diz algo para depois ser. O nome constrói o que será nomeado e o nomeado constrói o ser.

Segundo Milner (2012, p. 96),

O ser falante supõe um nome, mas o nome supõe o ser falante. Por si só o enunciado do círculo suscita o simulacro de sua resolução: o nome que convoca o falasser a ser – de fato, o próprio nome “falasser” – só pode subsistir como uma falta, já que, no tempo que precede o proferimento do nome, falta o falasser que o profira. Logo, o conjunto das locuções em que o nome do falasser deveria advir será estruturalmente faltante: o operador *todo* jamais será lícito no que diga respeito a ele.

O falante fala do não-todo. Esta língua que constitui o ser é da ordem da *lalangue*, o não-todo, o lugar da falta. “Lalíngue [*lalangue*] é aquilo através do qual um ser pode ser dito falante” (MILNER, 2012, p. 96). A fala existe porque dois seres não se completam, nessa falta, eles gozam. Cada qual goza com uma parte do corpo, sendo assim, o impossível da relação é a completude, no sentido do encaixe, da comunicação e do entendimento. A *lalangue* é o lugar desse impossível na relação sexual e na relação linguageira, pois o todo e o não-todo não se completam. Dois seres falantes são da ordem do real, eles não são simétricos, são pura diferença. Logo, não há relação sexual possível.

O modelo da comunicação da linguística e das teorias da comunicação parte do pressuposto de que os falantes são seres iguais que na fala se completam, e em comum se unificam, se comunicam. O autor faz referência a uma singularidade entre a língua e o amor, pois que o amor também está no lugar da “conjunção impossível”. A relação linguageira, assim como a relação sexual, é uma máscara que encobre que este encontro é impossível, pois o real que é encoberto pelo signo é o *Um* em si.

Estas relações impossíveis estão enraizadas na *lalangue*, já que ela se constitui no lugar do impossível; neste ponto, o amor é tecido em desejo. Quando no amor (imaginário) emerge o desejo (simbólico), com a falta, renegando a *lalangue* do impossível, ela se mostra não-toda. O Amor tecido em desejo renega a necessidade da *lalangue*, assim, a língua renega o desejo. A língua tece a *lalangue*; é na língua que se tem acesso à *lalangue*. O signo, como indício de um sujeito, causa o desejo.

O sujeito de desejo causa uma cadeia, sendo que a *lalangue* excede a língua. No campo do desejo, o sujeito subverte a ordem da língua e a transforma no lugar do excesso, onde a *lalangue* está na causa da língua: “os elementos articulados viram significantes” (MILNER, 2012, p.100). O desejo fica posto em todos os pontos da cadeia, a língua é a morada do sujeito do desejo. Há um inconsciente, no nível do inconsciente um desejo, no nível do real da língua há *lalangue*. O todo da língua figura como rede do impossível e a *lalangue* como função do excesso.

3.6 A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM É DA ORDEM DA LALANGUE

O ponto onde a violência da linguagem se instala está na *lalangue*, na dimensão de se mostrar fora do sentido do imaginário e do simbólico da língua, onde os recortes do real emergem na cadeia de significantes, na forma de equívocos. Se a *lalangue* aparece nos recortes do real, ela também está presente na língua, no itinerário do imaginário. O ser falante se faz falante na cadeia de significância, mas também lastreado pela imanência imaginária de uma totalidade.

A língua, por não ser um instrumento de comunicação, é subjetivada pelo sujeito do desejo, denunciando que sempre há um excesso da *lalangue*. O recalcado segue na cadeia associativa com um saber inconsciente; assim, o significante-mestre da língua vem da *lalangue*. Pode-se dizer, a partir da topologia, que a *lalangue* está na figura do toro, nas voltas da demanda e, também, na *asfera*, na esfera central, produzida pelo desejo.

O conceito de significante, nos textos finais do ensino de Lacan, mais especificamente no Seminário *Mais, ainda* (1972-1973), apresenta um novo entendimento na articulação com o gozo, e que tem na *lalangue* reverberações. O autor cita a substância extensa e a substância pensante referidas por Descartes, para pontuar que a natureza da substância que habita o corpo ao qual a psicanálise se reporta é a “substância gozante” (p.29). Diz *mais ainda*, parafraseando o título do seminário, que essa substância gozante inclui o

significante e, portanto, o inconsciente. “Direi que o significante se situa no nível da substância gozante.” (p. 30).

Compreende-se que Lacan vai refinando mais seu ensino para uma prática da psicanálise que privilegia o que lhe é própria, isto é, sua clínica. Faz um distanciamento conceitual do significante originário da linguística e o escutando, no corpo pulsional, encontra um gozo que diz da língua do inconsciente – *a lalangue*.

O significante na teoria lacaniana é um acontecimento do ser da linguagem, ele está no uso que o sujeito faz, sem, no entanto, ter um sentido *a priori*. O sentido pode vir a ser dado por outro falante. Esse outro é uma alteridade ao sujeito do inconsciente. O que importa é que o outro que oferece o sentido ao significante não coincide com o ser que o produz.

O que se diz, então, é que o significante não contém um sentido na sua origem. *Um* significante, sem estar entre-outros, é uma mônada “[...] é o Um que se sabe inteiramente só, ponto-de-real da relação vazia; a mônada é essa relação vazia insistente [...]” (p.234). Assim, o significante contém um saber do inconsciente e inconsciente, o saber do *Um* sozinho, do real, sem entrelaçamentos com o simbólico e o imaginário. O significante *Um*, do real, afeta o corpo, pode-se dizer que o saber do inconsciente afeta o corpo do sujeito, ou na constituição psíquica, afeta o corpo do *infans*.

Essa afetação do corpo que aqui se trata não fará laço entre dois outros significantes, onde não terá como efeito um sujeito do inconsciente, onde faria parte de uma cadeia de significantes, de onde emergiria um sentido como o consequente efeito de um sujeito de desejo.

Na troca proposta por Lacan de mônada, por “Um-dizer” (2012 [1971-1972], p.235), o *Um* que fala sozinho goza. Vale lembrar as vocalizações e solilóquios dos bebês no berço, mas ao ser escutado pela mãe, seu corpo também vibra da substância gozante – a mãe causa furo em ato. Também, pode-se pensar na fala vazia dos neuróticos, que não buscam uma troca com o outro e, sim, solilóquio com que busca regozijar-se a todo tempo.

Lacan introduz no Seminário *R.S.I.* (1974-1975) a noção de *falasser* na conjunção do $\$ \wedge a$, resultando o sujeito do gozo; no contraponto da disjunção do $\$ \vee a$ na resultante do sujeito do desejo. Como já foi assinalado anteriormente, o *falasser* contempla as categorias de sujeito, significante e gozo que antes estavam separadas.

Aqui, apresenta-se uma passagem da clínica da pesquisadora de um paciente que, após um ano de análise, faz um jogo gozoso de iniciar a resmungar, como ele mesmo nomeia seus barulhos que são vocalizações, sem emissão de palavras. Esses resmungos ocorrem quando a analista se prepara para falar após silêncios do paciente. Seu refinamento opera ante,

uma mudança de respiração, ou no primeiro fonema emitido pela analista. O paciente, então, interrompe a fala ao não deixar que o significante da fala da analista apareça. Há uma impressão [Eindruck], da ordem da repetição, de um significante sem lastro com a significação que não ascende à palavra?

Na sua história infantil, o paciente ficava na cozinha observando/olhando o corpo da mãe. Nessas ocasiões, via-se surpreendido e em seguida interrompia sua observação, quando a mãe o surpreendia olhando-a e perguntava o que ele queria. Ao que ele respondia com um resmungo e indo pegar um copo de água para beber como disfarce.

Em análise, o paciente diz que resmunga pelo esforço consciente em falar alguma coisa, mas não conseguir falar. Como não articula palavras, então saem os resmungos. Repete nos resmungos o jogo gozoso da sua voz, olhando para o corpo da mãe. Esse gozo fica desarticulado da significação. O paciente/*falasser* existe fora da cadeia de significantes. Nisso é *Um* interrompe a fala da analista, como também interrompe que seu fluxo associativo possa forçar a entrada de outros significantes.

Em outro momento da análise, o paciente perde a voz por duas semanas, depois de ter aumentado o tom de voz em uma reunião de trabalho, na qual os sócios eram seus irmãos. O significante é a potência da voz, potência ao extremo, que se vê às voltas com o gozo (mais de gozar) e também com o gozo do Outro.

A *lalangue* é marcada pelo não-todo, falta-lhe a verdade de um conhecimento único. O não-todo é marcado por uma série de pontos do impossível ou, dito de outra forma, o ponto do real que faz referência à topologia. A língua sustenta esses pontos que se constituem como uma rede de representações. Esse todo da língua sustenta o não-todo dos pontos da língua, formando um todo desta relação de contradições do jogo simbólico; na banda de Moebius é mostrada a unilateralidade do dentro/fora do sujeito.

A relação da *lalangue* com o não-todo não se efetiva na relação com o todo da língua. A *lalangue* precisa da língua para se expressar; quando aparece no todo da língua já mostra a debilidade que tem com a verdade do todo. Assim, no instante em que surge o não-todo, se elide. A verdade torna-se o limite na própria elisão da *lalangue*, para que a verdade seja universal. Uma não se coloca no lugar da outra, há uma alternância de contradições evanescentes.

A formalização da linguagem é materna, porque é capaz de se transmitir integralmente. A formulação matemática é a escrita, quando o uso é da língua materna. Assim sendo, a formalização da língua só é transmissível pelo uso da própria língua, é o ser da língua

que fala, então. No dizer está um sujeito que fala e, daí, a dimensão simbólica e imaginária da linguagem.

A *lalangue* e o real não param de não se escrever – repetição do equívoco. A *lalangue*, desta forma, está sempre presente, sempre a se presentificar, neste tempo contínuo. A mãe, quando inventa o sentido para o *infans*, também mostra seu ser materno. Transmite a *lalangue* na língua, nisso que diz Lacan: se fala sem saber, fala-se com o corpo. É desde o corpo que a mãe fala com o bebê. De corpo para corpo? De real para real?

“O que fala sem saber me faz eu, sujeito do verbo.” (LACAN, 2008 [1972-1973], p.127). Quando se fala sobre o saber, ou seja, quando fala a *lalangue*, emerge o sujeito como efeito do que diz. O sujeito é o efeito da linguagem, que diz de um significante para outro significante. O sujeito é efeito do que significa a sua linguagem para outro falante.

O que se coloca dentro do ser é a forma. Lacan (2008 [1972-1973], p.127), citando Platão, diz que a forma é um “saber que preenche o ser.” É o que o ser sabe de si e diz saber de si. Há também outro saber – o da estrutura –, que entra na categoria do impossível de se dizer; isto quer dizer: o inacessível. Ele é dito pelo equívoco, ou seja, é um saber impossível, não representado. É dito entre linhas e entre palavras – no “inter-dito”. Segundo Lacan (2008 [1972-1973], p.128), a *enformação*, que vem a ser uma verdade dita, mas não demonstrável.

A solidão, na ruptura do ser, deixa um traço, traço que faz escrita, marca e se repete no real. Quem fala é um *eu*, o traço escreve sem se inscrever na cadeia de significantes, no deslize dos sentidos. Escreve-se na abertura do mundo, escreve-se com o corpo. O corpo falante goza; assim, o gozo sem sentido é afetado pelo afeto.

O inconsciente tem um saber que é enigmático. O ser fala na *lalangue* deste saber, fala gozando de quem fala e não sabe o que diz. O que o ser falante sabe é pela afetação da *lalangue*. O gozo é muito mais do que o ser falante suporta saber, por isso goza falando, do excesso sem sentido, do real (a demanda nas voltas da figura topológica do toro). O saber equivoca-se pela sua afetação.

“A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua [*lalangue*].” (LACAN, 2008 [1972-1973], p.149). A linguagem elucubra um saber sobre a *lalangue*, enquanto que o inconsciente é “um sobre-fazer com a língua.” (p.149). A *lalangue* articula saberes que são efeitos do afeto que afeta o ser falante. Assim, a *lalangue* comporta coisas e afetos, além do que é impossível de enunciar.

O inconsciente é cifrado como uma linguagem, assim, a linguagem não é só produção de sentidos, ela é, também, *lalangue*. O saber está relacionado à *lalangue* e ao

inconsciente, pois que saber pressupõe um enigma a ser revelado, é de um saber inconsciente que trata a psicanálise. A mãe transmite ao filho um saber capaz de se transmitir integralmente; a língua materna é a *lalangue*.

O indivíduo afetado pelo inconsciente é o sujeito de um significante – um sujeito para outro significante. O significante é a diferença para outro significante. A diferença permite “extrair da *lalangue* o que é do significante.” (LACAN, 2008 [1972-1973], p.153).

Para existir um sujeito é preciso que o ser falante, um indivíduo falante, demandante, suporte um sujeito que faz hipótese sobre sua origem. O ser falante se faz sujeito, enquanto ser significante, ao fazer sinal, constitui um signo. Para Lacan, (2008 [1972-1973], p. 153), “O significante é um signo de um sujeito”. O sujeito é evanescente, porque ele é para outro falante, não no seu ser, mas no seu predicado. O sujeito existe na medida em que é um significante do desejo do Outro. Disso decorre sua evanescência, o impossível de ser capturado na metonímia do desejo.

A mãe diz para a filha: “Lúcia, você é uma perdida”. Neste fragmento trazido pela pesquisadora da sua clínica, pode-se articular que Lúcia não está no ser Lúcia, está no significante “perdida”, naquilo que ele comporta para o desejo da mãe. A mãe a nomeia repetidamente “perdida”, quando a filha, criança, perdia seu material escolar. Agora, adulta, Lúcia perde seus objetos de trabalho quando tem atitudes de agir por si.

O saber não vem do corpo, o saber vem do significante um-entre-outro. Entre Lúcia e a mãe está a “perdida”. Para ser um sujeito para o Outro, Lúcia repete ser “perdida”. O *Um* é S_1 , o significante-mestre, ele está encarnado na *lalangue*, que se repete, que não cessa de se repetir. Quando essa repetição gerar um S_2 , haverá uma cadeia de significantes.

O significante é anterior à constituição do sujeito, segundo Lacan (2005 [1962-1963]). Antes de se constituir como significante no dizer, ele já estava lá – na *lalangue*. No antes da constituição do sujeito – na imagem especular –, o vir a ser sujeito (*infans*) está no olhar e na visão do Outro. Na afetação do seu corpo, naquilo que o marca, no percurso da angústia, o feto dá o sinal do objeto *a*. O sujeito entra nesta relação pela operação de ser um sujeito barrado $\$$, sinal de que foi afetado pela castração.

O gozo é a substância do pensamento, pois o homem pensa com sua alma. A alma é o que pensa a propósito do corpo que é afetado e se movimenta. A linguagem, neste sentido, tem para Lacan (2008 [1972-1973]) uma energia que ainda não é energética, não é, ainda, tomada para ser medida. O que poderia sair da linguagem são cifras; dito assim, onde *isso* fala, *isso* goza. O inconsciente estruturado, em sua estrutura da linguagem, fala, e, quando fala, é o gozo. O inconsciente, o pensamento inconsciente, tem como substância o gozo. A

alma é toda, o inconsciente abarca o todo, esse gozo é da alma, é tudo, de corpo (*infans*) para corpo (mãe), é feminino (A), é o ponto do real.

Falar sem saber faz do *eu* o sujeito do verbo. O *eu* que fala está assujeitado a seu verbo, a seu ato, a seu inconsciente, a seu desejo e a ser do Outro. Ao desejar o desejo do Outro, perde um pedaço de si (objeto *a*), para ser do Outro. Perde sua totalidade para a busca de completar o Outro.

O sujeito do inconsciente pensa; nessa operação, o pensamento inconsciente é estruturado no recorte do seu corpo. A linguagem incide cortando o corpo, e nos buracos criados se introduz criando caminhos. Na repetição de não cessar de contornar, esse buraco/*asfera*, na unificação imaginária destes buracos, cria um ser total na cadeia de significantes que se ligam na busca da satisfação de um desejo, para dar conta do sofrimento de furar o corpo. Essa é a operação que resulta em um sujeito e seu resto (objeto *a*), deixado pela violência da linguagem.

A linguagem, ao entrar, fura o corpo pulsional do *infans*, que, até então, só buscava o além do princípio de prazer. Desde Freud, sabe-se que a pulsão de morte é a pulsão por excelência, que domina, originalmente, o aparelho psíquico até que opere o funcionamento do princípio de prazer.

A *lalangue* é o núcleo dos sentidos, ela é a cifra, o código para os sentidos que estarão nos registros do imaginário e simbólico. Assim sendo, *a lalangue* é o real da língua. Sendo real, permanece como um enigma, uma marca na escrita. Os signos linguísticos e a própria gramática da língua servem como uma trava a esse excesso de possibilidades, de sentido, ao mesmo tempo que as leis gramaticais produzem o sentido.

A forma com que o real da *lalangue* se escreve no psíquico, ou seja, como a letra ingressa no discurso, passa pelo significante, na dimensão do sexual. Nesta perspectiva, a libido vai se fundir com a pulsão de morte. A pulsão vai fazer sua representação no psíquico, conforme já referido no capítulo que trata da pulsão e da representação. Lacan, em *Televisão* (2003 [1973]), diz que o ingresso no sexual, no registro psíquico, traz a mentira do significante que se inscreve como neurose, psicose ou perversão, contudo, o real não mente; a *lalangue* se expressa nos equívocos, nas homofonias e nos sons, traz a escrita do real, que denuncia um excesso que o sentido da linguagem não consegue capturar.

Nesta perspectiva, a violência da linguagem é da ordem da *lalangue*, em que não há sentido capaz de silenciá-la. A linguagem materna traz, além dos sentidos de sua fala, o excesso da *lalangue*. No excesso da língua materna, a mãe não sabe tudo o que diz ao *infans*. Ela diz algo que não sabe de si mesma, um real, enigmático constitucional, cifrado.

O enigma está presente na linguagem, encoberto pela mentira do sexual, que possibilita ao ser falante inscrever-se na linguagem, onde a língua está nos registros do real, imaginário e simbólico, como também, na estrutura em que o sujeito do inconsciente se inscreve: neurose, psicose ou perversão.

A língua cifrada, a *lalangue*, está no real da estrutura, cifrada; o signo vai procurar dar conta da decifração. A engrenagem /estrutura do sujeito do inconsciente está no corpo; o sujeito não se situa no discurso, ele desliza. O saber do inconsciente só se articula por um discurso. É pelo discurso que se sabe sobre o real. É pelo discurso que se sabe sobre o real do corpo. O corpo da psicanálise é da ordem do discurso.

Esses registros, porque inscritos e escritos, são concomitantes. São atemporais, conforme nomeia Freud, para falar do inconsciente. O saber inconsciente só se articula por um discurso e no discurso. O corpo é materializado pelo significante, por isso goza-se (o ser). O significante é anterior à sua constituição. Antes de se constituir como significante, conforme Lacan (2005 [1962-1963]), no dizer ele já estava lá, na *lalangue*.

No capítulo 4, vai-se estudar a voz, no que ela traz do real e no que ela abarca do circuito da pulsão invocante.

4 A VOZ

4.1 A INVOCAÇÃO PULSIONAL

Lacan (1995 [1964]) retoma a compreensão freudiana de uma síntese pulsional a partir do Complexo de Édipo e afirma que as pulsões são em si sempre parciais. A satisfação pulsional nunca é atingida pelo encontro com o objeto. Essa falta da satisfação completa e, portanto, imaginária, é o que direciona a pulsão a circundar o objeto na sua borda de encontro e de falta constitutiva. As pulsões parciais são oral, anal e fálica, já referidas por Freud, a elas, Lacan acrescenta a pulsão escópica (olhar) e a invocante (voz).

As pulsões parciais introduzidas por Lacan possuem destinos diferentes, segundo o autor. Na pulsão escópica, há uma direção voltada para ela mesma, o fazer-se ver. Freud, no trabalho sobre as pulsões, considera que na pulsão escópica o primeiro tempo pulsional é autoerótico³⁰. “Para o início de sua atividade o instinto [pulsão] escopofílico [a] é auto-erótico [a]; ele [a] possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito.” (FREUD, 1974a [1915]), p.151).

Já na pulsão invocante, a direção aponta para o Outro, ou seja, o Outro invoca o *infans* pela voz a ser sujeito. Neste contexto, relaciona-se de uma forma mais íntima à máxima de Lacan sobre o desejo do sujeito ser o desejo do Outro. O autor considera ser a pulsão invocante “[...] a mais próxima da experiência do inconsciente.” (1995 [1964], p.102).

Neste contexto, a voz não decorre unicamente do registro sonoro, ela pode, também, estar no gesto, na escrita, na imagem, desde que tenha uma invocação de um Outro ao sujeito e um endereçamento do sujeito ao Outro. Neste sentido é que se entende o comentário de Erik Porge (2015, p. 24), quando diz que o “[...] estágio do espelho é o acoplamento [*couplage*] de dois registros diferentes, o da visão e o do olhar.” Assim, há um momento constitutivo em que o *infans* está surgindo nas amarrações dos registros imaginário e simbólico ao real. Lacan considera que é o real que irá entrelaçar-se com os dois outros registros no nó borromeano (2012 [1971-1972]). Esse ponto será retomado no capítulo 6: *A operação da violência da linguagem na clínica psicanalítica*.

³⁰ Entende-se, a partir das considerações de Freud (1974[1915], 1976[1924]), que há três tempos pulsionais. No primeiro, ligado à pulsão de morte e ao princípio de nirvana, o *eu realidade original* se entrega passivamente à eliminação da tensão e ao próprio desaparecimento. No segundo, o *eu de prazer purificado* ouve, vê, suga e excreta na forma reflexiva. No terceiro, o sujeito (Freud utiliza o termo sujeito) aparece como um agente ativo na busca da satisfação pulsional.

A pulsão invocante apresenta a peculiaridade de ter duas zonas erógenas envolvidas, a boca, de onde sai a voz, e o ouvido, que a recebe. Em relação ao ouvido, são palavras de Lacan: “Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar.” (1995 [1964], p. 184). Entende-se o não fechamento do ouvido como a demanda do Outro que não tem satisfação capaz de saciá-lo, sempre presentificada.

Na topologia lacaniana, as voltas da demanda estão apresentadas na repetição das voltas do toro (figura em forma de anel), onde o real do corpo não cessa de não se escrever. A essa demanda do Outro, a posição do *infans* é de dependência, pois que não está estabelecida uma alteridade. O *eu*, na dimensão do imaginário, aparece como unificado. Nessa perspectiva, o Outro, na ponta com o real, não conhece o limite, seu estado é sempre se repetir em seu retorno às origens, movimento pulsional por excelência já referida por Freud, ligado à pulsão de morte.

4.2 A SONATA MATERNA

Com a finalidade de tecer articulações da pulsão invocante com o real da voz no encontro constitutivo *mãe-infans*, faz-se referência às considerações de Didier-Weill (1999). O autor se refere à pulsão invocante como um empuxo, algo que puxa e empurra o *infans* e, posteriormente, o adulto, a se jogar no mundo pela voz, fora dos sentidos da fala. Trata-se de uma convocação a um contínuo trazido pela sonata materna, e reconhecido nos seus barulhos interiores, que, ao mesmo tempo em que lhe apresenta o mundo, o diferencia de um mundo das leis da fala e do sentido; uma invocação a ser, numa linha contínua, sincrônica com a mãe primordial, sem lei, encantada pela voz.

Na origem do termo, sonata (do latim *sonare*) se refere à música feita para soar, ou seja, a música instrumental – em oposição à cantata, a música cantada. Desta maneira, a mãe apresenta o mundo exterior ao *infans* pela via de sua voz instrumental. Lança-se num sopro no limite da sonoridade do seu corpo para quem fazia parte da sua interioridade e que, agora, se constituirá na sua exterioridade. Mesmo que a mãe pronuncie palavras no seu canto, o *infans* ouvirá a *sonaridade*³¹ das palavras.

O autor destaca que o chamamento da invocação, mesmo sem lei, tem uma direção, direção essa da pulsão invocante. Pode-se dizer que a direção é do corpo no seu

³¹ *Sonaridade*, neologismo criado pela autora desta tese a partir de *sonoridade*, que se refere à qualidade agradável dos sons. *Sonaridade* diz da qualidade agradável ao *infans* em ouvir a sonata materna.

movimento erotizado, pois esse corpo erotizado é o corpo ao qual a psicanálise se refere, tanto em relação à mãe, quanto em relação ao *infans*, enquanto um ser nomeado pelo Outro, na ordem simbólica. Nessa perspectiva, é possível falar do corpo como a morada do significante.

A sonata materna viola o mais íntimo do *infans*, seus barulhos e ritmos corporais; há outro som que não vem das entranhas do bebê, mas marca uma direção de fora para dentro. Isto é, a pulsão invocante é marcada, inicialmente, quando um *eu*, investido pela mãe, responde à *ex-sistência* (não a existência que é dada pela realidade imaginária, mas fora da ordem simbólica, no real) que não é diferente da alteridade da música.

A pulsão invocante, neste contexto, é marcada por um primeiro tempo, quando o *eu realidade original* do *infans*, investido pela mãe, responde à *ex-sistência* que é consoante à alteridade da música. O *infans*, ao ser invadido, entende-se violado pela alteridade da música da sonata materna, se identifica a esse estranho negando tal estranheza. O autor chama esse momento de paradoxo da desmentida, referindo-se ao fato de que o *eu* não se identifica com a música, e sim identifica a música ao estranho que o *eu* é para si mesmo. Pode-se pensar no movimento de estranheza que surge para o *eu*, quando não é o senhor na sua própria morada, tal como Freud nos propõe pensar a partir das feridas narcísicas³².

Não és estranha. Não sou eu que te escuta, é ela a música que ouve e quem me escolhe. Ouve esse desconhecido que é o eu. Esse *eu* é o sujeito do inconsciente que emerge, desconhecido de si mesmo. Ao dizer sim (*Bejahung*) na sua radicalidade, onde não há possibilidade de escolha em escutar, como nas palavras, o *infans* responde ao apelo da música dançando. A dança aqui tratada se refere à vibração e ao movimento do corpo do bebê em ressonância ao apelo da sonata materna.

O sim da pulsão invocante, segundo Didier-Weill (1997), revela um invocante advindo de um invocado. Há uma articulação que é produzida neste apelo: não se sabe quem disse sim, tampouco há quem disse sim. Irá advir após o *Bejahung*. Antes de dançar, o *infans* é arrancado *disso* (tempo lógico anterior a sua existência), *disso* que o habita, neste encapsulamento narcísico.

Entende-se aqui a presença do que Freud chama de identificação primária (1976 [1921]), narcisismo primário (1974 [1914]), movimentos psíquicos anteriores ao recalçamento originário (1987b [1915]). É do encapsulamento do narcisismo primário que o *infans* é

³² Freud concebe três golpes/feridas ao narcisismo: 1º - golpe cosmológico: pela descoberta de Copérnico de que a terra não é o centro do universo; 2º - golpe biológico: pelos estudos de Darwin, o homem surge como uma evolução das espécies e não como criação de Deus; 3º - golpe psicológico: “o ego [eu] não é o senhor da sua própria casa”. (FREUD, 1976 [1917] p. 178).

arrancado pelo som da música/sonata materna. Pela identificação primária é transportado para a cena da *ex-sistência*.

A referência deste primeiro tempo da pulsão invocante é a um contínuo da sonata materna, conforme Didier-Weill (1999), em que o som, o sentido e o corpo ingressam no *infans* como significante e se engendram nos seus sons corporais. Há um excesso de investimento em que o corpo se movimenta, vibra e dança.

A causa externa, neste momento, ainda não produziu o efeito de um sujeito do inconsciente, uma vez que não há um sujeito, há um puro movimento vibratório do corpo, extasiado com o som que ingressa a partir da mãe. Fala-se de uma sonata, de uma vibração e de uma voz materna pulsional, em excesso, pois o *infans* não escuta os sentidos. O seu corpo é posto em movimento pela vibração de um som externo que é familiar aos seus íntimos barulhos.

O impacto da música remete a comemorar o primeiro tempo mítico, onde existia um começo absoluto exterior, “a música da voz materna”, e acrescenta-se a isso um primeiro tempo, também mítico, um começo absolutamente interior – o *infans* é pura pulsão que tende à descarga absoluta. Didier-Weill (1999) nomeia a *das Ding* como a coisa humana, reverberação da voz humana interior do *infans*. Nas palavras do autor:

Diremos por ora, que o impacto da música não é rememorar, e sim comemorar o tempo mítico desse começo absoluto pelo qual um “real”, tendo se submetido ao significante, adveio como essa primeira coisa humana, *das Ding*, no nível da qual aquilo que era absolutamente exterior – a música da voz materna – encontrou o lugar absolutamente íntimo onde as notas poderão dançar. (p.16).

O tornar-se humano na cena da mãe com o *infans* tem, na voz materna, algo que é produzido neste encontro e que é introduzido no bebê da ordem do significante *Um*, o real que ingressa no corpo do *infans*. Essa voz é ouvida pelo bebê como um canto, a “sonata materna”, que mescla o contínuo das vogais naquilo que ela transmite do real da voz sem sentido e o descontínuo das consoantes, fazendo o espaço para que o sentido e a lei se presentifiquem.

4.3 A VIOLÊNCIA DO SIGNIFICANTE MATERNO

O significante primeiro da voz humana que, ao ser articulado, vira música, este significante que ingressa no *infans*, criará o movimento do corpo para a dança, ou seja, o significante que ingressa no corpo mostra a direção da pulsão invocante. A entrada do significante cria a música, o movimento, a direção, a exterioridade/interioridade. Na topologia

lacaniana, a banda de Moebius, surgida a partir da figura do toro, é o efeito-sujeito advindo do significante.

Didier-Weill (1999) faz uma importante distinção entre a demanda da pulsão invocante e a invocação musical. Na primeira, o sujeito encontra-se numa “posição de dependência absoluta do Outro.” (p. 17), enquanto que na segunda, o movimento da dança guia o sujeito, com seu corpo, por algo que vem de si, sujeito. Há uma direção que o leva para uma pura possibilidade de devir, uma orientação a um ponto – “a nota azul.” Na nota azul o corpo é guiado pela nota musical, ela trilha o sujeito em direção à incorporação pulsional.

A continuidade entre o som e o sujeito, no tempo originário desta constituição, está relacionado a um real primordial que se submete à intersecção real-simbólico, nomeada de inaudito; trata-se de um silêncio sem sentido, ou, dito de outra maneira, o real barra o significante.

Este é o momento inaugural em que o significante se inscreve para o *infans*: marcado pela entrada do significante no furo do vir a ser sujeito. É o silêncio sem sentido. Esse som da mãe que fura o *infans* não é possível não ouvir. O sim é a resposta ao apelo que vem de fora, é um gozar que dá testemunho de que o real vem da exterioridade e viola o *infans*. A agressão materna tem um instrumental, se é que se pode dizer assim: o real da voz materna, o significante primordial. A banda de Moebius mostra que o dentro e o fora existem na concomitância do ser. O sim é o movimento do *infans*, é o corpo que dança. É também o silenciar de seus barulhos internos, neste mítico interior primordial.

Esse significante primordial ou primeiro é sem significado. Na metáfora mítica da criação, é o *fiat-lux*, faça-se a luz; a coisa surge das marcas perceptuais visuais da cena e auditivas do som. A palavra está forcluída de existir nesta dimensão. O efeito é o encantamento e o êxtase de escutar e vibrar com a música. A significação está excluída.

A violência do significante da voz materna que, à revelia do *infans*, ingressa por seu ouvido é a demanda do Outro primordial, miticamente não barrado (A). Há uma transmissão integral, naquilo que Lacan chama de matema, onde o real só se sabe pela lógica, não é fruto de uma experiência. Didier-Weill (1999) nomeia como “puro gozo”, este sim, do *infans*, que é o efeito do real que advém à *ex-sistência*.

O entendimento de Didier-Weill está consoante com a conceituação freudiana do inconsciente como contendo a representação-coisa [*Sachvorstellung*], enquanto que o pré-consciente contém a representação-coisa acrescida da representação-palavra [*Wortvorstellung*] em uma cadeia associativa.

O sistema *Ics.* contém as catexias [investimentos] da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias [investimentos] objetais; o sistema *Pcs.* ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada [sobreinvestida] através da ligação com as representações da palavra que lhe correspondem. (FREUD, 1974c [1915] p.230).

Continuando nesta perspectiva, nos texto das *Afásias*, apresentado no *Apêndice C: Palavras e Coisas* em *O Inconsciente* (1974c [1915]), Freud considera que a representação-objeto, que no texto sobre *O Inconsciente* ele trata como representação-coisa, e a representação-palavra são um complexo de associações visuais, acústicas, táteis, entre outras. Há várias impressões sensoriais provindas da coisa que não pode ser fechada. Assim, uma coisa pode ser inscrita por impressões acústicas, visuais, etc. Por sua vez, a representação-palavra é fechada enquanto imagem motora, sonora, escrita e leitura, tendo, desse modo, um atributo de extensão.

Pode-se considerar, pelo exposto até aqui, a representação-coisa na correlação com a sincronia do inconsciente, como um lugar em que a condensação está presente no complexo de associações vindas da coisa, e que se fixa no inconsciente como *Vorstellungsrepräsentanz*. A representação-palavra, por sua vez, mostra, na vertente do deslocamento, seu atributo diacrônico na cadeia associativa de significações.

4.4 O SIGNIFICANTE SIDERANTE

O inaudito age na simultaneidade do corpo do *infans*, naquilo que será seu desejo. Há uma simultaneidade, a sincronia da simultaneidade, sem tempo, sem exclusão, anterior ao recalçamento originário. As contradições e simultaneidades coexistem, é o tempo do inconsciente, não recalçado, o umbigo do sonho, como dito por Freud. Este é a língua do inaudito, a potência do real no simbólico.

A música revela que a coisa vinda da exterioridade, do real, e o íntimo do *infans* são reconhecidos. É uma identidade metafórica, conforme Didier-Weill (1997). A estrutura sincrônica, revelada pela nota azul, e a estrutura diacrônica, revelada pelo ritmo da melodia, correspondem ao *ex-timo*, o interior excluído e a exclusão do interior.

As notas da melodia diacrônica representam o sujeito junto à *das Ding* – a nota azul ressoa fugidamente. O que ressoa é da ordem do esquecido pelo recalque originário. O

ressoar lá, onde o Outro já esteve e está esquecido pelo recalçamento, é onde o sujeito advém ao soar a nota azul, que emerge do significante siderante³³.

A invocação da música, neste contínuo, no lugar siderante, a-histórico, está na correspondência da coisa. Assim, quando se escuta, na invocação, ela extasia o ouvinte. Na identificação metafórica, a sincronia e a diacronia representam o sujeito frente à *das Ding*, no que Lacan chama de *ex-timo* de si e que está na exterioridade. Aqui, Lacan traz a radicalidade, e, por isso mesmo, a potência do conceito já presente em Freud, quando fala de *das Ding* no que ela tem de incognoscível. Assim, a música traz esse acesso na surpresa, no êxtase, no sublime. Para a finalidade deste estudo, deduz-se que a sonata materna traz esse constitutivo do *infans* neste lugar.

4.5 A VIBRAÇÃO DO CORPO DO INFANS RITMADO PELA VOZ MATERNA

As notas da diacronia representam o sujeito na sua sincronia constitutiva, onde está o Outro, no que ele deseja do *infans*, que, por isso, enquanto existência, é sem saber. Esse é o saber que será para sempre inacessível. Contudo, quando soarem as notas diacrônicas (nota azul), ele será tocado, seu corpo pulsional vibrará sem saber o porquê. Mas por que saber se o que importa neste momento é responder dançando? Assim é o movimento extasiado do *infans* quando a mãe aparece e lhe entrega a sua sonata. A voz materna invoca o *infans*: “vem” e ele vai *Bejahung*; aqui está apresentada a alienação na constituição do *infans* no desejo do Outro.

A hipótese com a qual trabalha Didier-Weill (1997) é de que a sonata da voz materna, contida na dimensão de um puro ritmo, “arranca” o *infans* do caos primordial, onde o real se presentifica. Ou seja, o *infans* não será regido pela fala materna e sim pelo ritmo da melodia de sua voz.

Entende-se que o ritmo da voz materna contém suas vibrações sonoras, seu potencial pulsional, que invocam o *infans* a ser sincrônico ao que ele é (um caos pulsional) e à existência do Outro. Parece haver aí um investimento materno pelo som musical, que opera na constituição de um sujeito psíquico. O ritmo da voz materna, com suas escansões, tal qual na poesia, leva o real a empurrar o *infans* para a dança. O dançar, aqui, é entendido como a

³³ Siderado, *Verbluffung* – termo introduzido por Freud (1969[1905]) no texto sobre os *chistes*; quer dizer: fulminado, embaraçado, estupefato, atordoado, que delimita a noção de uma posição subjetiva pela qual um sujeito aturdido fica sem palavras e, depois, é tomado pelo riso. No discurso do sujeito, há um significante enigmático que, ao se manifestar, tem o espantoso poder de siderá-lo, de deixá-lo sem voz, na impossibilidade de responder na hora.

vibração do corpo que até então está imerso no princípio da inércia psíquica, tal qual nomeou Freud.

Há uma prosódia musical na voz materna. A entoação e intensidade da sonata materna punciona o *infans*. O furo será marcado por um traço unário, sinal de que o ser sem fala foi arrancado à deriva do caos do real. Puncionado, o *infans* habitará na dimensão do inaudito-invisível-imaterial, seguindo a proposição de Didier-Weill (1997)³⁴.

O contínuo da sonata materna é da ordem do puro real; pode-se pensar no Outro (A), não barrado. Lacan (2003 [1972]), nas fórmulas de sexuação, diz que a mulher não está inteira na função fálica. Há uma porção, diria poção da alquimia feminina, que a faz estar perto da mística de um sonoro sempre presente, da plenitude da criação de um ser unido a ela – a mãe/mulher não toda inscrita na função fálica. Porém, simultaneamente, há uma parte da mãe que é inscrita no significante fálico, o Outro barrado (A). Na inscrição desse (A) está a esfera da demanda que levará o *infans* ao segundo tempo da pulsão invocante.

O apelo da musicalidade da voz da mãe chama o *infans* a existir. Assim, ele tem sua existência como sujeito ao devir, a partir da exterioridade do seu narcisismo (contínuo sonoro), pois que ficar neste estado de completude narcísica é a pulsão de morte na sua plenitude. A voz materna o convoca a existir como sujeito do inconsciente, como ser que é desejado pelo Outro: música/mãe.

O movimento do corpo do *infans*, ao mesmo tempo que expõe a continuidade do inaudito, da latência primordial, também põe em movimento uma direção do seu corpo, que mostra que a *ex-sistência* também está nele. O corpo, invocado também pela música da sonata materna, põe-se em movimento.

O espírito da música (voz da mãe) ganha uma materialidade no corpo do *infans*. A materialidade do corpo será visível com o ingresso do som em seu corpo. O ingresso do real no íntimo do *infans* só é possível pelas leis de existência do imaginário. O visível do corpo traz, na sua materialidade, um limite do próprio corpo, ao que o imaginário responde com o invisível.

O corpo é velado pelo sexo que ele porta; mais que isso, o sexo tapa o corpo com o significante. O corpo do sujeito do inconsciente deixa de ser o corpo do anjo, como popularmente se chama uma criança pequena. O corpo angelical dá lugar ao corpo sexuado e, por isso, velado com as vestes da linguagem.

³⁴ O inaudito se reporta à continuidade do som e do sujeito do inconsciente; o invisível trata da continuidade do som e do corpo; enquanto que na imaterialidade, a referência é à continuidade do sujeito e do corpo, cf. Didier-Weill (1999).

4.6 O FURO DO TRAUMA NO *INFANS*

No segundo tempo pulsional, o descontínuo da sonata materna faz um furo no *infans*, marca uma privação do real. A diferença entre o excesso e a falta marca, punciona. O trauma fura o *infans* com o significante-mestre. É impossível a mãe estar inteira no real para o filho; quando ela falta, a privação fura o *Um*, a unidade impossível. Este é o tempo do trauma [*trou-matisme*].

A marca traumática, assim estabelecida, se dá pela diferença entre a presença e a ausência. A diferença entre a presença e a ausência é marcada com o furo – punciona ($\diamond$). O trauma fura o *infans* com o significante (S_1), no segundo tempo pulsional. Sem ter ainda a fala, o *infans* não simboliza seu excesso, e a marca traumática no corpo é seu traço.

O trauma interrompe o contínuo da sonata materna, causando uma privação no real. Pode-se dizer que o ininterrupto da sonata materna é familiar ao ininterrupto pulsional do *infans* da pulsão de morte. Quando a mãe priva o filho do seu *plus* de excesso, ocorre um trauma [*trou-matisme*]. Após o tempo do trauma, a mãe reaparece com o investimento pulsional, com sua invocação pela voz, no terceiro tempo da pulsão invocante.

Didier-Weill (1999) observa que, para tirar o *infans* do traumatismo de repetição, é necessário um significante siderante que possibilitará a simbolização. Esse significante refere-se à presença da mãe na sua ausência. Dito de outra forma, trata-se de colocar algo no lugar deixado pelo furo do trauma. Sendo sempre impossível o encaixe absoluto, a pulsão será sempre parcial na busca da satisfação, ao mesmo tempo em que coloca o sujeito no movimento do desejo.

Sobre o significante siderante, o autor diz: “[...] permite ao *infans* substituir o furo externo do *trou-matisme* (furo real no simbólico) por um furo interno (furo simbólico no real), que introduz a castração originária.” (DIDIER-WEILL, 1999, p.71).

Entende-se que o furo do trauma produzido de fora para dentro será parcialmente preenchido com a linguagem, na direção de dentro para fora, produzindo a operação do recalque primário (*Urverdrängung*). Garcia-Roza (1995, p. 165) chama a atenção para o entendimento de que o “recalcamento é um processo interno ao sujeito”, mas que está afeito à ação de uma censura que vem de fora, na exterioridade do sujeito.

Pelo exposto até aqui, é possível pensar que o trauma, no que tem de constitutivo, é gerado pela privação materna em sua impossibilidade de dar um contínuo, ser um puro real para si e para o *infans* (a mãe como $\bar{A}$). Do furo deixado pelo externo do real, o significante

(S₁) entrará pela operação do recalque primário, causando um efeito de sujeito no deslizamento da linguagem.

No invisível, já com o recalçamento primário, há a antítese visível/invisível que funciona como o limitador. O corpo, na dimensão imaginária, sofre o limite do significante no simbólico. A potência imagética do corpo perde o contínuo da sonata materna com o corte do significante. O movimento encarnado encontra um limite visível na dança; o limite/ilimitado está em movimento na sincronia e na diacronia que constitui o sujeito, enquanto estrutura inconsciente, e com o efeito de ser evanescente.

A voz materna, quando desprovida de uma melodia, de uma musicalidade que envolve a voz, não invoca o *infans* a dizer um sim à música. Nesses casos, estão presentes os desdobramentos que aparecem na clínica nos quadros autistas e psicóticos. A forclusão, diferente do recalque, quando se produz não introduz o sujeito no discurso, no tempo, no esquecimento e, além disso, na musicalidade. O tempo surge como um limite e coloca o sujeito na dimensão da falta simbólica, no tempo, na música, no ritmo, na melodia e na dança.

Ainda em relação e esta falha de invocação, pode-se dizer que a sonata materna não é um puro real externo. A mãe, quando solta sua voz ao *infans*, solta a *lalangue*, que tem sua borda no real e no significante, na concomitância constitutiva da mãe enquanto *À* para o *infans*, e como *\$* para si.

Recorre-se à topologia de Lacan sobre o nó borromeano para poder pensar que a sonata materna está na enunciação da mãe nos registros do real, do simbólico e do imaginário. Essa concomitância possibilita que a sonata tenha uma materialidade no real, com as formas imagéticas e a fala para possibilitar ao *infans* ir para a dança. Nessa dança sem corpo, ao ouvir o som interior, o *infans* pulsará na ordem simbólica, com as imagens ideais do Outro.

O recalque originário que punciona o *infans* tem no recalque originário da mãe o topos, o lugar da ocorrência. Valendo-se da metáfora do cirurgião, utilizada por Freud (1969 [1912]), a sala de cirurgia em que se dá a operação de efeito da divisão do *infans*/sujeito é o corpo materno, surgido da sua própria divisão/efeito sujeito.

A forma visual do corpo porta um véu que oportuniza a imagem das formas. Nas nuances das formas, há uma possibilidade de leveza a esta materialidade que pesaria no puro real. Sobre isso, Didier-Weill (1999, p. 29) diz que “[...] o corpo especular se imbrica num real não-especular que não está relacionado com o espacial, mas com o ritmo”.

O invisível das formas e das imagens abre-se para o ritmo no movimento do corpo, onde a pulsação leva o corpo para a dança. O invisível se encontra com o inaudito e o

corpo vibra e dança. A dança ocorre respondendo à vibração. A música invoca, neste espaço é acrescido a fala que, ao falar, traz a materialidade do ser.

A continuidade do inaudito, invisível e imaterial, dá o passo da dança. O autor concebe o conceito de “ponto azul” para tentar dar conta do surgimento do sujeito do inconsciente, ainda como uma possibilidade (um ponto de tensão) de atingir a nota, um lugar em escansão, surgido desta continuidade que “encara a causa absoluta do sujeito.” (DIDIER-WEILL, 1999, p. 31). O ponto causa o sujeito na dança, esta causa não lhe dará o saber, visto que esse saber é inconsciente. O ponto azul é o ponto orientado, causa o sujeito e também possibilita o seu desejo, sua enunciação: “Eu venho, eu respondo à dança porque quero”.

Corpo, imagem e fala. A topologia é posta em continuidade no mesmo passo da dança. O primeiro ato da dança consiste em habitar o ilimitado pelo movimento do corpo. O movimento no excesso faz o sujeito incorporar o ilimitado em si mesmo. Fica indiferenciado neste movimento, expande-se, mistura-se no ilimitado. Transgride as leis do especular, ganha invisibilidade, e a lei da gravidade ganha imaterialidade. Tempo e espaço são postos de lado. Pode-se dizer que o sujeito do inconsciente ganha as dimensões e propriedades do inconsciente, tal e qual descritas por Freud (1974c [1915]).

No vazio que separa as duas notas musicais da sonata materna, o *infans* é posto no silêncio original, no “entre-dois”. Dito de outra forma, entre as duas notas da voz-presença materna, está um vazio, neste vazio, o sujeito aparece. A ausência da manifestação do Outro, seguida de sua reaparição, marcará novos registros psíquicos para o *infans* ocupar. Do puro real deste caos original, ele será jogado no ritmo do som da voz materna ao entrar na ordem do invisível, na espera da nota que não é vista. A materialidade do corpo do *infans* é tocado pelo invisível do som.

A vibração do corpo traz ao *infans* a dimensão da falta de gravidade do corpo ao ser impulsionado para cima e para os lados no movimento da dança, no caminho da significação. Este é o devir de uma fala, na dimensão do simbólico - as dimensões do inaudito-invisível-imaterial. A pulsão arranca o corpo da ordem biológica para estar numa zona de fronteira entre o somático e o mental, tal qual a proposição feita por Freud.

Na música, ouve-se, ao mesmo tempo, a diacronia da melodia e a sincronia da harmonia. A tensão produzida nesse encontro faz surgir a “nota azul”, conforme Didier-Weill (1999), que ressoa como a esperança de uma solução possível para uma contradição estruturante. Os opostos coexistem na nota azul, de acordo com as propriedades do inconsciente.

O ressoar da nota azul retira o *infans* do especular e o coloca no inaudito. A ausência da nota azul está à espera de um significante novo, sem sentido, nela o tempo é absoluto, sem antes e depois, sem tempo histórico. É um tempo da estrutura, que, na clínica, permite não só recordar a partir da rememoração histórica, mas, também, estar numa indeterminação de potencialidades infinitas.

O ponto azul orienta para uma alteridade de tal modo que seu encontro vem de uma exterioridade absoluta, sem representação, sem direção, sem sentido. O ponto azul situa-se, dessa forma, fora dos limites do universo espaçotemporal.

Na escuta clínica da pesquisadora está Laura, uma paciente que transita nas bordas das estruturas neurótica e psicótica, se diz atordoada com a fala sem parar da mãe: “ela fala, fala, vai me atordoando e eu não consigo pensar. Vou me perdendo e não sei mais quem eu sou, ela insiste, insiste. Não adianta eu dizer não, ela bate na porta até eu abrir. Chega um ponto que eu desisto e ela entra.” Numa cena com seu filho, Laura diz: “O Pedro estava com febre, eu estava com a colher na mão para dar o antitérmico, ela chegou e disse que eu não sabia como dar o remédio. Pegou o Pedro e enfiou a colher na boca dele. Eu fiquei parada e ele vomitou.” Antes de ter filho e de estar em tratamento, Laura saiu com um limão que a mãe lhe “despejou” como remédio e queimou a mão ao dirigir seu carro no sol para fugir da mãe. A paciente, em outro momento, diz: “me sinto muito só, num silêncio abafado. Escrevo para dar um ar...”

O ponto em que o ouvinte vai para a música o situa fora de limites conhecidos e controláveis, em uma sideração. A cura do sintoma é estar neste ponto do tempo absoluto, no tempo da fusão pulsional, onde o significante faz entrada. É mudar o sentido do significante, fazer um novo arranjo, no qual a pulsão de morte pode tomar outra direção na fusão com a pulsão de vida.

No terceiro tempo da pulsão invocante, de acordo com a proposição de Didier-Weill (1999), o tempo do trauma, é interrompido o contínuo pela privação do real. Pode-se dizer que o contínuo da sonata materna é familiar ao do pulsional do *infans*, regido pelo princípio de inércia. Quando a mãe priva o *infans* do seu *plus* de excesso, há o trauma [traumatismo]. Após o trauma, a mãe reaparece com o investimento pulsional, com sua invocação pela voz.

No objeto siderante, o objeto perde seus atributos de representação, ele é invisível, imaterial e inaudível. O objeto torna-se uma criação, em um tempo a-histórico. O autor considera um tempo topológico, onde o espaço-tempo não tem representação, é um

movimento da criação que a arte faz acontecer. O significante siderante torna possível um além do sentido, na direção de várias possibilidades de direção do sujeito.

O furo do trauma, no corpo do *infans*, produzido pelo Outro (*ex-sistência*) no excesso do investimento materno, é preenchido com a linguagem. A linguagem que habitará o corpo do *infans* tentará incessante e insistentemente preencher o furo deixado pelo trauma, marca de uma materialidade da letra, substância da operação do recalque primário – um núcleo vazio que atrairá representações de objetos a ocupar simbolicamente seu furo. Condensação e deslocamento (Freud), metáforas e metonímias (Lacan) serão *modus operandi* de movimentação das representações (Freud) e significantes (Lacan).

4.7 RECALQUE PRIMÁRIO: OPERAÇÃO QUE FUNDA O INCONSCIENTE

Freud (1974b [1915]) concebe que o recalque não está em operação desde o início da formação do aparelho psíquico; antes disso, a pulsão se movimenta em dois mecanismos, um dos quais é a reversão ao seu oposto. Tomando como exemplo a pulsão invocante, objeto deste estudo – que, conforme já foi referido, não fez parte das considerações de Freud –, seria ouvir, ser ouvido e fazer ouvir. A outra modalidade pulsional é o retorno em direção a si mesmo: o narcisismo primário e o secundário indicam a direção pulsional.

O recalque originário (*Unverdrängung*) – momento necessário e constitutivo no aparelho psíquico, para que o recalque propriamente dito possa operar – surge da cisão entre a consciência e o inconsciente, de onde surgirá o inconsciente como sistema psíquico.

Para poder explicar o recalque – uma vez que o recalque propriamente dito pressupõe a constituição do aparelho psíquico dividido em sistemas ou instâncias psíquicas do Inconsciente e do Pré-consciente/Consciente –, Freud pressupõe que o *Unverdrängung* é composto por uma fixação, e vai além; dada a importância da fixação, dirá que ela é a marca do recalque primário.

Nessa primeira fase, em que é negada a entrada na consciência do representante pulsional (*Vorstellungs-Repräsentanz des Triebes*), ocorre a fixação do representante primeiro, que permanece inalterado e exercendo pressão, como uma força de atração, não no sistema inconsciente que ainda não existe, mas no estar inconsciente.

Não é demais observar que é do *infans* que se trata. Assim, esse processo ocorre sem a presença da linguagem. Sobre esse momento constitutivo do aparelho psíquico, Freud diz que não há, ainda, o sistema pré-consciente, onde reside a representação-palavra

(*Wortvostellung*). Pode-se dizer, nos termos lacanianos, que o inconsciente ainda não está estruturado como uma linguagem.

Garcia-Roza (1995), fazendo referência ao texto freudiano sobre o *Recalque*, diz que a inscrição do traço ou do representante pulsional corresponde à fixação da excitação nessa representação, ou seja, a pulsão se fixa à representação pela sua intensidade. O recalque primário fixa a representação e a excitação num lugar (topos). Dito de outra forma, não há possibilidade de circulação desse representante da representação (*Vorstellungsrepräsentanz*), nem a possibilidade de surgir derivados dessa representação.

Pode-se, a partir do exposto, considerar que o recalque primário silencia as possibilidades de significação do representante pulsional ao fixar a pulsão no inconsciente, constituindo assim, o ato de fundação do Inconsciente como um lugar (topos). Como foi dito anteriormente, na seção 4.3 – *A violência do significante materno*, essa operação de fixar a representação-coisa no inconsciente inscreve sincronicamente o conjunto associativo ligado à coisa. A condensação de associações ligadas à representação constitui-se em um polo de intensidades que deixam a representação com esse atributo de ser um núcleo significante.

Além da importância da fixação no recalque originário, Freud diz que o contrainvestimento é seu único mecanismo. Considerando que o recalque originário cria o inconsciente como lugar psíquico, antes disso, não há lugares psíquicos para haver investimento e contrainvestimento. Então, coloca-se como questão: de onde vem esse contrainvestimento?

Embora o conceito de recalque se concentre numa ação exercida pelo aparelho psíquico para dar conta dos representantes e derivados pulsionais, Freud utiliza-se de outros conceitos como *escudo protetor* (1987 [1895]), *defesa* (1974b [1915]), *censura* (1987 [1900]) e *paraexcitações* (1976 [1920]), para explicar que o aparelho psíquico também precisa dar conta de excitações que provêm de fora do aparelho psíquico, quando ainda não há uma diferenciação/constituição dos sistemas psíquicos.

É interessante registrar que Freud (1987 [1895]), já em seus primeiros estudos, entende que a organização psíquica retira dos estímulos externos a energia psíquica para fugir de tais estímulos que, pelo excesso de excitação, lhe causam dor. Pela falta de complexidade do aparelho psíquico do *infans*, o que impulsiona a descarga é o princípio da inércia. A descarga total de energia está ligada, como desenvolveu nos trabalhos posteriores (1976 [1920]), à pulsão de morte. Na constituição do aparelho psíquico, o princípio de prazer não está em ação, haja vista que o *infans* necessita de uma ação externa de investimento libidinal materno para ter um *eu* (*Ich*).

Dessa forma, o *Ich* resulta de memórias dos caminhos percorridos ou investidos que, a partir dos registros, traços, representações, redes de significantes vão ter a ação de inibir o que gera desprazer. É necessário pontuar que a invocação do Outro, conforme a convocação de Lacan, coloca o *infans* no circuito pulsional. Entende-se a ação sempre já dada pelo fora/dentro como simultânea na formação do aparelho psíquico e do efeito de um sujeito do inconsciente.

A nomeação *ex-sistência* dada por Lacan parece pontuar essa coexistência fundante desde a exterioridade/interioridade que marcará as propriedades da interioridade do aparelho psíquico do inconsciente freudiano. As representações terão como propriedade (FREUD, 1974c [1915]) a atemporalidade do inconsciente, isto é, não são orientadas segundo a lógica do tempo e da historicidade, são isentas de contradição; desta forma, os contrários coexistem na simultaneidade. Além disso, são guiadas pelo princípio de prazer, movimentando-se em direção ao desejo, mas também atraídas pela fixação do recalque primário. Há a substituição da realidade externa pela realidade interna; Freud diz que a realidade do inconsciente é a realidade psíquica.

Em *Além do Princípio de prazer*, Freud (1976 [1920]) retoma vários temas tratados no *Projeto*, entre eles, o *escudo protetor* para os estímulos que vêm do exterior. A consciência – parte do aparelho psíquico que tem contato com o mundo externo – percebe os estímulos externos e, como se tivesse tentáculos³⁵, (a consciência) entra em contato com o mundo externo e retira amostras dos estímulos que provêm da exterioridade.

Partindo do exposto até aqui, pode-se considerar que o aparelho psíquico, na sua origem, está mais na concomitância da exterioridade/interioridade originária. Convém ressaltar que, para a psicanálise, a origem não é entendida pela lógica do desenvolvimento de épocas que se sucedem, mas relativamente a efeitos de significação de tempos sem significação, conforme o proposto por Freud (1976 [1915-1917]), nos dois tempos do sintoma psíquico, em que a cena atual significa a cena anterior.

Sendo assim, tratando-se do recalque originário, a hipótese a que se chega até aqui é que a energia do contrainvestimento provém da exterioridade, naquilo que Lacan chama de Outro, que na cena do *infans*, na pulsão invocante, vem do investimento materno.

Sobre as repercussões ocorridas a partir do surgimento do recalque primário, Garcia-Roza (1995, p.176) comenta que “o recalque impede a passagem da imagem à palavra. No entanto, isso não elimina a representação, não destrói sua potência significante.” Pode-se

³⁵ Analogia criada por Freud, para falar da ação da consciência.

estender essa concepção em relação à pulsão invocante e considerar que o recalque secciona a pulsão na direção da voz à fala. Este real da voz fica encapsulado no núcleo do inconsciente.

No entanto, o investimento materno segue demandando o *infans*. O furo do Outro (A) será acompanhado pelo furo do sujeito (\$). A passagem da voz (real) à fala (simbólico) segue esse movimento. O ingresso na linguagem e na ordem simbólica indica a não totalidade da mãe no contínuo musical. Para o *infans*, no lugar do contínuo sonoro surge o sujeito.

O recalque originário marca o aparelho psíquico do *infans* com o efeito de sujeito. Didier-Weill (1999, p.71) pontua a passagem da voz (real) à fala (simbólica), nesse movimento acima descrito. “Enquanto a música só podia *significar* a ausência na sua tripla instalação – o inaudito, o invisível, o imaterial –, a fala vai *nomear* a ausência: ‘fort-da’”.

O ingresso na linguagem e na ordem simbólica também marca a não totalidade do sujeito ao contínuo musical, onde a dança do corpo o unia à sonoridade materna. A castração originária coloca o sujeito no lugar de estrangeiro em relação ao Outro e ao inconsciente.

Segundo Didier-Weill (1999), o recalque originário provoca a dupla barra do Outro e do sujeito (A - \$), provoca o esquecimento do Outro e de si como sujeito, naquilo que o movimenta a falar. Nesta rede de metáforas e metonímias, emerge a *lalangue*, a língua que habita o núcleo do inconsciente, o recalque primário, lá onde está o furo externo (*traumatismo*) e o furo interno (o simbólico no real). O autor diz que, ao se dizer inominável, a *lalangue* se encobre no que ela é incognoscível. Acrescente-se: é o lugar da *das Ding* freudiana; além disso, é língua falada pela mãe e que afeta o *infans* pelo corpo – o lugar do gozo: no que isso fala, isso goza.

O autor retoma o jogo do *Fort da*, descrito por Freud, e assinala que o carretel que o neto de Freud joga e que faz os sons é da ordem do recalque primário, pois institui a operação da barra do Outro e do sujeito (A - \$). A barra do Outro e do sujeito se fazem na continuidade desse furo estrutural, o furo da entrada do significante fálico, ou seja, há um anúncio de que o Outro e o sujeito são faltantes, isto é desejam. A partir da leitura de Quinet (2012), entende-se que o que falta do Outro faz o objeto *a*. Assim, o sujeito vai usar o objeto *a* como seu objeto de amor (imaginário) e desejo (simbólico). Vai montar a cena de seu fantasma pondo o objeto *a* entre o sujeito e o Outro. Vai amar e oferecer, como prova de amor ao Outro, o objeto *a*, o que caiu do seu furo, onde a *lalangue* se instalou. Nesse furo estrutural está o objeto *a no êxtimo* “uma exterioridade íntima”, colocado no nó borromeano, no entrelaçamento dos três registros (real, simbólico e imaginário). É o objeto inapreensível que só se sabe pela angústia.

O quarto tempo da pulsão invocante convoca o sujeito a uma relação pulsional, para além da cena do fantasma – algo que irrompe no real alcançando o ponto azul, como no momento do chiste. A direção apontada pela pulsão invocante, neste caso, arranca o sujeito de buscar o objeto perdido e se angustiar com o encontro deste e lança-o a um lugar inusitado e criativo, no devir constante do sujeito.

4.8 A FALA

A pura voz do *infans* se transforma em voz para o Outro. Nesta perspectiva, se diz que, partindo da expressão de um puro real, a voz se transforma em um objeto parcializado. A voz, a partir daí, se transforma em objeto parcial e pulsional.

O significante, que ingressa no *infans* vindo da exterioridade (do Outro), o faz pulsionando o real do corpo. Esta é a operação em que o *infans*, furado na sua carne, terá como resultado deste procedimento cirúrgico – em que ingressa o significante da linguagem – seu surgimento como sujeito do inconsciente e, de resto, um objeto *a* (pulsão invocante). O recalçamento originário, com sua cicatriz, conterà o esquecimento constitutivo de um sujeito do inconsciente. O sujeito esquece que já foi um puro real (voz) e que sua voz era unificada com a voz do contínuo materno (sonata materna).

Jean-Michel Vivès (2009) desenvolve o conceito de *ponto surdo* para falar que, adquirido pelo recalçamento originário como sua expressão sonora, silencia o contínuo da fusão entre a voz do *infans* e a da mãe. Considera que o aparecimento desse ponto se presentifica na separação entre o inconsciente originário e o das representações, deixando o sujeito separado de suas origens e com acesso à escuta do significante materno.

Explicitando mais sobre o *ponto surdo*, Vivès (2012) faz referência ao circuito da pulsão invocante e diz que a voz do Outro se indistingue da voz do *infans*. No recalçamento primário, há um sim (*Bejahung*) e um não (*Ausstossung*), concomitantemente, à voz primordial. No não – a rejeição –, o *infans* se torna surdo para ouvir a voz do Outro, e ouve a sua. A rejeição possibilita, igualmente, responder ao chamado do Outro, pois que há alguém para responder. Dessa maneira, para haver sujeito é preciso ser surdo à voz do Outro que o habita. Constitucionalmente, o Outro precisa ingressar no *infans* e, depois, ensurdecer-se.

O recalçamento primário possibilita que a voz primordial se mantenha fixa no inconsciente não representacional: a voz inaudível – que não pode ser escutada e percebida pelo ouvido, e depois inaudita – que nunca foi escutada.

O recalque originário, desta forma, opera, primeiramente, para que a voz primordial fique inaudível, ou seja, um silenciamento incide sobre a percepção da voz, num lugar onde não há possibilidade de ser escutado – a impossibilidade do real. A voz não se inscreve como significante, ela é fixada como representante, sem representação pulsional: é um traço unário, sem representação. Acrescido ao inaudível há incidência, também, do inaudito. É traço sem memória; desta maneira, a voz não deixa rastro de sua existência, ou seja, nunca se ouviu dizer nada sobre ela.

Nesses tempos do recalçamento originário, a surdez constitutiva da voz original primitiva, ao advir sujeito, terá sua própria voz causada por esta primeira voz irrepresentada. Inclui-se aqui, que esta voz aparece *a posteriori* no falante, como ponta do real, ou seja, a voz sem articulação com a fala. Ela emerge da operação da violência da linguagem em que foi inscrita e fixada e que faz parte do recalque primário.

Desta forma, a voz será esquecida, no entanto, esse esquecimento não será apagado: dele surge o recalçamento originário e, como resultante, o recalçamento propriamente dito. Essa operação não traz semelhanças com a operação de divisão do sujeito, proposta por Lacan, uma vez que o sujeito aparece (sempre como efeito) na cadeia de significantes.

Nesse processo, Vivès (2012), oportunamente, considera a aparição da subjetivação pela pulsão invocante. O *infans*, sendo invocado, será sujeito invocante. A mãe que invoca sabe-se faltante, ao contrário, a mãe que evoca, se dirige aos seres não submetidos à linguagem, aos seres que santificados, – como os anjos, em que nada lhes faltam. A falta, na mãe, chama o filho a fazer parte dessa comunidade faltante – a comunidade dos falantes.

É interessante a etimologia da palavra *subjetivo*, do latim *Subjectivus*, de *Subjectus*, que é o particípio passado de *Subicere*, que vem a ser “colocar sob, abaixo”, e *Nous jolere*, que significa atirar, jogar, lançar³⁶. Pode-se considerar que a subjetivação está marcada por um atirar para dentro do *infans*, uma interpretação que a mãe faz a respeito do seu grito. Vivès (2012, p. 20) articula que o Outro transforma o “grito do *infans* em apelo.” Este ato é possível pela escuta que o Outro faz desse som inarticulado e insuportável.

A mãe suporá e marcará o *infans* com um ato que fará traço no seu grito. O bebê será marcado pelo ideal materno. A mãe escuta e não suporta o sem sentido desse grito; a isso colocará seu desejo na potência de um *ideal de eu*, orientando o *infans* nesta direção. Esse traçado coloca o *infans* habitado por uma voz e língua materna.

³⁶Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Subjetividade>>. Acesso em 04 jul. 2017.

O tempo da constituição psíquica de um sujeito é marcado pela intensidade com que a mãe teria direcionado o *infans* a seguir sua voz e sua língua, na perspectiva dos ideais. A suposição de que o *infans* deseja algo, sugere uma violência interpretativa exercida pela mãe, no sentido de que o filho quer lhe dizer determinada coisa com seu grito e só ela entende isso. É o imaginário da mãe que introduzirá sua verdade no vir a ser sujeito.

Vivès (2016) apresenta outra possibilidade de pensar este momento constitutivo do ingresso do *infans* na linguagem. Considerando o significante siderante, estudado por Didier-Weill (1997), diz que a produção desse significante traz o afeto de espanto; na cena mãe-*infans*, a mãe se abre para a improvisação seguindo suas leis internas. Ouvirá o grito do *infans* e reagirá com um novo grito, dando uma resposta singular. Do afeto de espanto se produz um ato de imprevisto.

É claro que o desejo da mãe está implicado neste ato, contudo há um espaço aberto para significar o *infans*, não só como uma parte fusionada de si, mas como uma potencialidade de ser sujeito. O autor postula um questionamento materno ante o grito do *infans*: “o que você quer?” – enunciação ante seu espanto do novo –, pois o significante siderante não tem memória. Assim, abre-se para uma resposta imprevista em que um novo se produz e dá uma direção a esse pré-sujeito no registro simbólico.

Nesta nova perspectiva, a mãe supõe e suporta a ideia de um sujeito em potencialidade. A improvisação materna advém de um novo, a cada vez que o bebê grita, o que, por sua vez, remete a mãe ao seu próprio recalçamento primário. Esse esquecimento originário, se assim se pode dizer, possibilita um sempre novo, diferente da forclusão do significante, que sempre reaparece com a certeza do mesmo. Vivès (2016) faz referência a ser esse um ato de fé da mãe, uma crença, com confiança e esperança na existência de um sujeito. Pode-se pensar que o que falta à mãe, faltará ao *infans*. Da voz se fará um sujeito: “torne-se”.

A violência da linguagem será abordada com mais profundidade no próximo capítulo; por ora, é importante registrar que a violência da linguagem está relacionada ao significante que a mãe dá ao grito do *infans* que não significava. É pela intensidade da mãe em puncionar o corpo do não falante com sua voz, língua e fala, que a *lalangue* o habitará.

Vivès (2012) diz que o grito representa o *infans* para outros significantes que virão. Do puro grito surgirá um grito *para*. O outro na tensão do *infans* o intenciona a algo. A subjetivação, ao mesmo tempo em que cria uma interioridade no *infans*, o deixa habitado pelo Outro em si. Nas palavras do autor: “A resposta do Outro, a recepção que reserva ao puro grito, transformando-o em grito ‘para’, leva à significação do sujeito à luz do significante do Outro [...]” (VIVÈS, 2012, p. 21).

O ponto surdo surge quando o *infans* é marcado pela interpretação da mãe, na transferência da voz primordial a um grito significante. O ensurdecer da pura voz é o ponto surdo que possibilita a emergência do significante. O que fica velado na voz faz a fronteira com o sentido da linguagem.

A voz, como objeto primordial, é perdido quando a mãe a toma como objeto simbólico. Assim, a voz é o primeiro objeto perdido, pois que, quando ela é velada, aparece o significante. É por meio do apelo transformado em demanda que o Outro é invocado e invocante para dizer o que quer do *infans*.

Retomando o circuito pulsional freudiano e relacionando a pulsão invocante no ser ouvido, ouvir e se fazer ouvir, no terceiro tempo, o se fazer ouvir, o ponto surdo marca o inaudível da voz do Outro, como também possibilita a invocação para o Outro com a hipótese de que será ouvido. Ou seja, há algo no *infans* que o Outro quer. Conjecturar isso é partir de um sujeito já dividido em que um pedaço de si – objeto *a* – é endereçado ao Outro. Também é pensar que o Outro não é puro contínuo sonoro e que tem um “dois” na sua sequência de significantes.

A voz se parcializa no corte da enunciação da palavra escondida. Tem-se aí a voz como objeto *a*, como pontua Erik Porge (2015). Em outras palavras, a voz, ao ser emitida, sai do registro primordial no endereçamento ao Outro. Mesmo que, imaginariamente, esse Outro seja também primordial, já é cortado pela realidade, naquilo que o real se apresenta como impossível.

O ingresso do *infans* na civilização exige a exclusão de uma parte do seu corpo e do corpo da mãe, que ficam velados na constante tensão entre a voz e a significação. Assim como na visão (ponto cego), há na voz um ponto que desaparece e fica para sempre perdido por trás dos sentidos.

A mãe, ao responder ao grito/apelo do *infans*, mostra que algo lhe falta, e, na hiância, se endereça ao apelo do filho. A voz que vem do Outro (mãe) é a manifestação do desejo do Outro. A voz materna e o grito do *infans* se encontram na falta de completude dos dois.

O sujeito que era demandado e invocado pelo Outro será o que evoca. O sujeito evoca, uma vez que invoca uma alteridade e estranheza de ser um estranho em seu dizer. Lacan cria um neologismo para a lalação do bebê: a *lalangue*. Em *O aturdito* (2003 [1972]), diz que a estruturação do inconsciente como uma linguagem é “como a *lalíngua* [*lalangue*] que ele habilita.” (p. 492) .

Assim, o inconsciente é habitado pela *lalangue*, no que ela habita o real da língua. A língua da mãe (S_1), não sendo simbolizada nem imaginarizada, não é pensada. Tem-se um impensado que se faz presente na forma de equívocos; quando fala, o sujeito não sabe o que diz. Na *lalangue*, há um real sem sentido e há também um núcleo (recalcamento primário), no qual o inconsciente se desdobrará.

Para concluir este ponto, pode-se dizer que a linguagem do sujeito é da ordem da *lalangue*, em que o sentido da fala não a silencia. O investimento da mãe, com seu contínuo musical, traz, além dos sentidos de sua voz, um excesso. No excesso da voz materna, a mãe não sabe tudo o que diz para o *infans*. Contudo, é por não saber tudo o que diz, que o filho será invocado e convocado a dizer coisas em busca de um sentido sempre em falta. A voz, para fazer advir a fala, será silenciada naquilo que Vivès (2012, p. 13) nomeia como “suporte da enunciação discursiva”, e que marca a constante tensão da voz e da fala.

5 A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM

Piera Aulagnier (1979) escreve sobre a violência primária como um operador necessário para que o *infans* ingresse no mundo da representação psíquica. Considera a representação psíquica como um equivalente do processo de metabolização que ocorre no funcionamento orgânico. Nos dois processos – psíquico e orgânico – pode haver um rechaço ao elemento heterogêneo que quer ingressar neste outro espaço, ou a conversão numa homogeneização do sistema. Ainda, segundo a autora, a meta da representação psíquica é metabolizar o que ingressa no aparelho psíquico tornando-o homogêneo a esse aparelho, a fim de manter a homeostase do sistema.

A atividade psíquica é caracterizada pela forma com que metaboliza o ingressante, ou melhor dito, o agente externo que será representado, que por assim dizer, é a representação. Esse agente externo ao aparelho psíquico são objetos que se apresentam em dois grupos: por serem necessários ao funcionamento do sistema psíquico e por se imporem sem a possibilidade de sua presença ser ignorada. A mãe, em relação ao *infans* parece ocupar estes dois grupos de objeto. No primeiro, ao se tornar necessária, por sua ação trazer satisfação ao *infans*; no segundo, quando o *infans* demanda sua presença: ela torna-se um objeto de desejo para o filho.

Assim, a representação dos objetos não se dá no seu aspecto físico, mas na informação de uma propriedade sua, que está a serviço de uma vivência de prazer; por isso, o movimento está a serviço de metabolizar propriedades do objeto que geram homeostase (prazer) ao sistema psíquico. A representação, desta forma, é uma condição para a vida psíquica. A autora considera que o trabalho realizado pelo *infans* para representar é análogo ao conceito de pulsão formulado por Freud. Há uma exigência contínua de trabalho em colocar o psiquismo em movimento, para a busca do prazer que foi posto em marcha por um investimento vindo de fora do aparelho psíquico, no qual sua ação de investidura intervém no estado anterior ao que o *infans* vivenciava. Do princípio do nirvana, que se pode dizer mítico, ao princípio do prazer temos uma hipótese de origem para a existência psíquica.

Piera Aulagnier (1979) considera três processos psíquicos relacionados às representações. O primeiro é chamado de originário, em que a representação se caracteriza como pictográfica; como o nome indica, a representação se dá pela *imagem*; no segundo, chamado de processo primário, a representação ocorre pela *fantasia*; e, no terceiro, nomeado de processo secundário, a representação é o *enunciado*.

A representação é a “representação do objeto e representação da instância que o representa, e toda representação na qual a instância se reconhece, representação de seu modo de perceber o objeto.” (AULAGNIER, 1979, p. 29). Nessa passagem, a autora mostra a intrincada relação que estabelece entre o processo psíquico, a representação e a forma dependendo do processo psíquico envolvido – originário, primário ou secundário - com que o objeto será representado, além do que, quais objetos poderão ingressar na psique. O olhar de Aulagnier delinea uma metapsicologia da representação como constituinte do aparelho psíquico, com uma mirada na estrutura que envolve cada sistema com a entrada e os desdobramentos do objeto no funcionamento do psiquismo.

Acrescido ao elemento da representação, a autora também dá destaque à economia libidinal que move o movimento de metabolizar ou, mais especificamente, representar o objeto. A economia psíquica está voltada a aproximar o objeto, pelo prazer que ele proporciona. Este processo vai ser especificado à medida que se trata dos processos psíquicos. Por ora, se faz referência ao investimento libidinal que está presente a serviço da vivência de prazer.

5.1 O PROCESSO ORIGINÁRIO E A REPRESENTAÇÃO PICTOGRÁFICA

A primeira obra do psiquismo do *infans*, segundo Aulagnier (1979), é a representação pictográfica que ocorre no processo originário. O momento inaugural do psiquismo não é marcado pelo seu funcionamento em si, mas pela forma de representar o ingresso de elementos extrapsíquico. Um encontro com fragmentos de informação sobre as propriedades dos objetos.

O extrapsíquico, neste encontro, é o próprio corpo do *infans* e o espaço psíquico de quem está ali – a mãe. Esse encontro marca, simultaneamente, a existência do psiquismo do *infans* e a representação do ingresso de elementos de fora do psiquismo, que ao serem metabolizados, como a própria expressão indica, se homogeneizam ao modo de funcionamento do psiquismo. Assim a autora expressa: “A primeira representação que a psique se forja de si mesma como atividade representante, se fará pelo estabelecimento de relação de feitos resultantes do duplo encontro com o corpo e com as produções da psique materna.” (AULAGNIER, 1979, p. 33).

Esta primeira forma de representação surge do encontro do corpo do *infans* com as produções da psique materna, e sua resultante é o ingresso da representação do corpo e das informações fragmentadas da mãe no psiquismo do *infans*. As sensações do corpo são

originadas das superfícies sensoriais dos órgãos e de um objeto exterior ao corpo que tenha o poder de estimulá-lo, com isso, se quer dizer que a informação do objeto chega ao psíquico pelo investimento pulsional da mãe no corpo do *infans*.

O termo “forja”, que a autora utiliza na citação, traz no seu significado “oficina onde se fundem e modelam metais [...]” (HOUAISS, 2009, p. 356). Transpondo a forja para a representação psíquica, os elementos de fora do psiquismo do *infans* (corpo e psique materna) são fundidos, metabolizados no sistema originário (a oficina psíquica) e servem como moldes, não no sentido de duplicação, mas no que diz Aulagnier (1979, p.29), ser próprio da estrutura resultante da representação: “Esta representação é o produto da metabolização sofrida pelo objeto e, a partir dessa operação, a estrutura do objeto se torna idêntica à estrutura da instância representante (originário, primário e secundário).”.

Numa analogia ainda em relação à forja, o sistema forja a estrutura de cada objeto ao ser metabolizado. A autora segue os postulados freudianos ao considerar que o sistema psíquico tem sua lógica de funcionamento. No núcleo do inconsciente, a representação-coisa não está associada à representação-palavra, conforme já foi tratado na seção 4.3 *A violência do significante materno*. Desta forma, a representação do processo originário são imagens da coisa corporal – o pictograma.

A representação pictórica ignora a dualidade que a compõe e engendra sua própria imagem de forma unificada. Assim, serão essas produções vindas de fora do psiquismo (mãe e corpo) que serão autoengendradas no *infans* e que formarão imagens representadas como unificadas.

O representado se apresenta em si para a psique, uma representação de si mesmo. Não há, pois, um representante da representação: há “[...] o engendramento de sua própria imagem.” (AULAGNIER, 1979, p. 43). A representação, assim, é apresentada da psique para a psique: o encontro entre a atividade originária e o produto. Contudo, como nesse momento a imagem unifica esse encontro em si, ele só é possível pela fusão, que se pode chamar de um anterior à representação de seus derivados.

A representação é posta em ação pelo trabalho pulsional de fazer algo com a excitação, que surge pelo investimento materno, modificando o funcionamento original do aparelho psíquico. Conforme o entendimento de Freud acerca do *eu realidade original*, já tratado na seção 2.2.4 *O narcisismo*, o *eu realidade original* é passivo, quando é violado pelos estímulos de fora do aparelho e ativo, quando reage a eles. Essa atividade do *eu* – apesar de, na proposição de Aulagnier, o *eu* ainda não estar presente – pode-se mesmo assim, no entendimento para este estudo, articular com o trabalho exigido pela representação

pictográfica que Aulagnier diz ser análoga ao trabalho pulsional. O trabalho psíquico é feito para adequar o equilíbrio anterior, mas, mesclado com o prazer experimentado pela diferença do desprazer, colocará Eros e Tânatos fusionados até o fim da vida.

A meta da atividade da representação pictográfica, ou seja, a busca de prazer procura atingir o representante pulsional e o objeto que ele representa. As qualidades presentes desse momento são regidas pela série prazer-desprazer, uma vez que, mesmo sendo um aparelho psíquico incipiente, no caso do *infans*, a metabolização diz do surgimento de representantes pulsionais. Este encontro entre o corpo do *infans* e as produções psíquicas maternas será considerado, no presente estudo, como um momento paradigmático, um marco potencial de significações para o espaço psíquico que surge no bebê a partir deste espaço com seu corpo e o discurso materno.

Nesta fase, há um excesso de estímulos que provém de fora do aparelho psíquico. O corpo do bebê tem a função de agir como autorregulação do estado de equilíbrio energético, que fica modificado com o excesso que vem do exterior para o psíquico. O corpo age sem o conhecimento da psique do *infans*, uma vez que este corpo ainda não está marcado por traços mnêmicos, passíveis de rememoração. Aqui, propõe-se o entendimento de que na representação pictografia há impressão [Eindruck]. Retomamos a hipótese que Garcia-Roza faz sobre uma linha de raciocínio presente em Freud, a qual apresentamos na seção 2.3.3 *Impressão e traço*, qual seja, que a gênese do aparelho psíquico é edificada pela impressão. Já a memória do traço, tem representação no caráter estrutural do aparelho psíquico.

Aulagnier concebe que no originário está forcluído o processo primário e secundário, no *a posteriori* da sua constituição, isto é, mesmo depois de o processo primário e o secundário já terem ascendido ao psíquico, o originário segue fazendo parte do psiquismo; além disso, suas manifestações se darão segundo suas próprias leis de funcionamento. É importante lembrar que no processo originário não há diferenças, o que a representação pictórica faz é forcluir qualquer vestígio de *eu-não eu*.

Diante desta compreensão é possível se fazer uma articulação que Aulagnier, no processo originário está tratando da gênese do aparelho psíquico, antes da estruturação do inconsciente. Assim, pode-se entender que, para a autora, ainda não está em questão o inconsciente estruturado como uma linguagem, ou seja, aqui, não está presente o significante primeiro (S_1), uma memória de traço, mas trata-se de uma impressão no sentido dado por Freud. A impressão – anterior ao traço e à memória. A impressão é, pois, uma cunhagem, uma tensão contínua ligada a um excesso. Citamos Garcia-Roza (1991), no que escreve sobre a impressão:

Considerada em si mesma, a impressão é exterior à linguagem e ao sentido, não se insere na cadeia significante por não estar ligada a outras impressões de modo a formar uma série significante. A impressão tem muito mais o estatuto de uma *Prägung* do que de um significante, ou, a se considerá-la como um signo, ela é mais da ordem do sinal ou índice do que da ordem do significante. (p. 54).

Pode-se pensar que o *infans* já está na linguagem, na enunciação e no desejo do Outro, segundo a terminologia lacaniana, mas para a linguagem estar nele é necessário que o Outro o viole com o significante. No processo originário, concebido por Aulagnier, a representação que o *infans* fará do significante-mãe (mundo externo), que personifica o Outro, é o reflexo especular do seu espaço corporal. Neste espaço de indiferenciação, não se inscreve a diferença, não se faz traço. A impressão está excluída da cadeia de representação, o traço vai ocorrer pela intensidade e pela repetição da impressão. A autora chama a atenção para o fato de que o processo originário se dá como processo exclusivo no *infans* por um período breve, pois se entende que, pela intensidade e repetição do investimento materno, esse período de indiferenciação não consegue se manter, exclusivamente, por muito tempo. O investimento materno deixará traços mnêmicos para se constituir como um objeto de satisfação e de busca para o reencontro.

Em relação à indiferenciação originária entre o *eu* e o mundo (o exterior ao *eu*), a autora faz referência ao que é típico do funcionamento do originário: “Assistiremos então, não a um ‘isto fala’, mas a um ‘isto reage’, ou a um ‘isto age’ [...]” (AULAGNIER, 1979, p.59).

Tomando como referência o último ensino de Lacan sobre o *isso fala*, que *isso que fala* é o inconsciente falando na modalidade de gozo, a autora, aqui, faz referência ao *isto*, direcionando ao *eu* e não ao inconsciente. Quando Aulagnier trata da representação pictográfica, não a está equiparando ao inconsciente, está se referindo à metabolização que o psiquismo processa ao ingresso de um elemento exterior a si. Essa metabolização pictográfica corresponde a uma imagem refletida do corpo.

Volta-se aqui à ideia de gênese do aparelho psíquico o recém-nascido é falado pelo Outro enquanto uma dimensão do real – a coisa, sem representação, na perspectiva do *infans*. O Outro, ao ingressar no *infans*, causa uma impressão [Eindruck], uma marca do real, ainda sem memória. Este é o momento concebido pela representação pictórica. Aulagnier diz que não se trata de significante neste momento, o que ingressa no pictórico não é o significante materno, ou, mais ainda, não é da ordem do recalque. Ao mesmo tempo, o objeto que ingressa é um objeto marcado pelo recalque, uma vez que é um objeto que investe o *infans*. Porém, pode-se pensar como hipótese deste estudo, que não é um objeto investido

pelo *infans*, é um fragmento de real, uma impressão com possibilidades de ser representada quando da impressão se fizer traço de memória de um objeto de desejo.

A leitura que se faz sobre a representação pictográfica se assemelha à apresentada na seção 2.2.4 *O narcisismo* – onde o representante pulsional e o *eu* se fixam e se constituem como representação de si mesmo, na enunciação freudiana de uma ação psíquica que vem de fora, para que o *eu*, como representação de si mesmo, possa surgir na forma narcísica. Existir, desta forma, no funcionamento guiado pelo princípio do prazer.

Esta representação, portanto, que liga o representante ao representado, trata, da representação do próprio aparelho psíquico, ou seja, do corpo erotizado, o corpo de representação de si mesmo, soldado com o afeto que informa se a vivência experimentada é de prazer ou de desprazer. A decorrência da representação unida ao afeto é o movimento de atração ou repulsão da psique aos objetos.

São palavras de Aulagnier:

O espaço e a atividade do originário são, para nós, diferentes do inconsciente e dos processos primários. Esta atividade tem como propriedade metabolizar toda vivência afetiva presente na psique em um pictograma que é, indissocialmente, representação do afeto e afeto da representação. (1979, p.64).

Na representação pictográfica, o Outro não está representado, neste sentido, Aulagnier não considera que haja significante, embora o investimento materno seja a condição para haver a representação pictográfica e o saber do processo primário. Pode-se pensar sobre o conceito de alienação de que fala Lacan, para Aulagnier, o Outro está forcluído na representação psicográfica.

Freud (1987 [1900]), no seu trabalho dos sonhos, fala sobre o umbigo do sonho, onde há um ponto no pensamento inconsciente, no fluxo associativo do paciente, ao qual é impossível ter acesso. Há um ponto em que a trama do pensamento está fechada, um ponto do desconhecido.

No nível psíquico, a informação do excesso ocasiona a alucinação negativa, que nega, ou melhor, forcluí [*Verwerfung*] o “estado de falta/excesso/desequilíbrio”. Piera Aulagnier (1979) destaca que a falta se relaciona com o equivalente fisiológico do estado de necessidade.

Pode-se pensar que a falta é uma significação *a posteriori* de um excesso que marca a inscrição de estímulos de fora do aparelho psíquico, desse encontro marcado do corpo do *infans* com a mãe – esta enquanto um sujeito psíquico que toca discursivamente seu filho.

O que fica fora desse sistema retorna à psique do bebê na forma de desmentido [*Verleugnung*], relacionado à representação da sua relação com o mundo. A alucinação do peito pelo *infans* força uma representação pictográfica, uma imagem, característica do processo originário, no sentido de que a alucinação do peito e, mesmo a sua unificação a si mesmo, desmente a experiência sensorial da falta nestas produções do originário.

O encontro do corpo do bebê com o espaço psíquico da mãe caracteriza uma antecipação da mãe ao que o bebê sabe de si. Essa antecipação gera um excesso de sentidos, de excitação, de frustração, gratificação e proteção. A demanda materna, representada pela antecipação da significação, é um pedido que excede os limites de resposta do bebê. Na relação mãe-bebê, a demanda pressupõe a decepção de uma resposta que não atende ao excesso de quem pede. “O dizer e o fazer maternos antecipam sempre o conhecimento que pode ter o *infans* [...] a oferta precede a demanda.” (AULAGNIER, 1979, p. 35).

A defasagem entre o peito que é dado e a boca que o recebe sem esperar cria um descompasso no registro e no sentido. A palavra materna cria um sentido com o qual o *infans* não reconhece sua significação e não a assimila para incorporar como um significante. A mãe fala e coloca o *infans* na posição de quem ouve, porém, ele não se apropria da significação do enunciado que, sem escutar, ouve.

Pelo entendimento acerca da teoria de Aulagnier, a autora considera que, na representação pictográfica, o significante é ignorado como representação. Ele é percebido no objeto, pois se trata da incorporação parcial dos objetos que investem o *infans* – no caso em questão de quem exerce a função materna – e, portanto, um ser da linguagem, mas a psique do bebê ignora a diferença a ela mesma, não há Outro do e no *infans*.

O *eu*, presente neste momento, é o *Real-Ich* que realiza as primeiras sínteses sobre o disperso da excitação predominante neste aparelho que se constitui. O investimento do *infans* - autoerótico - é, portanto, sobre o *Real-Ich*, uma vez que o mundo exterior lhe é indiferente, no sentido de que não é investido e, sendo assim, não é representado.

O Outro não tem representação, o significante que ele forja no *infans* é representado em um momento inaugural do aparelho psíquico, e será cunhado como impressão – ligações pulsionais no sentido de unir os dispersos pulsionais. O *Real-Ich* faz um trabalho de ligação do elemento exterior à satisfação pulsional, sem representação das suas origens.

A violência primária opera um excesso que o *infans* não significa. O *eu*, como já dissemos, faz um trabalho de ligação de energia, mas não se constituiu, ainda, em uma trama de significações. Considerando a teoria lacaniana, pode-se dizer que, no momento proposto

por Aulagnier para a violência primária, o inconsciente ainda não está estruturado como uma linguagem. É anterior à divisão operada pelo recalçamento primário e ao aparecimento da *lalangue*. O *eu* purificado no processo primário — que analisamos na seção 5.3 *O processo primário* — introjeta o objeto fonte de prazer e expulsa a fonte de desprazer, lidará com a diferença e o significante formará cadeias associativas.

5.2 A VIOLÊNCIA PRIMÁRIA

A psique do *infans* vai saber de si pelo encontro com o que vem de fora de si, sem ter a mínima ideia do que seja isso, ou, mais precisamente, há um começo de uma ideia mínima de que algo acontece neste espaço, que imprime um início, onde nada parecia acontecer. Formulado de outra maneira, a psique é posta a trabalhar na representação do que nela ingressa oriundo do interior do corpo do *infans* e/ou o corpo é perpassado pelo espaço psíquico de quem o rodeia, que, costumeiramente, é a mãe.

O *infans*, nesse momento inaugural, formará duas representações de si mesmo a partir dos efeitos do encontro das produções psíquicas da mãe sobre seu corpo. A mãe enuncia e opera, no corpo e no incipiente/insipiente espaço psíquico do *infans*, um excesso de sentido para os limites de resposta do bebê, constituindo o que Aulagnier (1979, p. 35) nomeia como *violência primária*.

Pelo discurso que dirige ao *infans*, a mãe forja uma representação dele, que é um começo do seu *eu*, e que não depende do conhecimento deste. “A ordem que rege os enunciados da voz materna” (p. 36) está condicionada ao sistema de parentesco, às estruturas linguística e afetiva de um *eu* materno assujeitado. Pode-se entender a dimensão dos ideais, da língua e do desejo, respectivamente, uma vez que a mãe vai operar pelo discurso no aparelho psíquico do *infans*, mesmo que ele não saiba disso, ou a representação pictórica ignore a dualidade do encontro.

Assim, na mãe foi instalado o recalçamento: ela opera psiquicamente com o processo secundário, no nível das representações enunciativas, conforme a proposição de Aulagnier. Esta é a dupla marca que vai operar a violência primária no *infans*, pela assimetria do encontro. Essa violência reforça uma divisão preexistente, cuja origem está na “bipolaridade originária”, que acompanha os objetivos contraditórios do desejo materno, os quais estão ligados ao desejo e ligados aos ideais.

A violência primária designa a forja de algo que vem do exterior do espaço psíquico do bebê e que vai mudar o funcionamento desse aparelho. O aparelho psíquico do

infans vai incorporar o *eu* da mãe; para tal, haverá uma violação do funcionamento do seu aparelho psíquico. O que precisará ser metabolizado nesta operação? Um excesso que a autora nomeia como uma “violência secundária.” (AULAGNIER, 1979, p. 36).

Dito de outra forma, a violência primária é uma “ação necessária” para o surgimento do *eu* do *infans*; na secundária, a violência age contra o *eu* que surge no *infans*, no plano identificatório.

A autora conceitua a violência primária como

[...] ação psíquica pela qual se impõe à psique do outro uma escolha, um pensamento ou uma ação, motivado pelo desejo daquele que o impõe, mas que são, entretanto, apoiados num objeto que para o outro corresponde à categoria de necessário. (AULAGNIER, 1997, p. 38).

Desejo da mãe-necessidade do filho, ligação estabelecida na violência primária. Com essa operação, a mãe realiza seu desejo de tornar o *infans* seu objeto de demanda. Há a aparência de que o que a mãe oferece é uma resposta à demanda do bebê. A violência primária fica oculta. O par desconhece isso que constitui o vínculo e constitui o bebê.

A violência primária exerce o efeito de antecipação do discurso materno, que se manifesta através da oferta de significação. Como consequência, faz o bebê emitir uma resposta que ela formula no lugar dele. Dito de outra maneira, parece que a mãe entende e traduz o que o bebê pede, porém trata-se de ela atribuir uma significação a algo que ela faz o bebê fazer e anuncia/enuncia um sentido. Em termos de estrutura do aparelho psíquico, pode-se dizer que o *eu* é a instância que o Outro antecipa.

A autora considera, para fins de análise, a experiência da amamentação como o primeiro encontro, ou seja, o protótipo do encontro original boca-peito. A representação pictográfica dessa experiência inaugura o encontro entre o corpo do bebê e o espaço psíquico materno. Nesta perspectiva, o encontro ocorre pela imagem integrada do que irá se constituir como representante pulsional.

Já está presente, neste momento inaugural do funcionamento do aparelho psíquico, no pictograma, a capacidade do *infans* de ouvir frente à excitação da zona auditiva, que funciona como zona erógena, assim como a boca. Os sons sem sentido, mas no umbral de magnitudes sonoras, serão percebidos pelo ouvido do *infans*, desde que não excedam os limites em que serão captados como fonte de dor.

A autora pontua, no processo originário, um prazer de ouvir que está relacionado à qualidade sensorial do audível, sem ligação com a significação dos sons, tampouco, com a

percepção da presença do objeto. Não se trata de ouvir a voz materna, mas sim, a excitação da zona erógena do ouvido, na medida em que a voz se inscreve como falta.

O som se apresenta, segundo nomeia Aulagnier (1979, p.89), como um “tímpano-seio-sonoro”, a característica do signo fonético é ter a dupla face de ser, por um lado, produzido e, por outro, escutado, tornando-se, quando escutado, parte da realidade sensível. Mas, como no processo originário, o seio não é representado como separado do *infans*, ele o escuta como fonte de prazer/desprazer que vem do seu corpo. No processo primário, que será analisado na seção seguinte, haverá uma clivagem entre o que fala e o que escuta, sinal da presença do inconsciente.

Na clínica psicanalítica, há mostras da “surdez psíquica”, quando o paciente fala e não se escuta, sem parecer ser da ordem de um simbólico que, muitas vezes, está relacionado ao recalque ou à negação. Em relação ao prazer de ouvir, é possível lançar hipótese sobre o som ser da ordem de uma representação-coisa do processo originário ou, no caso do processo primário, a voz já ter acesso à representação-palavra. Assim, como questão, pode-se postular: há um *eu* fusionado ao seio-mãe ou já há a presença do Outro?

Jorge é um paciente, da clínica psicanalítica da pesquisadora, que fala e parece que suas palavras são da ordem de uma produção pictográfica, são faladas rapidamente como descarga de um excesso. As palavras quando anuncia algo que o pai diz dele, parecem ser da ordem da coisa; o paciente não escuta o que diz, mas reage às palavras. Uma de suas falas parece mostrar isso, ao contar sobre uma situação com seu cachorro. O paciente chega a casa mais tarde do que o habitual, e não leva o cachorro para a caminhada noturna. O cão, confinado ao quatinho, destrói o tapete o paciente o repreende, mas, em seguida, o cão já está “com o rabinho entre as pernas” o agradando. O paciente, muitas vezes, se comporta passivamente às invasões paternas e goza com o prazer sentido pelo pai satisfazer suas necessidades/demandas de amor.

A reação do cão frente ao estresse do confinamento é a posição do paciente frente ao pai, quando este diz algo sobre ele mesmo, e transfere esse algo para o filho. Jorge, quando conta ao pai sobre sua homossexualidade, ouve dele que é comum sentir atração sexual por homens, mas enfatiza que ele “ignore isso e arrume uma mulher.” O paciente não escuta o pai falando do seu desejo, reage, primeiramente, rejeitando essa voz unificada e, depois, pelo desprezo se unifica.

O pai e a mãe parecem ocupar o mesmo lugar para Jorge. Certa vez, na sua adolescência, vê a mãe beijando um homem que não o pai. Ao confrontá-la em casa, perguntando-lhe sobre o ocorrido, a mãe lhe desmente e diz que isso nunca aconteceu. O

paciente, depois de um tempo de afastamento, se reaproxima da mãe. O princípio da realidade parece não operar aqui, a unificação com os objetos de investimento sugere a lógica de aproximação face ao prazer e rejeição face ao desprazer. A lógica é da desmentida, há algo na experiência sensorial, que é sabido e que não está autorizado a passar para o fazer, por que isso traria a consequência de lidar com a falta e a diferença na mãe e no filho.

O paciente, quando criança, lia historinhas eróticas do pai, nas quais se repetia a entrada do homem em jogos sexuais de casais heterossexuais. Falando sobre isso, o paciente percebe que atua essas histórias criando triângulos nas suas práticas sexuais.

Para Aulagnier, a voz no processo originário não tem a representação do Outro na invocação do *infans*, a imagem é unificada, enquanto que para Didier-Weill, conforme já apresentado no capítulo 4, no encontro mãe-*infans*, o que ingressa é da ordem do significante *Um*. Entende-se que, apesar de os autores se referirem a momentos diferentes, Aulagnier trata da gênese do aparelho psíquico, no processo originário; enquanto Didier-Weill trata da estrutura. Há também diferenças teóricas entre eles. Didier-Weill, em concordância com o ensino de Lacan, parece considerar que o significante já está presente desde a instalação das pulsões parciais para o *infans*. Para Aulagnier, está presente como possibilidade, uma vez que, o investimento materno é da ordem do significante, porém a representação que o *infans* faz, na representação pictórica, exclui o significante.

Contudo, mesmo que neste momento se trate da inauguração da zona erógena, o que passa juntamente com o ruído que estimula a zona erógena auditiva? Os ruídos externos, que vêm junto a uma carga de afetos com a voz materna. Aulagnier (1979) observa que este estado de um puro prazer de ouvir, sem a percepção de um objeto, existe por um tempo breve. Por quê? A voz materna está colocada na demanda que ela faz a seu filho. Assim, a substância da voz não é o leite, como no encontro boca-peito, mas a informação que se pode conjecturar como sendo o protótipo da linguagem para o *infans*. Dito de outra forma, o *infans* é violado com um *plus* de convocação que o excitará para querer saber e usar isso que o excede, e que também diz algo a mais sobre o desejo do Outro e sobre si: uma representação pictórica para as possibilidades de significação no devir.

Já se disse anteriormente que essa experiência de encontro se inscreve em espaços psíquicos unidos. O *infans* se encontra com sua obra inicial da representação pictográfica, que vem a ser o processo de metabolização do discurso materno. Opera um autoengendramento, em um espaço originário, onde a resultante é da ordem de uma cunhagem [*prägung*] e de uma impressão [*Eindruck*].

A representação do afeto e o afeto da representação são indissociáveis no registro originário. A união do afeto com a representação pode confirmar se a realidade coincide com a experiência corporal, como na situação da amamentação ou da alucinação. Este processo determina o esquema estrutural do próprio representante. Os derivados das representações que farão parte da cadeia associativa resultam deste momento originário da representação pictográfica; dito de outra maneira, a representação pictográfica constitui a condição para a existência psíquica.

A atividade do processo originário compreende a excitação das superfícies sensoriais que vão desencadear as funções do corpo, como o sugar na amamentação ou o ouvir os sons. A atividade corporal e a excitação da superfície sensorial são decorrentes do encontro entre o órgão sensorial e um objeto externo que possui um poder de estimulação.

A representação pictográfica desse encontro, como já se disse, ignora o caráter dual, a imagem é unificada. O engendramento da imagem cria a sua origem. Desta forma, a psique cria para si a origem de uma imagem unificada boca-peito, ouvido-som que representa uma origem; desta forma, cria uma causa para o desejo. Assim, em relação à pulsão invocante, tema deste estudo, o *infans* cria a origem do som como vindo de sua interioridade. Mesmo que haja seus barulhos interiores, é a partir do prazer de ouvir pelo investimento materno – na função de porta-voz da representação que ela faz do filho –, que o *infans* passará a reconhecer suas entranhas.

O corpo do bebê tem a função de autorregulação de seu estado de equilíbrio energético. A ruptura se manifesta por uma experiência que, posteriormente, a linguagem irá significar como sofrimento. O desprazer aparece quando não é possível haver a fixação da boca-peito; na falta, a atividade psíquica tem que forjar uma representação.

Algo falha no encontro? O encontro, como já referido, é do corpo do *infans* com o espaço psíquico materno. Está em ação a união imagética deles. O que falha é da ordem dessa união? A falha é da representação pictográfica ou é do externo/real materno? Na clínica de crianças e adultos, fará diferença no *a posteriori* a falha desse encontro? Que reações serão produzidas?

A atividade psíquica do *infans* de incorporar a matéria exógena – informações emitidas pelo objeto (mãe) –, que tem como natureza ser o suporte de investimento, também porta a característica de estar em excesso de informação, na relação das possibilidades de representação para o *infans*. Isto caracteriza, do ponto de vista qualitativo, um umbral impossível de o *infans* ignorar. Assim, pelo *quantum* do investimento materno é impossível o *infans* ignorar sua presença.

O excesso marca a impossibilidade de a informação ser totalmente metabolizada pela representação e retorna na forma de desmentido [*Verleugnung*], uma vez que a sua presença sinaliza um desprazer. A alucinação é um desmentido da relação do *infans* com o mundo (extrapsíquico) e o que dele ingressa no psíquico a fim de adiar o desprazer, já que é desautorizada a experiência sensorial para não saber sobre a falta.

O trabalho requerido para uma nova representação resulta em aumento de excitação, que, por sua vez, resulta no desprazer mínimo. A ocorrência do desprazer ocasionará, quando possível, uma ação para eliminar a causa. O corpo age sem o conhecimento da psique. No nível psíquico, o nível dessa informação ocasiona a alucinação, que nega o “estado de falta”. A falta marca a modificação no estado de equilíbrio energético. Falta o equilíbrio anterior, como um equivalente fisiológico do estado de necessidade. A primeira resposta da psique é desconhecer a necessidade, a sensação corporal diante disso. Essa resposta revela os limites da representação pictográfica e revela, também, a presença original de um rechaço à vida, a busca de um estado de quietude e de um estado de não desejo – propósito ignorado e operante no desejo.

Pode-se dizer que, na busca da quietude, já está em operação o funcionamento do par pulsional: morte e vida, pois que a pura pulsão de morte é o deixar-se morrer. O afeto do desprazer e sua representação estão ligados à pulsão de morte; é a presença do ódio radical e originário. Este ódio está voltado, neste momento, à representação pictográfica, pois ela é posta a trabalhar para o desprazer mínimo. A pulsão de morte quer a energia zerada e não o desprazer mínimo; Aulagnier pontua ser esta a diferença entre o princípio do Nirvana e o Tânatos – lembrando que a representação pictórica metaboliza o estímulo externo e o aniquila na incorporação primária do sofrimento, que radicaliza o ódio. O ter que desejar perturba um dormir anterior, por isso há o desejo de não desejar.

O aparelho psíquico metaboliza o elemento de informação proveniente do espaço externo para a psique representar o que ela quer reencontrar de perdido em sua experiência. Assim, na origem, o propósito do desejo é caracterizar o objeto metabolizado na representação como uma parte do próprio corpo. Na sequência da incorporação e metabolização há o autoaniquilamento, “que transforma o representante no equivalente da instância responsável pelo desprazer.” (AULAGNIER, 1979, p. 45). No caso da pulsão invocante, a voz materna estará perdida. O *infans* será falado pela mãe sem saber, na sua voz. A violência da linguagem materna aparece como um operador necessário à inscrição psíquica da linguagem no *infans*.

Convém, para o propósito desta tese, chamar para a conversa o conceito de ponto surdo desenvolvido por Jean-Michel Vivès, apresentado na seção 4.8 *A fala*. O ponto surdo se situa na separação do inconsciente originário com o recalcado, deixando o nascente sujeito do inconsciente separado das suas origens e na escuta do significante materno. Na representação pictórica, esta clivagem ainda não ocorreu, há um tempo anterior ao significante, conforme a proposta de Aulagnier.

Na clínica psicanalítica da pesquisadora este operador aparece na fala da analisante. Susy, uma mulher de 40 anos, incorpora os gestos da mãe e diz “aíííí”, empurrando seus braços e tronco para trás, para dizer que a mãe não gostava de contato físico. Antes disso, questionava-se o porquê de não se atirar nos braços do pai, como via sua irmã mais nova fazendo. Questiona-se: “Por que não fazia isso, será que tinha medo de não ser correspondida?”. É uma mulher que não dança ao som da música: “sou dura, desajeitada, mas a minha mãe me explicava que eu não gostava de dançar, era altiva”. As meninas que dançavam as músicas eram vulgares, na fala da mãe, e a paciente reproduzia, sem saber quem é que falava. Em outra sessão, descrevendo como é a mãe, diz que vivia fazendo piadas das pessoas da família. Digo-lhe: “Ah, ela é altiva”, e a paciente se surpreende.

Nessa sequência são operadas as ações de incorporação do que é externo ao corpo do *infans*, a metabolização para ingressar no corpo, o autoaniquilamento do que era anterior à entrada do externo e uma autorrepresentação do engendramento do desprazer que contém esta união mesclada do antes/depois, dentro/fora do corpo do *infans*; dito de outra forma, nada será como antes.

A persistência da necessidade obriga a atividade psíquica a tomar conhecimento dela; mediante o pictograma, impor-se-á uma representação que se constituirá na causa do desprazer. Em contrapartida, o prazer mínimo é a aposta de um prazer do encontro do órgão com o objeto externo que proporciona o prazer. Há um investimento, uma excitação no corpo do *infans*, que o externo, o espaço psíquico da mãe com seu ato discursivo³⁷ proporciona ao encontro.

Pelo engendramento da representação pictórica, cria-se uma imagem unificada que será a causa do desprazer. O desprazer aparece, conforme já referido, quando algo falha no contínuo desse encontro. O que é representado agora pelo autoengendramento é uma parte de si que o aparelho psíquico tenta anular e destruir. O desprazer passa a ter como equivalente psíquico o desejo de autodestruição, manifestação da pulsão de morte, já representada. É

³⁷ O ato discursivo, aqui referido, é o ato materno com a carga afetiva correspondente.

oportuno referir que a paciente Susy desenvolveu uma doença autoimune que inibe seus movimentos corporais.

No encontro imaginário boca-peito/ouvido-som no pictograma, o corpo aparece como variável incognoscível e será alvo de uma representação. É sempre oportuno lembrar que o prazer está na própria zona erógena e não no peito ou som; por isso, o leite não é o peito e a voz não é o som. O afeto encontra-se indissociável dessa experiência, no plano do prazer-desprazer – uma ambivalência radical da produção de desejo que pode impelir tanto para uma fixação da libido, como para a representação. Outra ambivalência relacionada ao corpo como lugar erogenizado e narcísico é, de outra forma, o corpo situado como um lugar externo que dará lugar à alucinação.

Na representação pictográfica, as ações de tomar para si e expulsar são as únicas experiências sensoriais com possibilidade de representação. Desta forma, o percebido pelo olho, pelo ouvido, pelo paladar, pelo olfato e pelo tato é autoengendrado pela psique que, em face do prazer (representação e ideia), pega para si e, em face do desprazer, lança para fora. Na expulsão, a psique se automutila, pois ejeta para fora o órgão e a zona erógena, sede da excitação (des)prazerosa.

A psique se autoinforma de seu estado de afeto quando da representação pictográfica, ou seja, pelo autoengendramento opera-se uma fixação da representação pulsional. Aulagnier (1979, p. 49,) refere à impossibilidade de separação entre a representação e o afeto da própria enunciação. Assim escreve: “é necessário postular a coalescência de uma representação do afeto que é indivisível do afeto da representação que o acompanha.” Quando se fala em *eu*, pode-se dizer que ele é acionado pelo Outro.

A imagem do corpo está relacionada à formação do *eu*, conforme Lacan apresenta no *estádio do espelho*. O corpo está marcado pelo significante, sendo que o *eu* se constrói a partir do pequeno outro: a partir da imagem que é devolvida pelo semelhante. O *eu* está na esfera do imaginário, mas também se entrelaça no simbólico, na trama do significante. Segue Aulagnier (1979, p. 49): “A expressão interior ou comunicada, explícita ou implícita do sentimento, é correlativa ao enunciado que o expressa, sem o que ele não existiria para o Eu.”

Pode-se pensar, valendo-se das contribuições de Freud e Lacan sobre o tema, que o *eu* é uma representação de si mesmo que foi autoengendrada na fase da representação pictórica a partir de fora, na cena do encontro boca-peito, como caracterizada pela autora, ou na cena que estudamos, correlacionando ouvido-som. A expressão do sentimento é correlativa aos registros psíquicos que se manifestam (imaginário e simbólico); ele não existiria para o *eu*

sem a possibilidade de enunciar, visto que o *eu*, como representação, está na ordem das derivações significantes.

A autora propõe, para entendimento da indissociabilidade da representação e do afeto, conceber a designação do termo *sentimento* aos afetos presentes na esfera do *eu*, entendendo-os como equivalentes da representação do afeto. Assim, a existência do sentimento está no mesmo nível de sua expressão pela linguagem, em sua nomeação.

A suposição é que, desde o início da vida psíquica anterior ao estágio do espelho, proposto por Lacan, há um “fenômeno de especularização”, ou seja, a atividade psíquica se apresenta à psique como uma representação de si mesma, um reflexo, uma imagem da coisa, uma imagem visual. A psique criaria um reflexo da coisa que vê uma equivalência visual para si da coisa que vê, enfim a representação pictórica.

O que a atividade psíquica contempla e investe no pictograma é o seu próprio reflexo, que assegura que entre o espaço psíquico e o espaço “extra-psíquico” existe uma relação de identidade e de especularização recíproca. (AULAGNIER, 1979, p.51).

O modelo de representação leva em conta uma complementaridade especular, reflexo do espaço psíquico e do espaço de mundo. A pulsão se apoia no sensorial. A percepção da necessidade vai buscar uma correspondência para a psique representar a fonte de prazer. A psique busca representar (visualmente) a imagem que origina a satisfação. Assim, a atividade psíquica do *infans* representa visualmente a fonte de satisfação da necessidade (representação pictográfica): uma marca da percepção visual, auditiva, gustativa, tátil, um cheiro ou um olhar. A fonte de prazer coincide com a experiência de satisfação e com a excitação da fonte/zona corporal.

Na percepção auditiva, o prazer de ouvir um ruído vem da estimulação externa, da mãe com seu investimento libidinal. Por isso é curto o período em que o som é um ruído, sem ser uma voz, pois que a voz já coloca o *infans* na invocação de ser algo criado pela mãe para ele ser. A informação não se mantém sem ser uma linguagem.

O prazer de uma zona, no processo originário, é sentido e representado como o prazer de todas as zonas (gozo) na totalidade sincrônica das zonas erógenas. Não há reconhecimento do que é exterior e interior, eles são indissolúveis. A representação é sempre autorreferente, não é dita, é especularizável de si mesmo e do mundo. A totalidade sincrônica dá origem à imagem unificada, mas também causa a fragmentação desta unidade. Neste contexto, o seio é entendido como uma fragmentação especularizável do mundo e, na sua

representação, é simultaneamente audível, visível, tátil, olfativo e gustativo. O fragmento desencadeia o sistema sensorial e muscular para o ato de sucção, visão, audição e suas respectivas zonas.

No contraponto simultâneo da fragmentação-unidade, Aulagnier traz o conceito de “objeto-zona complementar”, que vem a ser a representação primordial em que a psique põe em cena a experiência do encontro psique-mundo-órgão do corpo: “[...] na experiência da audição são indissociáveis a atividade do órgão sensorial e a onda sonora, fonte de excitação.” (AULAGNIER, 1979, p. 53). Será a fonte da atividade de fantasia do processo primário.

O que a representação pictográfica metabolizou de forma indissociável, a fonte da excitação externa de uma imagem, se autoengendra interiormente, na forma de zona-objeto. No processo primário, é a cena da fantasia primaria que surge, ressignificando o autoengendramento, agora na interiorização do aparelho psíquico do *infans*. Um *eu* irá criar uma cena fantasística de prazer-desprazer.

A complementaridade indissolúvel do objeto-zona e a consequente ilusão de uma unidade cria, também, a ideia de que o desprazer está associado a uma falta dessa integração. Assim, o desprazer é representado por uma falha, defeito, ruptura, autoaniquilamento. Também aqui há a coexistência do par Eros-Tânatos, ou seja, unificação-destruição, rechaço mútuo entre zona-objeto. A falha se apresenta como o protótipo da castração que o sujeito terá que operar via fantasia e angústia.

A fase originária tende a um equilíbrio estático. A energia fica fixada à representação (atividade representante mais imagem representada). Assim, a representação é guiada pelo desejo de presença que é Eros.

O ódio, por sua vez, acompanha a primeira experiência de prazer, na espera para uma próxima experiência de prazer. Esta espera intervalar gera um ódio primordial. É a tendência de retorno a um estado de não desejar – este é Tânatos. Tal vivência inaugura, ainda, um lugar psíquico; também se pode pensar que marca algo na esfera do tempo e da memória. A busca para Tânatos era, antes, impensada: antes da busca pelo prazer, antes da representação, antes de um saber existente.

Há um estado de conflito originário operando no psíquico, baseado na ação de Eros e Tânatos. Quando Tânatos deseja a morte, eufemisticamente falando, já é um desejo baseado em uma representação de que a morte seria um estado de prazer. A ação de Tânatos não é a quietude, mas a destruição da espera, do desejo, do desprazer da vida psíquica. Não há outro alvo senão a destruição. Do ponto de vista da economia psíquica, no processo

originário, tal destruição está sob o domínio do estado de não desejo, ou seja, uma energia fixada à primeira representação que deu origem ao prazer.

5.3 O PROCESSO PRIMÁRIO

Além da destruição ligada a Tânetos, tem-se em Eros a atividade de pensar, como condição de existência do *eu*. No processo primário, o *eu* experimenta o desejo de pensar. O ato vem acompanhado de uma ideia. Relacionada ao processo originário, a representação do mundo é o reflexo especular do espaço corporal. A especularização do si mesmo-mundo é equivalente à especularização psique-corpo. E o corpo é o lugar da série de experiências que dependem do encontro sujeito-existente, experiências que a psique representa como efeito de seu poder de engendrar os objetos-fonte da excitação e engendrar o que é causa de prazer e desprazer.

O corpo contempla um espaço, um lugar e, por que não dizer, um topos onde se cria a existência de um sujeito que é afetado por objetos externos, tendo estes a propriedade de ser a causa de romper com a estabilidade originária do ser nascituro.

Com isso, quer-se dizer que o ser que nasce, hipoteticamente somente escrito como um corpo biológico, tem um dispositivo tanático que o mantém homeostático para sempre, neste caso, numa via rápida para a morte, que nada mais é do que uma consequência natural desse ser na deriva com a natureza. No entanto, tendo este ser nascido no mundo do Outro, haverá acontecimentos. Tomar conhecimento desse Outro é ser afetado por sua ação, naquilo em que ele altera o equilíbrio do ser vivente. Não há como não tomar conhecimento disso.

O conhecimento desse ser, seguindo as linhas propostas por Aulagnier (1979), requer incorporar a causa do seu conhecimento de prazer e depois do desprazer pela falta da ação continuada, produzida pelo objeto. É a ação do Outro, que, pela incorporação ao ser, o tornará inconsciente de si. O prazer, desta forma, é consequência da ação do Outro, que investe/excita o ser na sua interioridade, constituindo-o como sujeito e, ao mesmo tempo, deixando-o à deriva de si mesmo.

Nesta operação de autoengendramento na forma pictórica surge o ser, o prazer, na descontinuidade, o desprazer, o ódio pelo desprazer e pela existência guiados, de agora em diante, na busca do prazer. Todas estas experiências acontecem pela representação, pois o encontro, como já foi dito, ocorre no espaço do corpo, como um espaço onde as representações se dão na união do afeto e daquilo que será *senso-perceptado* junto com o

afeto. Cria-se este termo – *perceptado* – para tentar dar conta da ideia de um sentido para o sensorio incorporado pelo corpo, representado e pensado pela psique.

As produções incorporadas do ser são o que Aulagnier chama de *objeto-zona*, que ocasiona o prazer-desprazer. O in-consciente do ser-existência, que dará seguimento ao sujeito e à representação, que já marca o surgimento do *eu*, é conhecimento presente nesse momento originário.

O encontro do *infans*, funcionando com o processo originário e a mãe, dotada do processo secundário, proporciona um efeito do início do funcionamento do processo primário no *infans*. Assim, a entrada no processo primário se dá quando a psique do *infans* reconhece a presença de outro corpo, ou seja, quando percebe um espaço separado de si.

Desta forma, há uma diferença de funcionamento do processo psíquico que, até então, era marcado pelo autoengendramento, que mantinha a imagem unificada. Entende-se, a partir das contribuições de Aulagnier (1979), que a representação caracterizada no processo primário se dá pela percepção de um espaço separado de si, e isto é possível pelo reconhecimento da ausência e do retorno do objeto.

Trata-se aí da representação de dois espaços psíquicos quando da diferença entre o prazer pelo investimento do objeto, o desprazer quando do afastamento de objeto e a volta do prazer quando do retorno do objeto. Já se sabe, pelas contribuições de Freud e Lacan, que a marca mnêmica se dá pela diferença. Essa repetição no movimento das diferenças vai possibilitar a representação.

Enquanto que no processo originário a representação pictográfica é dotada, segundo a proposta que se constrói neste estudo, de uma impressão [*Eindruck*], ou seja, a representação é do momento em que a imagem unificada acontece, no processo primário, a representação da diferença cria marcas de memórias das séries de diferenças. Há desta maneira, uma trilha para a linguagem percorrer.

Há também, segundo a autora, uma negação da separação, no processo primário, que, segundo entende-se, se dá pelo retorno. Esse retorno, ao mesmo tempo em que representa a separação, também o nega (*a posteriori*). O retorno da negação é a denegação de um exterior que não se submete ao princípio de prazer do *infans*. Há um princípio de realidade que é denegado e marca a diferença. Violante (2001) faz um assinalamento que Aulagnier, diferente das considerações freudianas, considera que no processo primário já está presente o princípio da realidade, no momento que surge a representação-palavra aliada à representação-coisa.

Em relação ao ruído, agora no processo primário, este informa sobre a presença/ausência da mãe, no que ela representa um objeto separado do *infans* e que proporciona o prazer de ouvir. Dito de outra maneira, o ruído anuncia a presença da voz materna que causará prazer no *infans*. O desejo de ouvir pressupõe a presença de um seio separado do *infans* e a presença do Outro.

É neste contexto que aparece a fantasia, o reconhecimento dos dois espaços, na lógica do desejo do *infans*. Pode-se pensar que a fantasia, mesmo que o processo primário esteja presente, vale-se da representação pictórica para fazer o autoengendramento do desejo, pois que a cena da fantasia pressupõe que os personagens que aparecem sejam partes de um desejo ilimitado do sujeito.

No processo primário, a voz materna, para Aulagnier (1979), se apresenta como um atributo sonoro do peito, no sentido de que o encontro boca-peito marca uma cena constitutiva de subjetivação imaginária para o *infans*. Além disso, anuncia o desejo da mãe como um atributo do desejo materno, ligado ao prazer de ouvir do *infans*, nesse encontro, a voz que se converte em algo que será um signo do desejo materno na fantasia do bebê.

Assim, na fantasia, ainda que o *infans* perceba que o peito não faz parte de si, não está unido à boca, pode fantasiar que sim, pois segue a lógica de um desejo ilimitado; igualmente na voz, que é posterior ao ruído, mesmo após o recalçamento primário, na instauração do *ponto surdo*. Para Vivès (2009), o *infans* fantasia que é falado pelo Outro. Assim, a característica da fantasia é a atribuição ao Outro de uma ação que faz parte do desejante.

A voz do Outro, na ordem do desejo, não é a voz do Outro primordial. Porém, o sujeito a trata como se fosse e a transfere para os outros, dado o poder ilimitado do desejo e o reconhecimento dos espaços separados do corpo. Acarreta, assim, a representação do Outro, que é a salvaguarda do poder ilimitado do desejo; esse Outro existe como separado do *eu*, ou seja, o *eu* nascente cria o Outro para que pareça que esse agente Outro tenha uma existência separada do *eu*. Pode-se ver aí o paradoxo constitutivo do dentro/fora ao qual Lacan se refere a respeito da banda de Moebius. Nas palavras de Aulagnier (1979, p. 70): “[...] o prazer que este “espaço” experimenta se apresentará como o efeito do desejo do Outro de uma reunificação entre os dois espaços separados e o desprazer se apresentará como efeito de seu desejo de rejeição.”.

Esta metabolização do primário precede a imagem da palavra; trata-se, portanto, da imagem da coisa. Ela estará em relação com a fantasia, que, por sua vez, une as partes e as funções erógenas do corpo do *infans* com as partes e a função do corpo do Outro.

No processo primário há uma correspondência entre a imagem que representa o espaço do mundo e a que representa o espaço do corpo. A imagem da fantasia que é posta na representação contém a correspondência com a erogenidade das zonas corporais que produzem o desejo. Assim, a imagem que aparece na cena da fantasia expressa sempre uma correspondência com as partes do corpo que buscam a realização do desejo expresso na cena da fantasia.

Voz, peito, estes e outros objetos vão representar, por metonímia, a presença\ausência da mãe, como também, o prazer\desprazer destes encontros que estarão compondo a cena da fantasia: “[...] todo prazer parcial é, por sua vez, representante metonímico do prazer do sujeito enquanto objeto do desejo materno.” (AULAGNIER, 1979, p. 87). A fantasia e o inconsciente se originam no processo primário, pelo juízo de existência que diz sobre os espaços distintos que marcam um fora e um dentro do psiquismo. Assim, abre o espaço para haver pensamento.

A radicalidade do processo primário se manifesta da mudança do prazer de ouvir para o desejo de entender. Ou seja, o prazer obtido pela excitação da zona erógena ligada ao objeto parcial voz, agora se localiza em um prazer ligado ao que a voz do Outro deseja. A radicalidade parece se figurar na montagem da fantasia, na projeção do desejo do Outro. É o significante em cena na estrutura do inconsciente. A voz aparece como um objeto de informação que busca saber o que o Outro quer do *infans*. É na invocação do Outro e no querer saber do *infans*, que o sujeito irá se constituir.

Aulagnier (1979, p. 91) considera: “[...] o que o primário vê e escuta é um signo através do qual o Outro lhe comunica a intenção de seu próprio desejo e o desprazer ou prazer que daí resultará para o ‘fantasiante’”. Disso pode-se conjecturar que o simbólico ainda não está em trânsito, no sentido de ter estabelecido uma cadeia de significantes em que os sentidos se deslocam. Ainda há uma fixidez ligada ao desejo do Outro no espaço imaginário. Pode-se pensar que a pergunta do *infans* endereçada ao Outro: O que queres de mim? é articulada na esfera dos ideais e, não articulada, na insipiente esfera do desejo.

A articulação da voz com o imperativo do supereu, tal como é proposto por Lacan (2005 [1962-1963]), é oportuno para o entendimento que está se fazendo. Não há margem de negociação para o entendimento do que o Outro quer. O autor compreende que no plano dos ideais não há espaço para a falta, os sentidos não deslizam em metonímias “[...] minha

presença no Outro, não tem resto. Não consigo ver o que perco ali. É esse o sentido do estádio do espelho.” (p.277).

Aulagnier vincula a voz à relação perseguidor-perseguido, onde o fantasiante imputa ao Outro o seu desejo. A voz aparece aqui como um objeto parcial primordial que acompanha os outros objetos parciais atribuindo-lhes afeto de prazer ou desprazer. Exemplificando, uma imagem, olfato, paladar é composta pela voz do Outro na cena da fantasia que atribui um prazer/desprazer ao que o Outro deseja. A significação primária funciona como registro de funcionamento na lógica da fantasia.

O “*metteur-em-scène*”³⁸, proposto por Aulagnier, monta a cena com a significação primária que o afeto fixado à voz vai dizer da projeção do desejo do Outro. Apresenta-se fragmento clínico de um tratamento psicanalítico, conduzido pela pesquisadora, em que a entonação vocal tem significativa importância para a paciente. Beatriz, ao contar o que a mãe lhe disse, fala com uma voz de comando “termina com ele”. O contexto da fala da mãe se insere após a paciente, chorando, lhe falar sobre uma briga que teve com o namorado. Ela se mostra confusa com o que fazer e escuta na fala da mãe uma ordem. Questionada, não sabe o que estava dizendo para a mãe. A paciente não sabia que estava angustiada e que chorava em prantos e que, na sequência, a sua fala a mãe diz “termina com ele”.

Beatriz trouxe a fala da mãe na origem da conversa, não escuta que o que ela diz é que causou a fala da mãe. Na cena da sua fantasia, atribui ao Outro um desejo projetado de si mesmo. A paciente quer que a mãe lhe diga para terminar o namoro. No modelo de seu ideal, projeta na imagem de “sua”³⁹ mãe não permitir que “sua” filha seja imperfeita e/ou submetida à castração.

O modelo somático anterior, de incorporação e expulsão, se apresenta agora como amor, na unificação com partes do corpo. A incorporação é agora a penetração, a cópula sexual. O ódio se dá pela expulsão e separação. A este modelo a autora chama de *engrama pictográfico*, que confere à cena primária o núcleo da organização da fantasia.

Aulagnier (1979, p. 73,) considera, como consequência do processo primário, a criação de uma cena em que o acontecimento tem como causa a intencionalidade do *infans* projetada sobre o desejo do Outro. O desprazer para o *infans* é causado por estar o prazer

³⁸ Expressão francesa que significa diretor de cena.

³⁹ Para esta paciente, os pronomes possessivos “sua”, “minha” tem a indicação de uma referência a lugar especial narcísico.

projetado no espaço do Outro. Assim, a vigência do processo primário, traz como resultante a vigência do desprazer lançado ao exterior:

[...] causar desprazer, cuja experiência é inevitável, o que vem provar a realização do desejo do Outro; desprazer que pode, assim, tornar-se fonte de prazer uma vez que, ao experimentá-lo, asseguramo-nos de estar conformes ao desejo do Outro. Esta interpretação projetada sobre desejo do Outro é o fundamento do masoquismo primário.

Parece importante destacar que a fantasia ancorada no desejo cria o Outro desejante sobre o *eu*, na instância do imaginário no processo primário. Fala-se do *eu*, porque no primeiro momento do processo primário, a palavra ainda não está presente, o sujeito ainda está no devir.

O espaço de projeção do Outro, ao mesmo tempo em que dá conta do exterior do aparelho psíquico do *infans*, como no engrama pictográfico (Aulagnier), banda de Moebius (Lacan), também fala da relação das partes do corpo unidas pela erogenidade de suas zonas, pelo desejo e as fantasias relacionadas.

A autora considera essa projeção ao desejo do Outro, a base estrutural para o masoquismo primário. Entende-se que a lógica da banda moebiana abre ao masoquismo primário o caleidoscópio que se vê na clínica psicanalítica, ao se deparar com a muralha narcísica frente ao masoquismo. O desejo fundante do *eu* e do vir a ser sujeito está fundado no desejo do Outro. Neste nível, coloca o *eu* em substituição ao desejo do Outro, no que também é seu desejo na cena da fantasia. Analisar essa barreira é o que Freud (1975 [1937], p. 275) faz em *Análise Terminável e Interminável*, sobre "a resistência do [id] isso", ponto da fusão pulsional, relacionado à inércia psíquica e ao masoquismo. Clinicamente, trata-se da *reação terapêutica negativa* e do sentimento de culpa que remontam ao movimento destrutivo da pulsão de morte.

Entende-se que aqui a violência da linguagem tem seu ancoradouro na submissão do *eu* ao Outro, na condição de ser violado no significante que vem de fora (processo originário) que, por sua vez, será incorporado ao psiquismo do *infans*, no processo primário, constituindo-se na imagem da coisa, pois que não é ainda representada por palavra.

Posteriormente, no processo primário, essa violação ocorre na projeção e na introjeção, costuradas pela fantasia e pelo desejo do *infans*. O Outro agora faz parte da cena da fantasia e, assim, pode-se, no processo primário, falar sobre a violação do significante do Outro. Antecedendo a palavra, trata-se do significante-mestre, que faz parte da cena primária. O *infans* percebe a intenção do dizer da mãe e o compreende na literalidade do enunciado.

Neste caso, o *infans* lidará com duas lógicas enunciativas. Uma segundo a qual a mãe diz e outra segundo a qual ele deseja. Assim, por exemplo, pode não bater no irmão que nasceu, porque entende a proibição na fala da mãe e pode ter enurese pelo desejo de destruir o irmão.

Beatriz, a analisante referida anteriormente, diz que obedecia cegamente à mãe que lhe mandava colocar o sapato na sua irmã. Ela enfiava o sapato na irmã, usando de força para que ele entrasse rapidamente, ao que a irmã se agitava e chorava face à situação. Após, Beatriz corria ao encontro da mãe e lhe dizia satisfeita, que havia feito o que ela lhe pedira. Não há contradição no processo primário, há uma cisão da significação, segundo Aulagnier (1979), pois nenhuma dessas correntes foi recalcada, elas estão conscientes no processo primário. Assim, Beatriz encontra uma forma de responder à demanda materna, ingressando, em parte, no princípio da realidade, e agirá de modo a satisfazer seu desejo de acordo com o princípio de prazer.

No processo primário, a causa do *eu*/sujeito se pauta na intencionalidade do desejo do Outro, frente ao *infans*, na pergunta presente: "O que queres de mim?". O Outro aparece como demandante para que o sujeito possa existir. É na demanda que surge a resposta projetada sobre o desejo da mãe. Pode-se dizer que há um encontro de desejos, no qual o *infans* pode pensar reflexivamente que ele é alguém que deseja o desejo do Outro. Sendo assim, ele está aí, como sujeito do inconsciente.

Aulagnier diz sobre um protótipo de identificação no processo primário que se caracteriza pela dialética estabelecida pela projeção\introjeção, que se pode articular ao *extimo* tratado por Lacan. A cena que fundamenta a fantasia no processo originário é uma relação entre dois desejos – Outro (exterior) e sujeito (interior) ou, nas palavras de Aulagnier (1979, p. 73):

A imagem do “fantasiante” e do mundo especificadas pelo primário fará com que a figuração seja sempre uma relação entre as duas posições complementares de todo desejo: tudo o que testemunha a existência do não-eu será interpretado como manifestação do desejo do Outro e todo o vivenciado pelo “fantasiante” como efeito da resposta que este desejo espera ou impõe.

A autora considera um segundo tempo na violência primária da linguagem. O primeiro tempo é marcado pela antecipação da mãe no discurso que fala no *infans*; o segundo tempo, não menos importante, é um passo estrutural do *infans* em direção a seu saber sobre a linguagem. As nomeações que a mãe faz para o *infans*, como o bebê da mamãe, o querido, o gordo, o ciumento, definem espaços de enunciados identificatórios, onde o *eu* vai trilhar e

que, ao mesmo tempo, criam um conhecimento de si. Também criam um saber sobre a posição da mãe na relação que ela deseja do filho. Assim, nas palavras de Aulagnier (1979, p. 135), “[...] nomear o outro com o termo ‘amado’, significa designar o sujeito que nomeia pelo termo de ‘amante’”. O reconhecimento que a criança faz de si pela nomeação materna ocasiona uma autonominação do *eu* e, conseqüentemente, um sentimento de reconhecimento no significante, no corolário de identificações que formam o *eu*.

Outra característica importante do processo primário é o desconhecimento do *infans* de que quem protagoniza o desejo do Outro é ele próprio. Esse desconhecimento está amparado no próprio desejo de que o Outro não seja a coisa em si, mas que seja uma representação do Outro. Então, se o Outro faz parte de uma representação, há outros objetos que estão na mira do seu desejo. Aqui se inaugurará para o *infans* outro lugar, que será o terceiro para triangular a cena da fantasia: o *eu* como objeto, o objeto que se projeta sem desejo e o olhar que aponta para a metonímia do desejo do Outro. É a abertura para o lugar do pai e da lei como um limite do desejo incestuoso da cena primária.

Abre-se o caminho para a percepção da diferença que existe entre o desejo do *infans* e o desejo da mãe. A lógica consolidada do desejo do Outro constituiu a existência do *infans*, que, embora vigente, faz buracos; há uma fragmentação de objetos no mundo. Essa pluralidade abre-se para a qualificação de outros afetos: a inveja, o domínio, a culpa, a proibição...

O *infans* identifica o desejo da mãe como diferente dele, ou diferente do seu corpo. A mãe olha em outra direção, que não é para ele. Porém, o *infans* pode desejar o desejo da mãe. Contudo, há uma característica desta outra identificação. A mãe deseja um objeto enigmático que faz parte de outro lugar; um objeto que, sendo outro, é fragmentário e visará, pelo desejo materno, relacionar-se com o corpo erotizado da mãe. Não se trata da incorporação originária; essa representação será um atributo paterno diferente da representação pulsional do *infans*, que estava fusionado à mãe. Assim, diz Aulagnier (1979, p. 79,): “[...] objeto que não é mais fantasiado como um apêndice deste mesmo corpo, mas como um objeto que vem de ‘um outro lugar’, para completar esse corpo, agredi-lo, dar-lhe algo ou tirar-lhe um pedaço.”

O pai surge como outra voz em cena, tirando a exclusividade da sonata materna. Aulagnier (1979) destaca a importância do olhar para a instauração do protótipo edípico no processo primário, como um marco que abre para o *infans* a representação de um terceiro. O terceiro é outro espaço, onde está o desejo da mãe – desejo de outra natureza, representação diferente que une a mãe ao *infans*. Abre-se, neste outro espaço, uma exterioridade para o

mundo, para a historização, para as leis, enfim, para as representantes pulsionais. “No registro do primário, a psique paga um pesado tributo por sua dependência a uma figuração que serve das imagens da coisa corporal, para representar sua relação ao prazer erógeno e ao desejo do Outro.” (AULAGNIER, 1979, p.81).

Assim, o protótipo do que será a angústia de castração edipiana encontra aqui a angústia de uma mutilação. O que está implicado aqui são as zonas erógenas e as funções do corpo a elas relacionadas, e a representação pelo prazer-desprazer. O olhar integra as zonas erógenas num prazer unificado. No processo primário, o prazer une e o desprazer separa e mutila.

A autora chama a atenção para a não simbolização nesse processo. A representação ocorre pela coisa. A presença da mãe como *a coisa* em que o Outro ganha lugar é necessária. Nesse sentido, a mãe é a porta-voz de uma linguagem já existente e anterior ao *infans*. Igualmente, é a porta-voz que apresentará o mundo ao *infans* com suas regras, leis e cultura.

Neste contexto, o discurso tem a função de prótese da psique materna, uma vez que é pelo discurso, como um laço social, através do objeto voz que a mãe investe o bebê como um intermédio do *infans* e o real. Isto quer dizer que o discurso materno traz o índice libidinal do recalçamento materno. Como prótese, pode-se dizer assim, amortece os impactos que o real tem para o *infans*:

A função de prótese da psique materna permite à psique encontrar uma realidade já remodelada pela atividade psíquica materna e tornada, graças a ela, representável: o real sem sentido, inacessível à psique, é substituído por uma realidade humana, porque investida pela libido materna, realidade a qual só é remodelável pelo originário e pelo primário, graças a este trabalho prévio. (AULAGNIER, 1979, p. 108).

No processo primário, o encontro se dá entre o corpo erotizado do *infans* e a psique materna, esta dotada do recalçamento primário e da linguagem. A imagem da palavra é apresentada ao *infans* pela mãe no “peito-leite-que-fala”. Há um encontro no processo primário entre a imagem-coisa do *infans* e a imagem-palavra da mãe.

Desta forma, o *infans*, pela prematuridade psíquica e pelo desamparo humano, na atividade originária e na atividade primária, necessita de um processo secundário funcionando externamente ao seu estado psíquico. A mãe exerce a função de, primeiramente, ser uma prótese, depois uma porta-voz para atender às funções psíquicas do *infans*. Entende-se que ser

porta-voz não é traduzir as necessidades do bebê, mas sim antecipá-las, sem seu conhecimento e sem que o bebê tenha condições de entendê-las.

A representação, por assim dizer, é realizada à revelia dos sentidos; estes virão *a posteriori*. Assim sendo, a violência primária, no processo primário, tem o efeito de trauma no psiquismo do *infans*. Os materiais da representação do pictograma e da cena da fantasia são construídos no espaço psíquico do *infans* com a estimulação presente e persistente da psique materna, índice libidinal. A mãe precisa se oferecer e concordar em ficar unida ao trabalho do *infans* quanto à representação pictográfica e fantasística. Desta maneira, a mãe marca com seus investimentos as superfícies sensoriais do corpo do filho, para que, no espaço psíquico deste, o encontro seja metabolizado.

O índice libidinal dado pela mãe vai marcar de formas diferentes os fragmentos erógenos do corpo do *infans*, no que será chamado de processo de *erogenização*. O significado materno é o atributo necessário para que o objeto se preste à metabolização. Aulagnier a considera como equivalente do processo secundário e do recalque que já está instalado no psiquismo materno.

A psique materna é um fragmento de mundo para o *infans*. O objeto do princípio da realidade *mãe* metaboliza com o princípio de prazer, *infans*. Sobre uma diferença entre a representação real e a alucinação, representação fantasiada. Esse resto, outro lugar, mesmo lugar, se inscreverá como signo. O humano se caracteriza, desde a origem, por encontrar a atividade psíquica com outro lugar, na forma de um discurso do outro que fala submetido ao recalque.

Os restos são precursores para as atividades do processo secundário do *infans*, retornos do princípio da realidade, retornos dos fragmentos da realidade, testemunhos da alteridade do discurso do Outro. Segundo Aulagnier (1979), tais restos constituirão uma instância e delimitarão as tópicos da psique.

O discurso materno se dirige a uma sombra falada, projetada sobre o corpo do *infans*. A mãe lança a sombra do objeto perdido sobre o filho e deste lugar fala para ele e por ele. Na ambivalência materna, o filho está nesse lugar de objeto perdido do desejo. A mãe se constitui como mãe falando a essa sombra, enquanto cuida do filho, um solilóquio a duas vozes sustentado pela mãe. No cotidiano, é uma cena comum ver a mãe perguntar e mudar o tom de voz, se projetando sobre o bebê e respondendo no lugar dele.

Sobre isso, volta-se ao fragmento clínico da paciente Susy, apresentada no subcapítulo anterior, quando a mãe explicava às pessoas, na presença da paciente, que ela não brincava com as outras meninas, colegas de colégio, porque não gostava das brincadeiras. Ao

falar disso, a paciente verbaliza a explicação que a mãe dava sobre ela. Faz um tom de voz imitando a mãe: “a Susy não brinca com as outras meninas, porque não gosta destas músicas!”⁴⁰ Ela gosta de música clássica ou de MPB”. A paciente cresceu pensando isso dela mesma. Não conseguia dançar, mesmo nas aulas de dança. Foi descobrir agora, já em análise, que era muito divertido dançar com as amigas, em festas do condomínio onde mora.

A mãe fala à sombra, que é o lugar das idealizações maternas. A mãe, sendo submetida ao recalçamento primário, perceberá diferenças entre esse corpo que é a projeção de sua sombra e as informações dos diferentes que vêm do corpo real do *infans*. Assim, ela dará o peito e o bebê não parará de chorar. Haverá um espaço psíquico materno para perguntas: “o que ele quer? Eu não sei tudo dele?” Na concomitância do lado do *infans*, isso possibilita a criação de um espaço para haver pensamento.

A sombra é a persistência da idealização que o *eu*-mãe projetará sobre o objeto-corpo do *infans*. Isto não anula aquilo que, a partir do objeto (materialidade), pode impor-se como condição. Entre o objeto e a sombra há o espaço para a diferença.

O recalçamento originário da mãe é o dique para não usar o corpo do *infans* como um corpo unificado a serviço da satisfação de seus desejos. Mas sabe-se, também, que o recalçamento propriamente dito não impede que as forças pulsionais estejam em constante trabalho. Assim, a fala da mãe dirigida à sombra do *infans* é um espaço para onde sua ambivalência estará voltada. O discurso materno tanto irá expressar seus desejos para com o *infans* idealizado, como também, no encobrimento da linguagem, preservará o corpo do *infans* de ser alvo dos desejos recalcados. Assim, a mãe pode cuidar do filho alimentando-o, protegendo-o do frio, etc., e, pelo discurso, dirigir-se a ele como não desejando que esteja vivo. Desta forma, Maria Luiza, em sua sessão de psicanálise, dizia que, enquanto fazia massagens e caminhava com seu bebê, que chorava com cólicas, ela, cansada e com sono, pensava que a cabeça do seu bebê poderia ser atingida por uma ponta da estante da sala.

O recalçamento se dá como um efeito da antecipação materna. A antecipação é o que causa a demanda do *infans*; é o que possibilita o surgimento de um sujeito – a antecipação de uma significação ao que era sem sentido, ao que era o real do corpo. A demanda busca os objetos de necessidade, que são os únicos capazes de se inscreverem-se como desejo.

A violência materna para interpretar o real do corpo do *infans* é indispensável – violência primária. O desejo materno tem como duplicidade ser um oferecimento contínuo e

⁴⁰ Músicas de estilo popular da Xuxa, ex-modelo que apresentava programas infantis e cantava músicas para crianças.

necessário para a vida do bebê, por um lado, e, por outro, ser reconhecido para ele como a única imagem disponível de amor. O desejo da mãe, operado nesta violência, se transforma na demanda. O que é legítimo e necessário pode ser apurado com excessos e pode ser perpetuado para além do período originário na psique do *infans*, constituindo-se em abuso da violência materna, que tentará se impor pela voz ao que o *infans* poderá saber de si.

O pai é a primeira representação dos outros, a representação de uma diferença. Embora, no processo primário, o princípio de prazer seja o predominante, no furo do trauma que marca a entrada de um significante diferente – o significante *pai* –, este surge como um signo linguístico, no entendimento de Aulagnier (1979). À diferença do signo primário, o linguístico permite a identificação das diferenças entre o signo, assim, o *infans* pode entender que a mesma voz possui mensagens diferentes. A mãe deseja coisas diferentes. A fragmentação dá lugar ao que antes era unificação (pictórico) e ilusão imaginária (primário).

5.4 AS TEORIAS SEXUAIS INFANTIS

A mãe pode dificultar os avanços do bebê na direção de sua diferenciação, quando tenta ocupar todo lugar na vida da criança. Nesta situação não há função paterna enquanto significante da falta, conforme Bergès e Balbo (2001). Sem saída, mãe e *infans* estão dentro de *um* narcisismo primário, na literalidade do número. Não há acesso à cadeia de significantes.

Além da função paterna para possibilitar a diferenciação mãe-*infans*, a castração materna é caracterizada pela falta de um significante. Ela não pode tudo dizer ao/pelo filho; na falta de um significante, será vista e ouvida pelo *infans* como um sujeito suposto relativamente a um saber. Nessa abertura que a suposição possibilita, o *infans* desejará um saber e abrirá espaço para pensar e dizer ao Outro o que sabe.

No avanço de um corpo orgânico para um corpo erotizado, a erotização impulsiona o bebê a querer saber sobre seu *eu* corporal e a criar concepções sobre suas origens, as chamadas *teorias sexuais infantis*, conforme a compreensão de Bergès e Balbo. Há um fragmento de verdade nessas teorias: uma união do orgânico, que marca o corpo mítico antes do investimento materno, e do pulsional na constituição de um saber verídico.

As *teorias sexuais infantis* remetem à cena primária, à repetição insistente do inconsciente que se abre a um saber impossível de ser dito. No entanto, é um espaço de pensamento que, articulado ao corpo erogenizado, quer saber sobre o significante que falta na mãe e que causa o desejo no *infans*. O desconhecimento das origens e a montagem da cena

imaginária faz parte do processo primário, porém o ingresso na busca da verdade do desejo, na metonímia dos significantes, faz parte da passagem ao processo secundário.

O desconhecimento do *infans* sobre seu corpo precisa ser tratado pelo Outro que sabe, no sentido de não barrar esta busca pelo saber. O movimento pulsional é voltado ao saber. Os autores compreendem que é o Outro, na função dos pais – dizemos da mãe –, que é capaz de barrar o movimento do filho de não saber sobre o que é da ordem da libido, da ordem do seu corpo erotizado. Este Outro precisa investir o corpo pulsional orgânico do *infans*, erotizá-lo.

O próprio investimento libidinal da mãe relativamente ao *infans* informa a este que há um exterior a si mesmo que põe em marcha o circuito pulsional. A mãe, em parte, se coloca como exterior ao *infans* e, deste lugar que tem um “golpe de força”, conforme pontuam Bergès e Balbo (2010), viola o interior do bebê. A existência do fora cria a *Verneinung* como uma negativa para a mãe ocupar todo o espaço corporal do *infans*, o que possibilita que ele crie suas próprias teorias sexuais infantis.

O saber é o preço da renúncia ao gozo, preço esse que remete à castração. O corpo é o desconhecido e o fragmento de verdade necessita ligar-se ao corpo erotizado desconhecido. A mãe precisa suportar que o *infans* saia desse lugar de *ideal de eu*, de ser o seu falo.

A criança, com a pulsão em marcha com o princípio de prazer, avança para um saber que é obstaculizado pelo discurso do Outro, conforme Bergès e Balbo (2001). A verdade da mãe sobre a relação sexual, na relação com o filho, está também na verdade da sua criança, na verdade de seu corpo erotizado, no saber de sua castração. Desta maneira, para a criança conceber uma teoria, a mãe precisa dar espaço para a criança pensar. A mãe precisa saber-se como não-toda, saber de seu desconhecimento e supor que o filho possa conhecer algo para um dia ter a possibilidade de lhe contar.

Assim, a mãe abre a possibilidade de seu filho fazer hipótese sobre algo que ela não sabe. (BERGÈS; BALBO, 2001). Se a mãe faz da sua relação com o bebê *um todo*, o corpo da criança não fica disponível para articular um discurso. É do pulsional que se articula um saber. O discurso materno tem de responder ao que o corpo do bebê exprime da ordem da pulsão, ou seja, a mãe precisa olhar e tratar o corpo do filho como predominância pulsante, simbólica, e não como uma coisa ou imagem de seu discurso.

O corpo pulsional do *infans*, na pulsão oral no nível da boca, por um lado, e o corpo pulsional da mãe, na pulsão invocante, por outro, se articulam consistindo o objeto da necessidade e a demanda da mãe. Que toda oferta seja uma demanda. O que a mãe oferta

como necessidade para o bebê precisa ser uma demanda da mãe. A mãe precisa ser *não-toda*, castrada, para desejar. O desejo da mãe para o bebê é uma demanda? É preciso ser um corpo pulsional para ser demandado? Falhas neste momento vão trazer que repercussões? A escuta, na clínica psicanalítica *a posteriori*, escuta o quê desse discurso?

Neste fragmento da clínica da pesquisadora, o analisante Jonas, mostra falhas na libidinização do corpo e na articulação de um saber de si. Nas primeiras entrevistas psicanalíticas, ele diz da sua dificuldade em falar por não pensar. Tem uma vida com poucos laços sociais, trabalha numa função pública e volta para casa em que mora com a mãe. Pelo pouco que diz, entende-se que se masturba como descarga de tensão, sem fantasia. O paciente não produz pensamentos, produz pedras. Tem cálculos renais que o levaram a cirurgias e seu corpo segue produzindo “pedras”. A analista tem diante de si um corpo/pedra, em que as pedras, os cálculos renais não deslizam. O paciente não fala, se contorce na poltrona.

A mãe que responde à necessidade da criança mata a pulsão. A mãe que responde ao choro do bebê somente dando comida mata o corpo pulsional do bebê. Não introduz a linguagem, não coloca o bebê no mundo da linguagem do significante. É preciso transformar a oferta em demanda. Faz parte da rotina de Jonas ao chegar do trabalho, encher um prato de comida e comer rapidamente. Sente-se mal e com dores, após a ingestão rápida de grande quantidade de comida. O paciente fez uma cirurgia de emergência para a retirada do apêndice e, teve um quadro de peritonite aguda (inflamação da parede abdominal) com risco de vida. Não segue as orientações médicas e diz que come rapidamente sem saborear os alimentos. Não se incomoda por fazer isso e não se dispõe a falar. Parece que Jonas se alimenta apenas dando comida ao corpo, recusando a satisfação pulsional que poderia ter. O prazer o lançaria no campo que ele não pode percorrer?

Procurou a analista por ter percebido uma tristeza em si, diferente da falta de vontade. Diz que falar não é para ele e terá que se conformar em ser assim. Prevê um futuro solitário, mas não se incomoda. Seu ponto de angústia é ter dor e estar sozinho, mas diz que quanto a isso, tem irmãos para quem poderá telefonar nas urgências, quando a mãe falecer.

Desta forma, a mãe carece articular o objeto da necessidade que ela oferta ao bebê, o que ela supõe que o bebê lhe diz, ou seja, ela precisa enxergar o bebê como um corpo pulsional, como um ser de linguagem. A mãe usa sua intensidade pulsional para isso. Para que o bebê se coloque na posição de responder à demanda do Outro-mãe, a mãe constrói sua demanda no espaço de sua divisão enquanto sujeito, conforme Bergès e Balbo (2001). Assim, a criança terá liberdade de responder, de criar e pensar uma teoria sexual infantil.

Fazer teorias sexuais infantis pressupõe, para a criança, ter um corpo com orifícios, buracos, um corpo pulsional, erótico – um sujeito do inconsciente, como uma possibilidade. Assim, as teorias sexuais infantis não são universais, são feitas para um e não para todos. Escutar teorias sexuais infantis pressupõe, para a mãe, esperar o dia em que o filho lhe diga por que ele está aí. O porquê da teoria sexual infantil não é interativo, é uma causa. A criança vai pensar/inventar hipóteses sobre o porquê de estar aí. Porque há coisas no mundo que ocasionaram sua aparição. Para montar isso, ela precisa não ser *um todo* com a mãe. Tem que criar um mundo fora de si e um furo dentro de si.

Como o pensamento da criança surge da ordem do discurso do Outro/mãe? O discurso da mãe vem de um furo? A mãe é o Outro/outro simultâneo para o filho *infans*/ser da fala? Como a mãe articula o seu discurso em torno do grito do bebê? Como articular o discurso materno para não calar/emudecer a criança? Dar ao bebê não o objeto de necessidade. Demandar da ordem do desejo. Ao grito demandar. Ao grito calar. Como a mãe se coloca diante do grito do bebê? Anarquia, intensidade, caos, antes do princípio de prazer. Repetição – real? Sem *eu*. Ingressar com algo que não cale por completo.

Quando a única resposta que a mãe dá ao filho é a satisfação de sua necessidade, está matando o seu corpo pulsional. É uma violência? Viola o quê no *infans*? A mãe precisa ser um sujeito dividido para pedir/demandar que algo no bebê possa advir. Nesta divisão da mãe, cria-se um espaço para o bebê fazer hipóteses, saber sobre sua causa.

O sujeito psicótico, por exemplo, não formula teorias sexuais infantis sobre suas origens, nele, opera o autoengendramento. O que o causa não é da ordem da sexualidade; sua concepção é, portanto, assexuada, sua concepção é como uma entidade semelhante a Deus, sem orifícios. A representação, neste caso, toma a palavra pela coisa, assim é a linguagem psicótica. O recalamento originário se estabelece como suporte para o que seria ocupado pela Coisa. O buraco deixado se torna o receptor para os significantes. É a atração exercida e que fixa a representação pulsional. Os autores consideram que o psicótico teoriza sobre o recalamento originário sem a sexualização da teoria. Trata-se do simbólico puro sem a presença do imaginário; trata-se de simbolizar sobre a coisa sem a sexualidade.

Para Lacan, citado pelos autores, o representante da representação é o significante. Fazendo uso de uma função matemática chamada bijeção, que vem a ser a correspondência de elemento a elemento entre os conjuntos, postula que a bijeção abre um espaço entre a representação e o significante. O olhar oblíquo da mãe pode introduzir a criança no significante; este olhar oblíquo propõe desvios e ângulos ao corpo da criança. No olhar da

bijecção da mãe, seu corpo corresponde ao corpo do *infans*. O corpo da criança é um objeto real ou um prolongamento do corpo da mãe.

O discurso dos pais, ao inventar mentiras para a criança sobre a sexualidade, inscreve um “imperativo de mentir e de se mentir.” (BERGÈS; BALBO, 2001, p. 49). É uma mentira que retorna não como teoria, mas como sintoma. Os autores pontuam a passagem entre a formulação da teoria sexual infantil e a sublimação; a passagem está como uma dupla negação. “A criança sabe algo que não deveria saber.”. Há uma negação precisamente em seu saber, esta é primeira negação. Na segunda negativa, a criança deve saber algo que vem no discurso dos pais e que ela sabe não ser verdade.

Bergès (2008) propõe que a presença da mãe, no registro do simbólico, opera uma *forçage*⁴¹ do significante pela língua. O *infans* une a imagem da mãe ao som de sua fala, assim, o que vê e o que ouve da mãe produz um movimento em seu corpo. A mãe, no simbólico, gesticula, sua boca se move e emite sons. Nesses sons há diferenças fonêmicas e gestuais da boca.

Pode-se pensar que a *forçage* do significante materno entra pelo ouvido e pela boca do *infans*. Ele responde com sua boca às diferenças fonéticas da mãe. O ruído é intercalado ao significante. A entrada dessa diferença vai orientar o *infans* na movimentação de sua língua na passagem do som. Ao mesmo tempo em que imita o fonema materno, também é falado por ele, nisso que é constituído pelo desejo do Outro.

A língua materna carrega a voz do sujeito desejante da mãe. Neste sentido, além da diferença fonética e das escanções da sintaxe, a mãe carrega no seu desejo a metáfora paterna, segundo Bergès (2008, p. 301): “Língua materna que fala do pai.” Ou seja, a fala materna contém os buracos do simbólico e da lei.

Pode-se dizer que, enquanto a *lalange* contém o contínuo materno na sincronia, que vai ser fixada no recalque originário, na fala, os ritmos intervalares vão marcar as diferenças e descontinuidades da lei do pai. É importante pontuar que a fala materna comporta a metáfora paterna. Essa estrutura está no *diz-curso* materno.

É neste espaço da fala da mãe contendo a metáfora do pai que está a fala hipotética da mãe. Uma fala que pressupõe que o filho sabe coisas que ela não sabe. Será uma mãe a perguntar ao filho ao invés de falar por ele. É neste sentido que a mãe ocupa o lugar do imaginário, no outro especular, mas também invoca o filho como objeto, o objeto *a*. Como

⁴¹ Termo introduzido por Lacan (2008), no Seminário 24, para se referir a uma operação realizada pelo psicanalista, no sentido de produzir um novo significante desarticulado de sentidos já dados até então, na história do sujeito. Este tema será aprofundado no próximo capítulo.

objeto *a* para a mãe, o *infans* será invocado pelo desejo do Outro barrado, como um lugar que espera uma resposta do *infans* – enquanto que o Outro sem barra, porta a mãe que não interroga, onde só há lugar para o seu discurso.

O autor postula que essa hipótese está relacionada à pulsão invocante, como produto de um terceiro termo. No olhar, o que está em questão é a dialética da presença\ausência. Nas palavras de Bergès (2008, p. 313):

Ao passo que do lado do objeto voz, do lado desta fala que vem do Outro, é aí que se encontra o suporte do hipotético, não somente porque se trata do simbólico da linguagem veiculada pela fala, mas porque se trata da posição da mãe concernente ao sujeito que ela credita à criança.

O terceiro termo, lugar ocupado pela metáfora paterna, parece tratar-se do saber do sujeito do inconsciente, um saber não-sabido, sobre o qual se poderá fazer hipóteses, aparecendo na ponta do real na voz, nos equívocos da língua e nos atos falhos da fala.

6 A OPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Pode-se pensar que a violência da linguagem é uma operatória psíquica necessária para introduzir no *infans* a voz e o significante materno, possibilitando, a partir daí, o surgimento do sujeito do inconsciente com acesso à linguagem. Tratar-se-ia, desta forma, de uma ação da constituição do sujeito psíquico, com poucas repercussões na clínica de pacientes fora da infância.

No entanto, a chamada clínica do real lacaniano, principalmente com os desdobramentos advindos de seus estudos sobre James Joyce⁴², traz um laço teórico com as questões que se tem abordado nesta tese com a voz, a *lalangue* e a violência da linguagem no tempo lógico da psicanálise. Assim, a constituição psíquica se presentifica na fala do analisante em relação às produções do inconsciente, como nos atos falhos, lapsos e sintomas; como também, no forcluído do sentido, nos equívocos, nos sons e toda sorte de vocalizações que não incluem as palavras no sentido semântico e sintático da língua.

Lacan (2007 [1975-1976]) vê na escritura de Joyce algo que não está afeito à linguagem dos sentidos. Ao contrário, há traços da operação da *lalangue dite maternelle* [*lalangue dita materna*], que não guarda relação com o idioma, mas com a fonética. A clínica lacaniana, nos seus últimos tempos, segundo o que comenta Harari (2008), mais especificamente a partir de 1973, com os estudos de Lacan sobre a obra de Joyce – “Psicanálise pós-joyceana” –, trouxe uma marca voltada a operar a língua no que aparece na ponta com o real. O autor faz uso do termo *Realinguagem* para dar conta de trabalhar com a linguagem nesta perspectiva.

6.1 REALINGUAGEM

Assim, operações como a *forçage* e a *chiffonnage*, que serão trabalhadas neste capítulo, ganham importância como meios para o analista operar com o real da língua. No trabalho com o real, a ênfase é para o som que sai da boca do analisante e forcluído do sentido: está repleto de equívocos. Sabe-se, conforme o capítulo sobre a *Lalangue*, que os equívocos aparecem nessa língua materna, na dimensão do real. Há um impossível de ser dito,

⁴² James Augustine Aloysius Joyce (1882-1941) nasceu na Irlanda. É considerado um dos mais influentes e renovadores escritores do século XX. Romancista, contista e poeta. Autor de obras-primas da língua inglesa, como *Ulysses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939).

onde o sentido não é capturado. É no campo do impossível que se produz o equívoco e um saber enigmático.

Harari (2008) percorre a obra de Lacan e faz assinalamentos sobre a *Realinguagem*, como uma nova forma de se conceber a linguagem. Assim, diz que o vetor da linguagem ocorre pelos torcidos, retorcidos, e, pode-se dizer, exprimidos que a linguagem ganha foneticamente falando, para sair um suco que remete a algo próximo, a que Freud se refere quando fala sobre o umbigo do sonhos – impossível de ser lembrado, porque nunca foi esquecido. A linguagem do real não é da ordem do recalcamento, é da ordem do sair da sombra em que estava ofuscada pela palavra que lhe abrigava.

Nesta perspectiva é que se entende o segundo apontamento de Harari (2008), sobre o novo uso da linguagem feito por Lacan. Mesmo com os excessos de sentido que o significante linguageiro comporta, o analista ou leitor de Joyce, não são meros leitores\tradutores, mas “escrevedores” – nisso que se depara com a materialidade da letra e que Lacan vai se reportar ao que o real marca como um limite, ou seja só se sabe do real em partes, nos seus limites com o simbólico e o imaginário.

O *savoir-faire* – o saber-fazer – é referido por Lacan (2007 [1975-1976]) sobre Joyce, no sentido do que este faz com a escrita: pica, corta, faz emendas na língua que lhe dão outro sentido além do esperado para a sintaxe da língua. Este outro sentido da escrita vem da letra, do traço unário, da fonética, enfim, desses enlaces que, na clínica analítica, o analista fará pela sua escuta da voz do analisante.

Há algo nas diferenças fonéticas que muda o sentido já dado pelas palavras. Não se trata do ato falho, mas de algo que tem a ver com a topologia, conforme tratado no capítulo sobre a *lalangue*, que Lacan traz para a psicanálise, no sentido de dar conta do real. Mesmo que se mudem as formas, a ordem das letras nas palavras, a relação entre os pontos não se alteram. O real não se demonstra, ele se mostra.

Quando *isso* fala, precisa ser escutado. A escuta cria a invocação e faz a amarração borromeana do real e do simbólico? A voz traz a ressonância no corpo pulsional que invoca a ser escutado. A escuta do analista é de que algo fala. O que Lacan (2005 [1962-1963]) diz no seminário *A Angústia* é que o significante engana, encoberto pelo sentido. O que não engana vem da angústia, que não está na linguagem; é o corte, seu sulco no real. Como diz Freud, o afeto é pura intensidade, podendo se dizer de uma liquidez que dá a flexibilidade para as contorções da linguagem na ponta com o real.

A Realinguagem opera uma *forçage* em escutar a *lalangue* e fazer na voz um corte, escandindo seus fonemas na métrica da pulsação do corpo do analisante. Assim,

propõe-se que a escuta do analista é uma *ausculta*⁴³ dos sons (pulsionais) internos do analisante. A ausculta, por conseguinte, não se faz sobre o simbólico da linguagem, mas aponta para os enigmas no inesperado e nas desconcertantes quebras das expectativas do *eu*. Há uma ruptura na previsibilidade dos sentidos simbólicos e imaginários na sessão analítica.

O terceiro e último ponto destacado por Harari (2008) reforça a não tradução, por parte do leitor/analista, na procura dos sentidos do significante. O autor aponta para o termo *intradutor*, trazido por Lacan no posfácio do seminário 11 (1973 [1964]), para dizer de um movimento entre línguas em que a leitura/escuta não se dá pela tradução, tampouco pela busca da duplicação do sentido do outro. Entende-se que se aproxima da escuta/ *ausculta* de um real por alguém também habitado pelo real da língua e do inconsciente.

O *intradutor* não busca o sentido recalcado; nessa clínica, o analista não se guia pela pergunta: o que o analisante quer dizer com isso? Ele reescreve entre línguas – nem ao pé da letra, nem o sentido oculto. O entre línguas, na articulação feita nesta Tese, é o que está entre a *lalangue* e o discurso. Não é, pois, o que está entre o S_1 e o S_2 , mas o que está entre o zero e o S_1 . O significante é que está, ou seja, no lugar em que o real se tornar uma potencialidade do dizer da enunciação e não do dito. Não há ainda um *eu* que diz da enunciação. Há uma enunciação que sai para a fonetização. São os sons que estão neste potencial do dizer.

A interpretação opera pelo equívoco da língua, conforme diz Lacan (2007 [1975-1976]). Há algo que ressoa na fala, no fora dos sentidos sintáticos da língua, no som que pela homofonia delata algo de oculto pelo significante. Assim, na situação da clínica psicanalítica, um analisante adulto fala “acolchado” e a analista escuta “arroxeadado”, quando fazia associação sobre um sonho em que a mãe passava por ele com um colchão, um acolchado/arroxeadado e lhe dizia que não precisava carregar. Quando a analista repete o *arroxeadado* ele diz sobre os vários filhos que a mãe teve. Em outra ocasião, disse ser o “queridinho” da mamãe e a analista escuta o “veadinho” da mamãe.

Nas palavras de Lacan (2007 [1975-1976], p. 19):

Esse dizer, para que ressoe, para que consoe, outra palavra do *sinthoma* masdaquino, é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é. Porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, porque ele não pode se

⁴³ A proposta é abrir mais um sentido à palavra *ausculta*, diferente do sentido já dado pela medicina em auscultar com o ouvido os sons do corpo biológico. O novo sentido é auscultar o som do corpo em análise nos seus sons, barulhos, gemidos, suspiros que marcam na escuta do analista um real da linguagem, fora da cadeia do simbólico e do imaginário.

tapar, se cerrar, se fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei de voz.

Nessa passagem, como também, no título do Seminário 23, Lacan utiliza a palavra *sinthome*, traduzida para a versão portuguesa como *sinthoma*, e justifica que irá adotar a grafia antiga, forma arcaica da sua língua materna – o francês, para falar do *sinthome*. Além disso, Lacan também faz alusão a São Tomás de Aquino, que inspirou Joyce nos seus escritos. Lacan comenta sobre o êxtase espiritual em São Tomás que transparece nos seus inscritos, além da semelhança fonética e da escrita entre “Santo Thomas (em latim) de Aquino” com o “sinthoma”. Por último, quando propõe o quarto círculo ao nó borromeano e o intitula de *sinthome*, também faz um uso da palavra com o real. Em consonância com estas questões, utilizaremos a palavra *sinthome*, conforme a escrita de origem.

Harari (2008) comenta o uso das chamadas palavras-valise que o próprio Lacan utiliza, como no *sinthome masdaquino*, onde palavras são embutidas em outras, cuja lógica é a da associação do tipo fonético, gráfico, inclusive de ordem semântica; contudo, não se trata de substituição de uma por outra, como ocorre na metáfora. O autor chama a atenção para as palavras-valise, em que, assim como nos equívocos, não há silenciamento de um sentido para que o outro o substitua, como é próprio dos processos que envolvem o recalçamento propriamente dito.

As palavras são suporte de outras palavras, como um baú, uma arca, uma valise, portando um cadeado do limite comunicativo. Devem ser pronunciadas uma por vez, mas vez por outra aparecem acopladas, como no caso de Gerson, um analisante da clínica psicanalítica da pesquisadora que diz a palavra “bobulha”, referindo-se a seu comportamento que classifica como bobo, ante determinadas pessoas: senhoras de mais idade, companheiros de trabalho e pessoas que ocupam lugar de autoridade. Desconcertado com o surgimento da palavra, é feito seu desmembramento, onde aparece a palavra “bobo”, que é a palavra de que o *eu* revela o sentido: dizer coisas engraçadas com cunho infantil o deixa desacreditado como adulto.

Outra palavra que sai da valise, “bolha”, como em uma bebida gaseificada, é como o paciente ficava, agitado, excitado. Na sua infância, passeava com a avó e quando ela encontrava suas amigas, as senhoras apertavam sua bochecha e diziam sobre a beleza do netinho da avó.

Excitado, agitado, também ficava quando em decorrência da preferência da avó, o avô brigava e batia nela. O paciente, no quarto ao lado, na casa de madeira, sentia o tremor das batidas do avô na avó e sentia o tremor das passadas do avô caminhando em direção ao

seu quarto, indo olhar, se o neto estava cordado. Seu corpo pulava e seus olhos se cerravam. “Ulha” – “olho”, se cerrava para seu corpo não ser batido.

“Ulha” – “olha” – “ilha”, uma ilha, no isolamento de não estar onde olhava as outras crianças, que chegavam de carro em companhia dos pais e o paciente escutava a porta do carro e as risadas da família.

Na idade adulta, havia episódios de ir para cama e a qualquer toque de uma parte do seu corpo na outra, ficar excitado, pular e, compulsivamente, se masturbar para se livrar da tensão.

Essas associações, como as comentadas no fragmento clínico do tipo fonético, gráfico e morfológico, não são equivalentes da metáfora, na qual uma palavra é substituída por outra na condensação dos sentidos própria do recalçamento. Nas palavras-valise, todas as palavras mostram que estão aí, sem uma hierarquia de importância – como na cadeia significante, não há deslizamento de sentidos. Elas são o que são, numa relação com o encontro do corpo com o significante, que sem fazer laço está guardado, saindo pelo som das sombras do sentido.

Os trocadilhos (*pun*) também guardam essa peculiaridade da Realinguagem: trazem o inusitado, quando são tiradas as nuances do sentido e ficam desnudas no que anunciam das preliminares sexuais. Assim, um paciente é tomado de espanto quando a analista encerrava a sessão dizendo “como é pequeno o seu guarda-chuva” (o paciente o trazia na mão quando entrava e o deixava no chão, ao lado do divã). Antes do corte analítico, estava falando sobre sua irritação com o fato de o pai ser “muito espaçoso”, inclusive fazendo comentários exibicionistas em público, o que deixava o analisante enfurecido e envergonhado.

As palavras-valise, trocadilhos e equívocos parecem mostrar o registro da potencialidade das palavras, pois elas estão remetidas a si mesmas, na sincronia da sua fundação, não há a lógica da metonímia, nem da historização. São por si mesmas, guardando a propriedade de núcleo das infinitas associações que comportam em si mesmas.

6.2 O NÓ BORROMEANO E A TOPOLOGIA

O desejo de conhecer encontra obstáculos. O nó borromeano é a encarnação desses obstáculos. É uma das figuras topológicas trazidas por Lacan (2012 [1971-1972]) para falar da linguagem, com uma combinatória significante de círculos flexíveis que, mesmo deformados, mantêm as propriedades da significância da linguagem.

O real na *ex-sistência* sustenta os círculos do imaginário e do simbólico do nó borromeano. O real é o terceiro círculo, que irá criar laços, e que, em seu entrelaçamento, sustenta os dois outros círculos que estão justapostos, de forma que, se o nó do real se desfaz, os outros dois círculos se rompem.

Sobre isso diz Lacan (2007 [1975-1976], p. 49):

Do fato de que dois estejam livres um do outro – trata-se da própria definição do nó borromeano –, que sustento a *ex-sistência* do terceiro e, especialmente, daquela do real em relação à liberdade do imaginário e do simbólico. Ao sistir [*sistir*] fora do imaginário e do simbólico, o real colide, movendo-se especialmente em algo da ordem da limitação. A partir do momento em que está borromeamente enodado aos outros dois, estes lhe resistem. Isso quer dizer que o real só tem *ex-sistência* ao encontrar, pelo simbólico pelo imaginário, a retenção.

A existência do real fora da representação dá o caráter de supor um pensamento sobre o real, ou seja, o saber sobre o real é uma suposição ou uma hipótese sobre si, sobre suas origens, à semelhança do que já foi desenvolvido sobre as teorias sexuais infantis. Sobre tal suposição fala Lacan (2007 [1975-1976], p. 30): “Em análise, todo sujeito conta o seguinte: ele é sempre e nada mais do que uma suposição.”

O artifício usado por Lacan para tentar dar conta do real vem da topologia e da própria aparição do real na língua. O acesso ao real se dá pela demonstração, na sua *ex-sistência*, como sempre impossível de ser capturada. Assim sendo, a demonstração do impossível do real é da ordem de um acontecimento não discursivo, mas enunciativo.

O autor grafia “E” para dizer da enunciação como um índice e “e” o enunciado. “Um enigma, como o nome indica, é uma enunciação da qual não se acha o enunciado.” (LACAN, 2007 [1975-1976], p. 65). Logo, o equívoco mostra que o sentido sempre é faltoso, que a verdade é sempre *meio-dita* e de resto impossível. Quando a análise se propuser a oferecer o sentido ao real, não servirá para nada.

O real *in-siste-existe-ex-fora* do imaginário e do simbólico. O autor concebe que o imaginário tem um suporte na consistência, ou seja, no que o *eu* vai ilusoriamente preencher de histórias sobre si. O simbólico tem como suporte o furo do trauma que será preenchido pelo sentido da linguagem. O real, por sua vez, encontra a *ex-sistência*, no impossível de ser representado e colide nos limites do encontro com o imaginário e o simbólico. Melhor dito, o real só existe quando se esbarra com o imaginário e o simbólico. Pode-se dizer que só se sabe dele quando há o acontecimento de aparecer sempre no limite.

Só se sabe no choque, na equi-voz-ação. “Equi”, vocábulo latino que exprime a noção de igualdade. Na equivocação, a voz e a ação aparecem no mesmo plano de igualdade. A voz na ação – uma demonstração do real. Nas palavras de Lacan (2007 [1975-1976], p. 49):

Ao sistir [*sistir*] fora do imaginário e do simbólico, o real colide, movendo-se especialmente em algo da ordem da limitação. A partir do momento em que ele está borromeamente enodado aos outros dois, estes lhe resistem. Isso quer dizer que o real só tem ex-sistência ao encontrar, pelo simbólico e pelo imaginário, a retenção.

Diante disso, pode-se pensar que na clínica da escuta do real, conforme entendimento a partir da leitura dos últimos textos do ensino de Lacan, a proposta é operar o real, no ponto em que a fonética mostra a retenção ao imaginário e ao simbólico. Refere-se, desta forma, a manobrar com a *lalangue*, sem tentar realizar uma unificação imaginária de dar consistência ao que é do real da língua com a história do sujeito. Tampouco conceber a *lalangue* como um significante em cadeia na busca de sentidos obturados pelo recalque.

A análise não consegue fornecer a resposta a um enigma, uma vez que o sentido se dá entre o imaginário e o simbólico; neste caso, o analista intervém na sutura do simbólico e do imaginário. Essa é a criação de um sentido como objeto de resposta ao sintoma do paciente. Sintoma entendido como uma formação de compromisso e do retorno do recalcado.

Se não há Outro do Outro, ou melhor, dito, gozo do Outro desse Outro, a resposta é outra emenda entre o simbólico e o real. O gozo não está no Outro, está no inconsciente do sujeito que fala ; o *fallasser* goza falando, fala gozando. Na fala que não faz parte da cadeia de significante está o S_1 , na enunciação que não remete ao enunciado. Aí está a cifra do enigma, não é uma cifra a ser decifrada, é uma cifra a ser enigmatizada.

Ensinar o analisante a fazer a emenda entre o seu sintoma e o real, que aparece no gozo-angústia, é o *j'ouis-sens* – o ouvir o sentido. É importante trazer as palavras de Lacan (2007 [1975-1976], p. 71) sobre isso: “É de suturas e emendas que se trata na análise. Mas convém dizer que devemos considerar as instâncias como realmente separadas. Imaginário, simbólico e real não se confundem.” Assim, o gozo do pênis provém do imaginário, do duplo, do especular, do gozo do corpo, enquanto que o gozo fálico está entre o simbólico e o real. É na escuta do analista que este saberá quem está a falar, quem está a gozar nas fantasias, tagarelices, equivocações...

Lacan (2007 [1975-1976], p. 89) propõe que se tome o nó de trevo deslocado do nó borromeano por este apresentar cadeias; assim ele diz: “É o nó de trevo, ou nó de três, deduzido do nó borromeano, o qual – ao contrário de seu nome, que, como todos os nomes,

reflete um sentido – não é um nó, mas uma cadeia. Ele tem o sentido que permite situar o sentido em algum lugar na cadeia borromeana.”

Os nós dessas cadeias se dão no entrelaçamento entre os registros, lembrando que o sentido está nos nós entre o imaginário e o simbólico. Lacan fala que, se o entrelaçamento for apertado, algo fica agarrado. O *sinthome* é que vai permitir reparar o erro, a falha na cadeia para que não se rompa.

O *sinthome* se apresenta como o quarto círculo para dar sustentação ao sujeito, onde as ligações entre os outros se partira; desta forma, o nó é que dará suporte ao sujeito. Neste sentido, concebe Lacan (2007 [1975-1976], p. 93): o *sinthome* está numa constante busca de sentido, para encobrir a rata do inconsciente, onde ele denuncia o real na desamarração. Assim, quando surge o equívoco na fala do paciente é o momento em que o analista oferece um significante para o paciente formar a ligação entre o simbólico e o real.

É por intermédio da escrita que a fala se decompõe ao se impor como tal, a saber, em uma deformação acerca da qual permanece ambíguo saber se é caso de se livrar do parasita falador [...] ou, se ao contrário, de se deixar invadir por propriedades de ordem essencialmente fonêmica da fala, pela polifonia da fala.

O significante, na busca de um sentido, tem sua correspondência, se assim podemos dizer, na busca do Nome do Pai e do significante fálico, como já tratado na seção sobre a *lalangue*. A *lalangue*, por sua vez, está no lado mulher, no real que escapa ao sentido e se mostra na rata dos nós, o enigma por trás do sentido da linguagem.

O real não tem sentido, mas tem orientação. “O real é para ser buscado do outro lado, do lado do zero absoluto.” (LACAN, 2007 [1975-1976], p. 117). Assim, a direção do real aponta para o zero, naquilo em que o afeto e qualquer coisa ligada a isso estão soldados, numa indissociabilidade que só sabe apontar para aquilo. Neste caso é a coisa em si, sem representação, só sendo possível saber da sua presença pelo que ela afeta o sujeito.

É por aí que, na clínica, o que afeta a fala do paciente é a ruptura do nó do simbólico e do imaginário e o aparecimento não do sintoma, mas do equívoco da língua, na ponta do real. É o momento do corte para que a fala se organize rapidamente com um sentido *sinthomático*.

Harari propõe que se considere os fios da cadeia borromeana como uma conformação de letras, ou, pode-se dizer, uma escritura de letras e palavras nas deformações e curvas das linhas dos fios da cadeia. Nas palavras do autor (HARARI, 2008, p. 37): “[...] cada

palavra é uma insuspeita arca ou baú fechado onde se guardam outras palavras, ocultas devido à ação da tampa, do fecho e do cadeado ‘comunicativos’”.

As voltas dos círculos no nó borromeano nas linhas curvas, vão tecer letras; das letras, fonemas, palavras, sem diferenciação entre sons e imagens, como destacado por Aulagnier (1979) na forma pictórica. Nessa tessitura, Harari (2007) diz que a decomposição das palavras vai constituir uma atomística nos moldes da formulação dada pelos filósofos da Grécia antiga, ou seja, a palavra como uma unidade irreduzível, porém líquida, no sentido da sua evanescência, sendo por isso entendida pelo autor como um vapor. Dito de outra forma, a palavra contém as propriedades do que a compõe, porém a forma é fluida.

Essa fluidez também fica presente na escansão dos sons e da fonética, em que os sons mostram, na fala balbuciada pelo analisante, a articulação destituída de sentido. Balbuciar, em análise, é falar com a língua do inconsciente sendo escutada pelo analista. É falar com a *lalange*, o inconsciente que importa na análise. É o corte que produz o som que cai, fora dos sentidos do discurso.

O paciente Flávio, atendido pela pesquisadora balbucia em análise, quando diz do “cabo do rodinho” que enfiou em seu ânus, na adolescência. Nesta ocasião, escorregou e o cabo perfurou seu intestino. O paciente balbucia, contorce e contrai seu corpo. Não há palavras, balbucia sua dor, sua vergonha, seu não saber sobre a sensação que teve. Depois de um tempo de análise, diz não saber se é homem ou mulher. Tranca-trunca seu saber. Muitas vezes, suas palavras não são compreensíveis, são sons, gemidos, balbucios. A mãe teve uma das filhas em casa. Há uma cena envolta na imagem de uma bacia com sangue. O corredor da casa de madeira leva ao quarto dos pais e, na frente, ao banheiro. Quarto do nascimento da irmã. Banheiro onde o paciente introduz em si mesmo o cabo do rodinho. De quem é esse corpo violado? O que é introduzido? O que sai do corpo? O significante não está na cadeia de significante (entre o imaginário e o simbólico), está onde? Entre zero e S_1 ? Há uma potência a significar que não está no dito.

Neste sentido, Harari (2007) diz, acerca da transmissão de Lacan, que a língua da psicanálise é a linguisteria, um artifício usado para tomar distância da língua como objeto de estudo da linguística. A língua da psicanálise é a que aparece falada na associação livre. Assim, fala-se em duas línguas, uma do idioma, que na dimensão do imaginário traz a ilusão da comunicação e de que se sabe o que se diz, e a outra língua, onde isso fala – a *lalange*, na qual não se sabe o que se diz.

Lacan (2007 [1975-1976], p. 118) entende que há uma forclusão mais radical que a do Nome do Pai, que está afeito ao significante. Concebe o espaço do analista como um

“suporte ao inconsciente, com nosso próprio corpo.” É no corpo do analista que ressoará sua voz, no que se tornará a violência/intensidade de que será tomada a sua voz na cena analítica, que poderá ser outro círculo na cadeia borromeana, para que o analisante crie laços em si.

A escrita do inconsciente passa pelos nós da cadeia borromeana, que é por onde é possível escrever o real. Na escrita do real, aparece o trauma, como o furo que irá romper a cadeia de sentidos entre o imaginário e o simbólico.

O real do inconsciente está na rememoração, que são as impressões na cadeia do nó Borromeu: impressões das marcas fonatórias, ou seja, os diferentes sons que vão ficando impressos e que, nos murmúrios, barulhos, homofonias, vão dando conta do real do inconsciente. Sobre isso diz Lacan (2007 [1975-1976], p. 127):

A rememoração consiste em fazer essas cadeias entrarem em alguma coisa que já está lá e que se nomeia como saber – e isso não é fácil, a prova são os frequentes lapsos que fiz ao tentar traçar nesse pedaço de papel os nós colocados sob a égide dos Borromeu. Tentei, com efeito, ser rigoroso ressaltando que o que Freud sustenta como o inconsciente supõe sempre um saber, e um saber falado. O inconsciente é inteiramente redutível a um saber. É o mínimo que supõe o fato de ele poder ser interpretado.

Este saber tem como suporte uma escrita que se faz com sons, letras, índices de algo da falta que, como tatuagens vocais, anunciassem pela voz, num significante que irá dizer sobre um sujeito, que se surpreende que entre um significante e outro surja um sem sentido que aí lhe denuncia que o sem sentido é que estava lá.

A historinha a ser contada pelo S_2 S_3 S_4 vem depois, como parte de suas tagarelices. Contam uma história, mas não deixam de ser rastros para encobrir as ausências.

Lacan considera que o verdadeiro furo entre os círculos da cadeia borromeana, na intersecção entre o real e o imaginário, é onde não há Outro do Outro. Esse primeiro Outro é uma criação mítica, a Eva ou Deus. Como figura mítica não se reporta a um Outro. É neste lugar que está a radicalidade do ser; sua criação é também sua singularidade e sua solidão. Esse é o lugar do real, o impossível de se estar e, por isso, cada um vai inventar sua história para sair de lá.

6.3 A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM

O analista forja, em sua escuta da *lalangue* do analisante, uma aproximação das letras, dos sons, das sílabas, da fonética. Isto é uma operação que viola o funcionamento, no analisante, naquilo que a *lalangue* traz do real na *extimidade*. Harari (2007, p. 30, tradução

nossa) considera que as intervenções inesperadas, operadas pelo analista, vocalizando os sons fonéticos do paciente, é uma operação na Realinguagem, nas palavras do autor: “o desequilíbrio procurado se obtém através das incidências do analista.” Esta incidência na linguagem, por operar uma causalidade não linear, gera um acontecimento da ordem de um inusitado.

O desconcerto gerado pelo inesperado do fato é um pré-requisito para uma “deriva inventiva de significantes novos.” (HARARI, 2007, p. 32, tradução nossa). Assim, a incidência do analista, de verbalizações breves e incisivas, baseadas no núcleo de impressões languageiras que sobram frente ao dito, possibilita a emergência de significantes que não estavam inscritos de antemão, forcluído do discurso.

Como um roteirista, o analista se guia pela voz – figuras de dicção e não na lógica dos sentidos dados pelo simbólico. O som, auscultado pelo analista, no sentido da fonética, são todos os sons, sem que tenha havido ainda uma triagem daqueles que façam sentido – se aproximam do balbucio, essa língua espontânea do *infans*. O som aqui é tratado como uma letra, um traço, assim trata-se da escrita de uma letra, há uma materialidade do som que é diferente dos múltiplos deslizamentos que os significantes tomam no registro do imaginário e do simbólico. O ser na sua língua será depois um estrangeiro nela própria, esquecido dos sons que lhe eram familiares e tratando como equívoco naquilo que *nisso* fala.

O analista faz violência sobre a massa fônica oferecida pelo analisante, colocando em trabalho a demanda fundamental, articulando a *lalange*; nessa operação de auscultação o analista *audiciona*⁴⁴ os sons/letras caídas, que são o corpo que interessa à psicanálise – os significantes por excelência.

Em outro fragmento clínico, apresentado pela pesquisadora, para dizer da violência do significante na cena analítica, a paciente diz “eu vó” a analista, ausculta “foi o vô”, repete fazendo um corte na frase. A paciente sorri desconcertada e diz que o avô havia passado as mãos em sua perna, acariciando-a, e, quando contou para a mãe, esta não acreditou.

A *forçage* é o operador clínico na escuta do analista do que é ordem da fonética, na articulação do paciente em que faz uma torção na voz, para uma direção que aponta para o som como na ponta do real e, usando o corpo do analista, devolver a voz ouvida ao paciente

⁴⁴ Neologismo criado por Harari (2007) para dizer que na escuta que o analista faz da Realinguagem do analisante, ele audiciona o som, ruído destituído de sentido, para que, na forma de uma *forçage*, possa se instaurar como um novo significante.

para que ingresse como um significante novo capaz de produzir um prazer que tenha como limite o recalçamento primário, sem estar incluído o recalque secundário.

Sobre a *forçage* Maliska (2017) escreve:

Trata-se de um modo de intervenção diferente da interpretação, pois aqui surge um significante outro por uma força, algo que se produz numa torção sonora da voz para a produção de um significante novo. (p.195)

O autor também faz referência à transliteração da letra na *forçage* não se trata de uma tradução, uma vez que o sentido e a significação não estão envolvidos. O foco é na escuta via espaço transferencial, via voz. Na transliteração se realiza uma invocação para que a voz, na via do corpo do analista, na vibração das suas cordas vocais, seja escutada pelo paciente e, como uma *forçage*, haja um ressoar em/de si.

O significante faz-se presente no limite do real e do simbólico, nas palavras de Lacan (2007 [1975-1976], p. 18): “Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe.”

O analista usa seu corpo transpondo a letra na *ausculta* do paciente que ressoa e devolve em ato o dizer. A aposta, se assim pode-se conceber, é que a transferência, com tudo o que é possível operar no espaço analítico, produza um saber fazer ali.

Esse fazer do analista encontra uma articulação com o *ato psicanalítico* proposto por Lacan (2003 [1967-1968], p. 373): “Cabe portanto afirmar que o psicanalista, na psicanálise, não é sujeito, e que, por situar seu ato pela topologia ideal do objeto *a*, deduz-se que é ao não pensar que ele opera.” A transferência aqui está reportada ao que é do traço unário, que diz do significante como *Um*, fora do sentido.

Assim, o ato psicanalítico opera no sem sentido, mas o seu fazer marca uma inscrição da direção de um novo significante no aparelho psíquico. O nada não será como antes, se institui algo ali – que será da ordem do fazer e não do dizer.

Um fazer causado por um saber produzido no encadeamento do real e do simbólico, onde fazem limite e produzem diferenças de efeitos-feitos.

O ressoar tem no corpo o que Lacan diz do *consoar*, aquilo que no corpo é sensível. O som no corpo ressoa, com o som que entra pelos orifícios, conforme a referência de Lacan, ser os buracos que não podem ser fechados é que aparece a voz.

O som no investimento materno que entra pelos orifícios auriculares do *infans* chama-se voz, que por sinal é uma chama, tanto como um investimento pulsional que traz o *affekt* – algo que esquentar, modificando o fogo frio da pulsão de morte e do real a que faz

referência Lacan no Seminário sobre *o sinthoma*; quanto a uma invocação do investimento materno que chama/clama o infans a ingressar no mundo da representação psíquica.

Analogamente, o analista na transliteração da escrita do significante materno, empresta seu corpo para a transliteração da letra, da *lalangue*, antes fora do *infans*. Agora, fora da cadeia significante. Sempre um fora-dentro que fala no meio-dito.

O significante não aparece no sentido, aparece, como já foi referido, na torção da voz, que mesmo aparecendo na palavra, solta o som na linguagem articulada, onde o que é articulado pela voz salta um significante novo, de um meio-dizer, um dizer do outro lado, no limite do real/simbólico.

A *chiffonage*, introduzida por Lacan no seminário 24, anuncia um operador clínico capaz de usar uma palavra para fazer outro uso dela, no sentido de abrir o baú das palavras-valise, com a escuta *faunética* na aposta de Lacan (2003 [1976], p. 560), conforme anuncia – mostrando, na conferência sobre *Joyce, o Sintoma*, onde, na própria voz, mostra os amarrotamentos que faz com as palavras, como na alusão que faz de *Joyce, o Sintoma*, ser seu nome, diz e escreve: “Que mais se poderia esperar de nomim [d’emmoi]? – eu nomeio. Que isso dê em juvenomem é uma consequência da qual quero extrair uma coisa só. É que somos zomens.”

Assim, neste fazer clínico do analista, na ausculta do real, a *chiffonage* está em enruguar, amassar a junção a palavra no que diz respeito tanto às letras, quanto aos sons que elas soltam, como flatulências e fazer com o seu saber que exalam nos sons, nos cheiros, na visão, enfim, de uma abertura ao que exala, porque o corpo está mais envolvido do que nunca nesta clínica. O analista é invocado a dizer um significante novo, um significante que não tenha sentido – um zero absoluto onde está o real. “O real é para ser buscado do outro lado, do lado do zero absoluto.” (LACAN, 2003 [1967-1968], p. 117).

Realiza a decomposição da linguagem na direção do não sentido da linguagem, em que o sintoma S_1 entre na cadeia infindável de sentidos na direção do zero, do real. Vale-se de uma direção de limite, onde a singularidade do significante direciona-se à potência das significações, seguindo a direção na qual o prazer pode criar ações.

Nesta perspectiva os operadores da clínica para lidar com a realinguagem podem ser estudados como uma violência da linguagem do ato analítico em lidar com o significante no traço unário em que se inscreve no inconsciente – na ponta do real: na *lalangue*. Dito assim, há uma operação no gozo da língua – a *lalangue* para que como potência faça-se. Quer se dizer um fazer no qual a existência se mostre no fazer.

Um fazer que não é da mesma ordem do representante da representação, mas da ordem do representante pulsional, em que a pulsão e o *affekt* são indissociáveis e, assim sendo, o fazer está unido à satisfação.

Assim, neste espaço da clínica psicanalítica, a partir do ensino de Lacan, pode-se dizer que um saber fazer, na audição: Há [à] psicanalista na contração gramatical – gutural dos fonemas da pulsão com o afeto. Do outro lado, mas também do real, surge o UOM [LOM] na proposta de Lacan, um homem como resultante de um fazer singular em uma ação específica, mas não no sentido de encontrar um objeto que lhe satisfaça, na linha do conceito freudiano. A ação específica – não mais específica que este homem novo, numa alusão ao significante novo, inventará sem planejamento cognitivo, nem desejoso, mas guiado pelo movimento, na direção apontada pelo corpo a um prazer. Nas palavras de Maliska (2007):

[...] o LOM é a possibilidade de haver algo para além do sujeito do inconsciente, para além das insígnias do significante, mas isso não resulta necessariamente em um ser diferente, mas em um fazer – a cada vez, em cada ato analítico, com cada analisante, a cada escuta – de forma inventiva. (p.227)

6.4 O *SINTHOME*

O *sinthome*, diferentemente do sintoma, conduz a um saber fazer ali [*savoir y faire*] - ali onde estava o sintoma, com a formação de compromisso, que sob a égide do recalque, requer um gasto de energia constante para sua manutenção, além de cobrar um alto preço para sua satisfação.

Uma escuta nova do analista que trate as palavras por uma vertente que contemple a fonética, ao invés da significação, possibilita que uma direção nova surja na clínica psicanalítica, para operar com o sofrimento psíquico do analisante. Trata-se, portanto, de uma vertente que não privilegia a palavra na escuta do imaginário e do simbólico, mas que, ao encontrar o equívoco, a homofonia, o balbucio, leva o analista a entender que se trata da *lalangue* e não da via do sentido.

Já foi tratado no capítulo 3 *Lalangue* que esta língua dita materna [*lalangue dite maternelle*] faz o significante ingressar no *infans*, marcando o significante mestre, mas que este lugar não faz cadeia com outros significantes, ou seja, não se trata de ($s_1, s_2, s_3...$). Assim, ao invés de escutar as palavras como parte de uma cadeia, há que poder escutar os fonemas que saltam das palavras como um traço, uma marca, que não se colocam em cadeia, mas que estão em movimento, para a satisfação pulsional.

Nesta perspectiva pode-se pensar que o analista com sua escuta e intervenção, faz com que o paciente também escute o que há de estranho [*Das Unheimliche*] em si. Assim, pode abrir a possibilidade de inaugurar uma via de satisfação fora do sentido. Uma vez que a energia que acompanha a *lalangue* é da ordem do puro gozo, abre-se a alternativa de uso desta energia para fins que não envolvam a cadeia de significante, ou os derivados do recalçamento.

O isso que fala, no âmbito da *faunética*, como o equívoco, os tracadilhos [puns], as homofonias, os balbucios e mesmo as palavras em que na *ausculta* do analista ressoam outras “coisas”, mostra o real e o inconsciente no que ele tem de real, onde o analista, com seu corpo, irá se colocar como *sinthome*, para que o analisante crie seu próprio *sinthome*, naquilo que antes era o gozo sintomático.

O *sinthome*, segundo Maliska (2017, p.168), conduz a um “saber fazer ali com” [*savoir y faire avec*] do inconsciente onde ele estava gerando sintoma e sofrimento. A partir da criação do *sinthome*, é possível um movimento diferente da formação de compromisso neurótico. O autor destaca que Lacan, a partir de seu contato com os escritos de Joyce, propõe uma leitura/escuta de um fazer por si, sem imitá-lo, ou seja, um fazer inventivo.

São palavras do autor:

De certo modo, o *sinthome* conduz a isso, a um saber, ou mais exatamente, a um saber fazer ali com [*savoir y faire avec*], o que designa não somente um saber e um fazer, mas um saber inconsciente que produz como efeito de análise um *fazer*, o que resulta em um *saber fazer* [*savoir faire*] com aquilo ali que outrora gerava sintoma e que agora, através do *sinthome*, pode gerar uma outra coisa que não a miséria neurótica do sintoma.

Entende-se a proposta lacaniana, explicitada por Maliska, como cabendo ao analista entregar-se na sua escuta à *lalangue* do analisante: escutar onde brotam os sons, que ecoam nas vozes e saem como palavras-valises. Quem sabe pode-se fazer uma articulação com o sim do *infans* à voz materna, conforme Didier-Weill (1999). Assim, diria o *infans*: “sim, eu vou escutar tua voz, porque sei que também tenho uma que possibilita escutar a tua.” E o analista: “sim, eu escuto tua voz, por trás dos sentidos, lalanguçada, porque também escuto a minha. Sim, eu sei sobre os murmúrios, sobre as homofonias, sobre os trocadilhos, e não tenho pressa em te recobrir com os significantes que, pela tua angústia, recobriste com as vestes, teu vazio constituinte.”

Maliska (2017) diz que o significante, para Lacan, adquire, a partir da leitura de Joyce, um caráter de fonema, o que se entende no sentido de uma potência significante, mas sem ter ele próprio significação. O significante tem seu status de linguagem, de escrita, sem

ter significação. Está projetado para isso, sem, no entanto, sê-lo. Está na potência da significação.

O falo como suporte da função do significante cria o significado, ele suporta o limite, é o único real que é possível se saber, neste sentido, é considerando o significante por excelência. O falo como um significante privilegiado, ancora a linguagem na função de furar um todo fechado pelo imaginário e limitar o real. Na clínica psicanalítica, a escuta do analista sobre a fala do analisante não é da ordem da verdade, segundo Lacan (2008 [1976-1977]), pois a verdade está na ordem do real impossível. O autor diz que esse é o lugar que Freud dá ao trauma, onde só é possível se fazer uma suposição de sua existência.

O trauma [*trou-matismo*] instaura o furo, uma cava, onde fica impressa uma marca, uma diferença, na ordem onde reinava um contínuo da voz materna, como propõe Didier-Weill (1999), conforme já tratado no capítulo 4 sobre *A voz*. O significante é fálico, pois, porta uma diferença, ele instaura um espaço terceiro, onde antes era *um*: mãe e *infans* reinavam como uma unidade. Assim, antes do trauma há continuidade, ou na aproximação possível que se pode fazer com a concepção de Aulagnier (1979), na fase pictórica, não há representação da diferença, ou seja, o *infans* não inscreve a mãe como separada de si.

O falo, como significante privilegiado, inscreve a diferença, cava uma descontinuidade na voz materna. É ali – no limite do real, nesta potência do significante que aparece uma torção da voz. Na torção, se opera o contrário do que pode imaginar (imaginário), e do que se espera encontrar (simbólico) – o sentido oculto na voz.

No espaço de escuta, na clínica do real, o que se acha, sem procurar, não é da ordem do sentido de um ato falho, que aparece como um retorno do recalcado. Não é disso que se trata. Se escuta um fragmento do real que sai da boca do analisante, na mostra do que pode se achar na borda do trauma. Aqui há real, aqui há uma potência para o movimento, vale lembrar o conceito de Didier-Weill (1999) do *ponto azul*, como um lugar de tensão. Um ponto para o movimento orientado, onde poderá como um devir, surgir o sujeito do inconsciente, mas que, no *ponto azul*, o que há é a tensão que resiste e insiste.

Forçage é o uso que o analista faz desta tensão, no que ela está ligada a um fonema e que mostra a *lalangue* no limite do real no inconsciente. Como significante, mas não no sentido, está a potência da pulsão no sujeito, naquilo que ele pode criar para sua satisfação e prazer. Como *forçage*, o analista faz uma violência na linguagem para o ingresso do significante que não faz parte da cadeia de significantes. A *forçage*, desta forma, vai em direção ao que seria da ordem do primitivo, do antes da palavra ter sentido. É o que não

adormece, ao contrário, desperta o analisante da hipnose do sentido na linguagem. Algo soa que não é da ordem dos significantes, que estão a serviço do engano, da ilusão.

O real desperta porque se inscreve pela força. É contranatural, assim, a chamada clínica do real, ou os momentos de *ausculta* e intervenções na realinquagem operam uma violência da linguagem para a produção do *sinthome* no paciente. Para isso se constituir, o analista opera com seu corpo e faz-se *sinthome*, naquilo que Lacan mostra no quarto círculo do nó borromeano – o *sinthoma* [*sinthome*] borromeano.

Quando em análise, o analisante escutar a partir do analista /*sinthome*, sua voz, sem estar coberta de sentido, um significante novo, saberá do seu estranho. Na produção de um acontecimento, algo acontece, mesmo que não se saiba o que. Assim, no seu percurso analítico, alguns pacientes dizem: “há algo de diferente em mim, mas não consigo dizer o que é!”.

A criança não cria um significante novo, ela o recebe. Um significante novo, que não forma parte de uma classe de sentido, é o real. “Nossos significantes são... são sempre recebidos.” (LACAN, 2008 [1986-1977], p. 184, tradução nossa). É possível inventar um significante sem que tivesse antes? Citando a palavra *famillionário* de *O Chistes e sua relação com o inconsciente*, de Freud, Lacan diz que a *chiffonnage* das palavras traz uma nova operatória no seu uso. Pelo estudo que Lacan faz da escritura de Joyce, entende que a escritura poética guia a interpretação psicanalítica. Enquanto que a metáfora e a metonímia unem o som e o sentido; a interpretação que visa à língua fora do sentido – a *lalangue*, extingue o sintoma quando a verdade pode ser poética.

O analista está presente na análise como aquele que quer saber sobre o inconsciente daquele que ele escuta. O inconsciente se abre como uma hiância que fala. Assim, o ser do analista presente na análise opera para que o inconsciente do analisante esteja aberto para falar. A presença do analista é de quem não sabe sobre o analisante, mas quer saber. À semelhança da mãe com o *infans*, o analista supõe que o analisante sabe coisas que ele, analisante, quer ouvir. Assim, o analisante poderá criar as chamadas teorias sexuais infantis, conforme Bergès e Balbo (2001) que está apresentada no subcapítulo 5.4 *As teorias sexuais infantis*.

O zero tem a função de ser o espaço onde o significante se estrutura. Lacan (1998 [1958]) diz desse lugar que é como um átomo ou o nascedouro do signo, estando a presença/ausência ligada pelo “e”; assim diz ele se referindo a essa partícula: “ [...] ele institui a presença com base na ausência, assim como constitui a ausência na presença.” (p. 600).

Trazendo a situação do *For Da*, descrito por Freud, Lacan diz que o Outro traz o simbólico para a cena, quando ela ainda não está instalada no *infans*.

A presença do analista, no princípio da análise, passa pela escuta, que, sendo assim, o coloca numa posição de descrição enquanto um ouvido que ouve, neste momento, a fala do analisante. Nesta posição, sustenta a demanda do dizer do analisante, para que, como diz Lacan (1998 [1958]) “reapareçam os significantes retidos.” (p. 624). Significantes da identificação primária, em que a mãe fragmenta, seleciona e qualifica a estrutura de significantes. Lacan diz que a estrutura do significante passa pelo duplo registro. Na sincronia, lugar de oposição entre elementos que são irreduzíveis, e na diacronia, de substituições e combinações da rede da linguagem.

A identificação com o analista, que deverá cair, será a identificação com os significantes. O analisante terá que encontrar a estrutura constitutiva do seu desejo na mesma abertura do efeito do significante. Dito de outra forma, a fenda está lá na estrutura de significância do Outro, que é do desejo do Outro e naquilo que tem o efeito de um sujeito substituindo esse Outro, e também mostra quem é.

É nesta fenda que passa pelo real da língua na *lalangue*, naquilo que ela estrutura à moda de uma linguagem o sujeito, que o analista tem que operar com os bisturis naquilo que é possível a esse impossível do real.

7 CONCLUSÃO

A proposta de estudo que se procurou viabilizar nesta tese foi analisar a violência da linguagem na inscrição psíquica do *infans*, como um operador necessário para fazer ingressar a linguagem no *infans* e este se constituir como um sujeito do seu desejo. A violência da linguagem a qual se faz referência é a linguagem materna que ingressa no *infans*, como um excesso, que lhe afeta e impõe modificações, como também exige um trabalho psíquico para dar conta disso que lhe acontece e que lhe constitui.

O trajeto teórico e metodológico que se desenvolveu nesta pesquisa, entre outros possíveis, foi mostrar os alicerces metapsicológicos que podem dar sustentação ao nosso estudo, procurando seguir a proposta freudiana de conceber a constituição do aparelho psíquico, sempre presente no próprio funcionamento psíquico. Isto mostra que em psicanálise, o tempo histórico é uma construção da linguagem e do sentido – no dizer de Freud, seria da representação-palavra e da consciência – para encobrir o que não tem cronologia, nem ordem para aparecer.

O presente estudo, desta maneira, levou à consideração dos conceitos que dizem que da gênese e da constituição do aparelho psíquico, no que tange à violência da linguagem constitutiva do sujeito, se fazem presentes na voz do analisante, nos equívocos, na fonética, nos balbucios, nas vocalizações, na irrupção que causa espanto, estranheza em que a significação está forcluída de qualquer possibilidade de dar sentido ao que é da ordem da repetição.

A escolha teórica se deveu à trajetória clínica de uma escuta em que os analisantes estão na contínua presentificação de se constituir e, ao mesmo tempo – utilizando-se a analogia feita por Freud sobre “as cascas da cebola” – vão se desnudando das suas verdades fictícias e deparando-se com suas camadas oriundas da “muralha narcísica” na construção de um saber genuíno de si; também irrompe algo no corpo pulsional de um fragmento de realidade, ou do umbigo do sonho em que a construção em análise não dá conta de transformar o sofrimento psíquico daquele que procura uma cura.

Nesta trajetória, trabalhou-se com a proposta do ensino de Lacan em escutar o fragmento de real que surge nas vocalizações do analisante e, neste acontecimento, o mostram sem suas “cascas”. Neste corpo desnudado que causa espanto a quem o habita, há que denunciar e anunciar que o corpo é nú, na sua gênese e constituição, sendo que, só se pode dizer

isso, quem sabe de si e empresta seu corpo pulsional (desnudo das vestes do sentido e da imagem), para anunciar este saber na escuta do analisante.

Igualmente neste caminho investigatório para e na realização da pesquisa, explorou-se a obra de Piera Aulagnier, que trata da violência da linguagem, conceito introduzido por ela, para dizer dos excessos que são oferecidos ao *infans* pela mãe, onde a mãe, libidinalmente, forja ao filho saberes sobre ele, antes que este os possa assimilar como seus. O discurso materno, na sua constituição, se apresenta no excesso da possibilidade de absorção para o bebê. Desta forma, o discurso materno violenta o espaço do *infans* na sua corporeidade, nas suas primeiras representações psíquicas, no processo originário.

O percurso adotado nesta caminhada foi, primeiramente, o conceito de trauma, que no tema da pesquisa relacionou-se à operação de corte no corpo imaginário do *infans*, que, pelo investimento materno, instaura um furo [*trou*] – segundo expressão usada por Lacan – do [*troumatisme*], no corpo, na instauração de um acontecimento do real, que imprime um efeito da ordem de uma impressão [*Eindruck*], na esfera psíquica. A angústia, seguindo o ensino Lacan, ou o sofrimento como desprazer, seguindo o ensino de Aulagnier, vai denunciar que, pelo excesso, o simbólico e o imaginário não poderão falar disso pela via da significação. O real, como o registro em que o sentido está forcluído, emerge na angústia, no espanto, no susto que fala desta violência da linguagem.

Seguindo o percurso metapsicológico, falou-se sobre o conceito de pulsão na exigência de trabalho imposto à psique para dar conta do movimento de pulsão no corpo, cortado pelo trauma, segundo a concepção de Lacan. Ou antes de ser cortado pelo trauma, na gênese do psiquismo, localizado por Aulagnier no processo originário. O que é concordante entre os dois autores sobre a pulsão é que o investimento materno imprime uma exigência de trabalho à psique em decorrência disso. A pulsão, na sequência do investimento materno, se coloca em movimento, sendo um corpo investido libidinalmente, sem isso, seria um corpo da pulsão [*Trieb*] sem representação. Um corpo não violado pelo significante na deriva do real, guiado por Tânatos.

O conceito seguinte no caminho percorrido foi o de representação – a *Vorstellung*, é o percurso pulsional de se fazer linguagem no corpo – a *Vorstellungsrepräsentanz*. Violado pela intensidade do investimento materno, o *infans* terá no seu corpo esta intensidade na representação que seu aparelho psíquico faz do que lhe afeta no corpo, é disso que trata a representação pulsional, no esforço de dar conta da ordem de uma intensidade. Da impressão do que lhe afeta no corpo, ao traço de memória que se inscreve ao significante, tem-se um

caminho que é inscrito no corpo do *infans*, onde o real aponta a marca da origem em que não havia encobrimento para a angústia pelo excesso.

Há uma divisão no inconsciente, na fenda da sua estrutura, que divide o sujeito com o recalçamento primário, surgindo o sujeito da rememoração, guiado pelo princípio de prazer. A divisão do sujeito marca o seu aparecimento sempre fugaz. A rememoração dá conta de uma estrutura. No entanto, procurou-se assinalar, a partir do ensino de Lacan, que no furo do trauma está o real, no limite do simbólico e do imaginário, onde, na clínica psicanalítica, a escuta do analista vai saber da sua mostraçã, naquilo que o real dá conta da irrupção, da presentificação, nisso que ele não contém traço de memória – o entendimento que tivemos com as leituras de Freud, Lacan e Aulagnier – é que o real é da ordem da *Eindruck*.

O conceito de *lalangue*, o próximo percurso trilhado, colocou mais ao centro da investigação a violência da linguagem, relacionada ao ensino de Lacan. Embora o mestre francês, não tenha utilizado esta expressão para falar da operatória da inscrição da linguagem no *infans*, fizemos uma aproximação com o conceito da *lalangue* por ele criado. Assim, *lalangue* é a língua do inconsciente incorporado ao *infans* pela mãe, a [*lalangue dite maternelle*], uma língua singular, na vocalização da mãe, sem significação que habita o real.

Nesta perspectiva, pareceu-nos que um dos entendimentos possíveis, é pensar a violência da linguagem como da ordem da *lalangue*, em que não há sentido capaz de silenciá-la. A linguagem materna traz, além dos sentidos de sua fala, o excesso da *lalangue*. No excesso da língua materna, a mãe não sabe tudo o que diz ao *infans*. Ela diz algo que não sabe de si mesma, um real, enigmático constitucional, cifrado, em que pode torna-se possível ao *infans* ingressar na linguagem, ao mesmo tempo que tem um tesouro de potencialidade de invenção com esse real.

A violência da linguagem, também trouxe o estudo da voz, neste caminhar investigativo. A pulsão invocante, introduzida por Lacan, fala da pulsação de buracos corporais erogenizados (boca e ouvido), para a cena da invocação do *infans* pela mãe e ser ele portador de uma vocalização que excede os sentidos da fala. Mostra a presença desta ponta de real que cai do seu corpo – a voz e, ao cair, ressoar no gozo da voz, abrindo uma possibilidade para que, na clínica psicanalítica, esse real da voz possa ser escutado. Assim, pode-se entender que há um real na voz do *infans* que, ouvida-ecoada-falada- *lalanguçada* pela mãe criará uma demanda para surgir um desejo. O efeito do dizer, que marcará o surgimento do sujeito naquele que era *infans*, dá-se no encontro do dizer com a escuta. Para que haja escuta é necessário haver um sujeito – mãe enquanto ser desejante. Na clínica psicanalítica, nossa

aposta é um analista que possa emprestar seu corpo, desnudando-se da escuta do imaginário e do simbólico e ressoar o real da voz do analisante.

A violência da linguagem, tema desta tese, teve no conceito de violência primária, cunhado por Piera Aulagnier, o mote, por assim dizer, no esforço de saber mais sobre o momento inaugural do funcionamento do aparelho psíquico e, por isso, pensou-se no que pode se chamar de gênese do aparelho psíquico. Pelo estudo que se realizou e pelo entendimento ao qual foi possível chegar, entendeu-se que o processo originário concebido por Aulagnier – momento psíquico no nascimento onde se inicia a representação pictográfica, imprime uma gênese na forja do ingresso do investimento materno. Investimento que, pelo vários lugares que a mãe ocupa, é impossível não ser afetado por ele. Essa produção não é da ordem do inconsciente, mas de um ingresso que modifica o princípio de funcionamento do *infans*, guiado, até então, pela inércia psíquica e que será guiado pelo prazer/desprazer.

O investimento materno que, segundo Aulagnier, é o discurso, porque informa algo sobre o *infans* na voz da mãe – como uma porta-voz – vai se constituindo como imagens sensoriais sobre um saber pela erotização do corpo do *infans*. Esta primeira forma de representação pictográfica, ignora a dualidade do encontro mãe-*infans* e cria uma imagem unificada do par-fusionados.

O ingresso do discurso materno é uma violência da linguagem que entra modificando o que era, originalmente, do *infans* e o coloca a trabalhar na representação para tentar metabolizar esse excesso, que, por obra da forma em que ocorre a representação, não é marcado ainda pela diferença. Essa é a violência primária, num momento da vida do *infans*, em que Aulagnier concebe que não há ingresso do significante materno, pois que, no processo originário, não há traço, há impressão. Onde se pode pensar em um momento de funcionamento psíquico, em que o real se mostra numa predominância da presença – do estar lá, em constante ação. Nisso que a autora diz que não há um “isso fala”, como a mesma se refere à concepção de Lacan, mas um “isso age”, entendendo ser essa sua proposta de compreender a representação pictográfica do processo originário, onde ocorre a violência primária da linguagem materna no *infans*.

No percurso do caminho que foi realizado, pode-se pensar que o processo originário com o qual se ocupou Aulagnier é da gênese do aparelho psíquico, enquanto que Lacan, na mesma trilha freudiana, se ocupou do processo primário. No chamado seu último ensino, ele vai se referir com a *lalangue*, à ponta do real, antes da entrada do significante, mas mesmo assim, há um gozo na fala, ou seja, para Lacan, *isso fala*, mesmo que a fonação seja potência do real. Aulagnier considera que, no processo originário, onde ocorre a violência

primária, o *infans* representa o que é da ordem do prazer/desprazer no corpo com uma imagem sensorial-pictograficamente. Por ser antes do surgimento do *eu*, não há como ter uma estrutura de linguagem – há uma figuração. Assim, a voz no processo originário não é escutada, é sensorialmente experimentada na zona erogenizada.

A violência materna para interpretar o real do corpo do *infans*, segundo se pode entender, é indispensável na gênese do funcionamento psíquico. O desejo materno tem como duplicidade ser um oferecimento contínuo e necessário para a vida do bebê, por um lado e, por outro, ser reconhecido para ele como a única imagem disponível de amor. O desejo da mãe, operado nesta violência, se transforma na demanda. O que é legítimo e necessário pode ser apurado com excessos e pode ser perpetuado para além do período originário na psique do *infans*, constituindo-se em abuso da violência materna, que tentará se impor pela voz ao que o *infans* poderá saber de si.

Em relação às teorias sexuais infantis, tema que foi focado como uma alternativa para o *infans* sair desta alienação constitutiva, também pode limitar sua possibilidade quando a única resposta que a mãe dá ao filho é a satisfação de sua necessidade, podendo aí, desvitalizar o seu corpo pulsional. A mãe precisa ascender a ser um sujeito dividido para pedir/demandar que algo no bebê possa advir. Nesta divisão da mãe, cria-se um espaço para o bebê fazer hipóteses, saber sobre sua causa – sua origem.

Sobre a operação da violência da linguagem na clínica do real, foram enfocados os desdobramentos advindos dos estudos de Lacan sobre James Joyce, buncando fazer um laço teórico com as questões que se tem abordado nesta tese com a voz, a *lalangue* e a violência da linguagem no tempo lógico da psicanálise. Assim, a constituição psíquica se presentifica na fala do analisante em relação às produções do inconsciente, como nos atos falhos, lapsos e sintomas; como, também, no forcluído do sentido, nos equívocos, nos sons e toda sorte de vocalizações que não incluem as palavras no sentido semântico e sintático da língua.

Desta forma, foi destacada uma nova escuta do analista que trate as palavras por uma vertente que contemple a fonética, ao invés da significação. Através da trajetória de estudo realizada, pensou-se que seja possível se vislumbrar e fazer uma nova direção de intervenção do analista ao escutar e forjar que o paciente também escute suas vocalizações, sem o encobrimento do simbólico e do imaginário. Abre-se, quem sabe, a possibilidade de inaugurar uma via de satisfação fora do sintoma, uma vez que a energia que acompanha a *lalangue* é da ordem de um puro gozo. Aventa-se, como possibilidade, usar esta energia para

fins que não envolva os representantes e derivados recalcados, e apontar outra direção, que não seja a repetição do excesso que envolve a descarga com o sofrimento no gozo.

Neste sentido os operadores clínicos para lidar com o real como a *forçage* e a *chiffonnage* que foram estudados, podem ser considerados como uma violência da linguagem do ato analítico para lidar com o significante no traço unário, na perspectiva lacaniana em que se inscreva no inconsciente – na ponta do real; na *lalangue*. Pensando-se assim, um operador no gozo da linguagem, para que como potência – faça-se. Com isso se quer dizer, uma direção onde a existência se mostre um fazer. Fazer que não é da ordem do representante da representação [*Vorstellungsrepräsentanz*] mas sim, do representante pulsional, [*Vorstellungs-Repräsentanz des Triebes*], onde pulsão e afeto são indissociáveis e, assim sendo, o fazer está junto à satisfação.

REFERÊNCIAS

- AULAGNIER, Piera. **A Violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BERGÈS, J. **O corpo na neurologia e na psicanálise**: lições clínicas de um psicanalista de crianças. Porto Alegre: CMC Editora, 2008.
- BERGÈS, J.; BALBO, G. **A atualidade das teorias sexuais infantis**. Porto Alegre: CMC Editora, 2001.
- _____. **Psicoterapias de criança, crianças em psicanálise**. Porto Alegre: CMC Editora, 2010.
- CARPES, M. C. **Freud e a construção do discurso fundador da psicanálise**. 2005. 137f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2005.
- DIDIER-WEILL, A. **Os três tempos da lei**: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- _____. **Invocações**: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.
- GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Um estudo crítico. Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____. O projeto para uma psicologia científica (1895). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. Esboços para uma “Comunicação preliminar” (1893). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. Carta 52 (1896). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. A interpretação dos sonhos (1900). In: **Edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. (1911). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor I). (1912). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974 a.

_____. Repressão (1915). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974 b.

_____. O inconsciente (1915). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974 c.

_____. História de uma neurose infantil (1917). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Além do princípio de prazer (1920). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. Inibições, sintomas e ansiedade (1924). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. Volume 2.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. Volume 3.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HARARI, R. **Palabra, violencia, segregación y otros impromptus psicoanalíticos.** Buenos Aires: Catálogos, 2007.

_____. **O psicanalista: o que é isso?** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

HOUAISS, A.; MAURO de SALLES V. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LACAN, J. **O seminário.** Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. **O seminário.** Livro 10: a angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O seminário.** Livro 19: ...ou pior (1971-1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

_____. **O seminário.** Livro 20: mais, ainda (1973-1974). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **O seminário.** Livro 23: o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **O seminário.** Livro 24: el fracasso del Un-deslizes es el amor (1976-1977). México: Artefactos. Cuaderno de notas. 2008.

_____. O estádio do espelho como campo formador da função do eu (1949). In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: _____. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. O ato psicanalítico (1967-1968). In: _____. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. O aturdito (1972). In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Televisão (1973). In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Joyce, o Sintoma* (1976). In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LAPLACHE J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MALISKA, M. E. **Entre linguística & psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure**. Curitiba: Juruá, 2003.

_____. Glossolalia: polifonia e polirritmia vocal. **Linguagens: Revista de letras, Artes e Comunicação**, v. 4, p. 248-257, 2010.

_____. De uma voz sem palavras. In: LEITE, N. V. MILÁN-RAMOS, J. G., MORAES, M. R. S. **De um discurso sem palavras**. Campinas, SP: mercado das Letras, 2012.

_____. **Gozo(s): do sintoma ao sinthome**. São Paulo: Pontes Editores, 2017.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1986.

MILLER, J. A. (2003). **A formação do analista**. Opção Lacaniana (37), 10-35.

MILNER, J. -Cl. **O amor da língua**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2012.

MONTEIRO, M. P. **A topologia de Lacan**. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org>> Acesso em 25 abr. 2017.

NASIO, J.-D. **Introdução à topologia de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PORGE, E. As vozes, a voz. In: MALISKA, M. E. (Org.). **A voz na Psicanálise: suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 21-45.

QUINET, A. **Os Outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

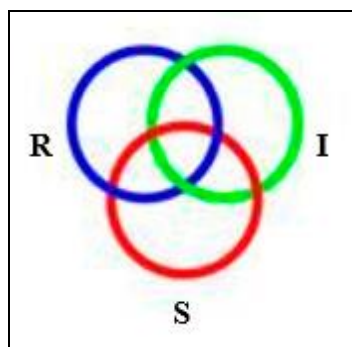
VANIER, A. **Lacan**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

VIVÈS, J. -M. Para introduzir a questão da pulsão invocante. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v.12, n.2, p. 329-341, jun. 2009.

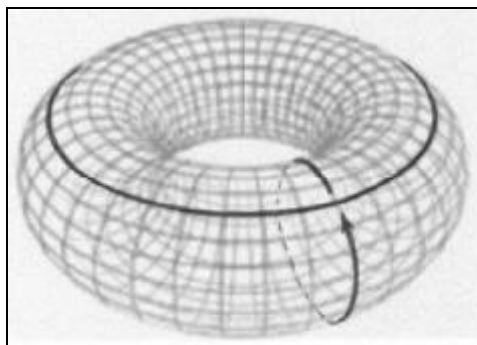
_____. **A voz na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Corpo freudiano, 2012.

_____. **De l'improvisation maternelle**. Artigo encaminhado pelo autor, ainda sem publicação, 2016.

ANEXOS

ANEXO A – O nó borromeano

Fonte: LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 21.

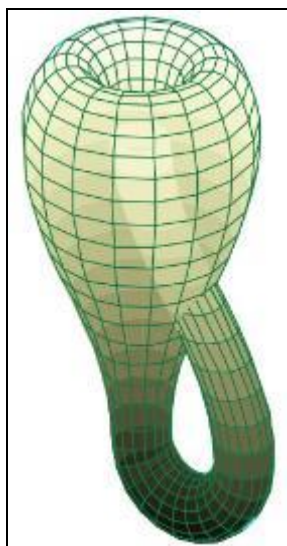
ANEXO B – A demanda e o desejo, figurados pelo toro

Fonte: LACAN, L' Identification (1961-1962, p. 86). Disponível <em Staferia.free.fr>. Acesso em 21 jan. 2018.

ANEXO C – O sujeito dividido e seu dizer – Um dizer significativo, figurados pela banda de Moebius.

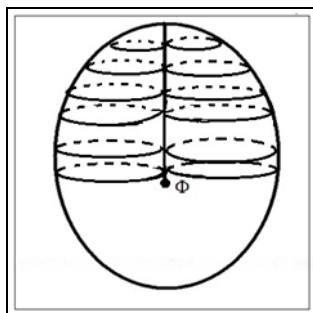


Fonte: <<https://www.google.com.br/search?q=figura+geometrica+da+banda+de+moebius&site>> Acesso em 21jan. 2018

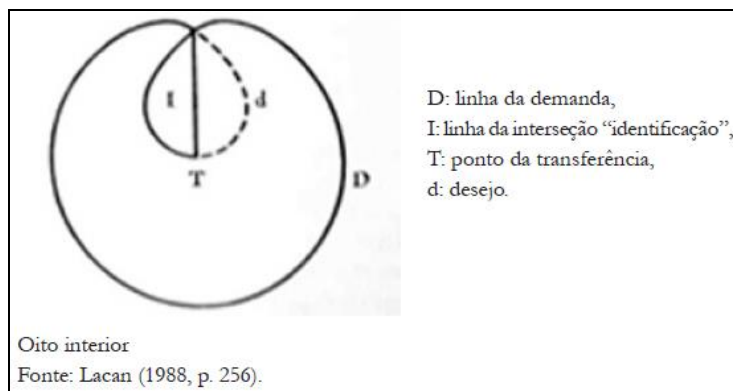
ANEXO D - Um significativo e os outros, figurados pela garrafa de Klein

Fonte: < <http://www.blog.mcientifica.com.br/garrafa-de-klein> > Acesso em 21 jan. 2018.

**ANEXO E – O sujeito em sua relação com o objeto (fantasia), figurado pelo *cross-cap*
(esfera provida de um *cross-cap*)**

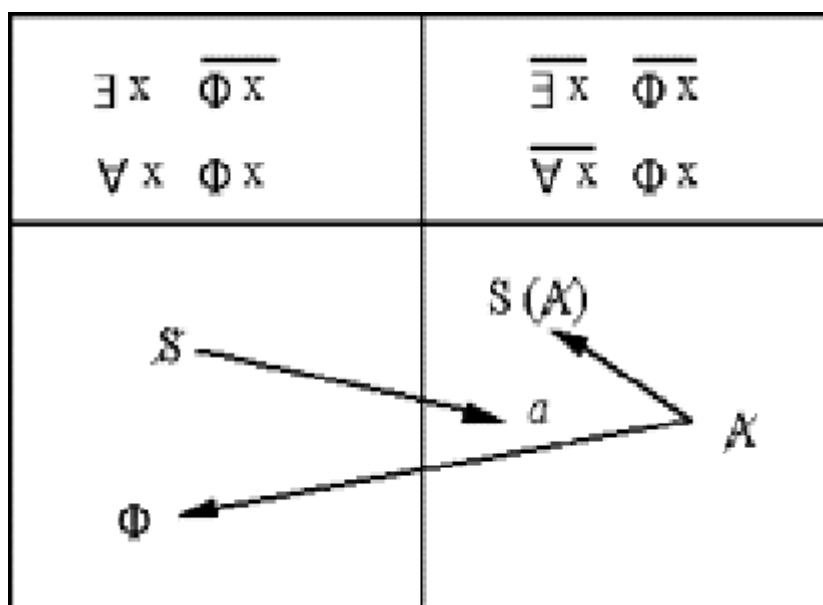


Fonte: <<https://www.google.com.br/search?q=figura+geometrica+da+cross+cap&site>> Acesso em 21 jan. 2018.

ANEXO F – O oito interior

Fonte: LACAN, J. *O Seminário, livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 256.

ANEXO G – As fórmulas de sexuação



Fonte: LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 105.